



Malícia em
alto-mar

Suaave

Lori Wilde

Autora Best Seller do *NEW YORK TIMES*

 HARLEQUIN

 flor
da pele

EDIÇÃO 003

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sem saber conscientemente por que, ela voltou o rosto para ele. A boca de Jeb ficou bem próxima dos lábios dela.

Os lábios dele estavam sobre os dela, deliciosos como caramelos salgados. Ela sabia que, assim como acontecera com os golfinhos, aquela era uma experiência que nunca iria esquecer: o barulho das velas ondulando ao vento do Atlântico, a claridade quente e radiante do sol de verão espalhando milhões de luzes minúsculas nas cristas da água azul, o cheiro da espuma salgada do oceano e aquele belo homem de músculos fortes e cabelo castanho beijando uma mulher prática, que se esquecera de como se divertir.

Ela deveria interromper o beijo. Sabia que sim. O cérebro dela gritava: *Faça alguma coisa! Qualquer coisa! Pare de beijá-lo!*

Mas ela não fez nada disso.

Pelo contrário: passou os braços pelo pescoço de Jeb e puxou-o para cima dela.

Quem era ela? O que estava fazendo? Era como se estivesse servindo de canal para o espírito de alguma sereia que dera uma reviravolta em um belo pescador e o prendera na rede. A imagem era estranhamente excitante.

Você se meteu em confusão, disse a cabeça de Haley.

Querida leitora,

Uma das coisas mais divertidas em escrever é fazer pesquisas. Aparentemente, pode parecer chato. Árido e empoeirado. Horas consultando livros. Mas não é desse tipo de investigação que estou falando. Para escrever *Suave*, precisei ir a uma marina e fazer um passeio de veleiro. Isso me proporcionou uma aula a respeito de veleiros e horas conversando com dedicados velejadores. Foi realmente divertido.

Apreendi muito a respeito de segurança, das diferenças entre as velas, os nomes dos cabos, como colocar um veleiro em movimento, como esticar uma vela, lançar uma amarra e prender um barco, como reverter a virada do casco e a não entrar em pânico quando se cai no mar. Essa experiência me ensinou que velejar é realmente complicado, e renovei o respeito que sinto pelo esporte e pelos velejadores.

Espero que minha dedicação tenha valido a pena e que vocês possam experimentar a sensação de velejar com Jeb Whitcomb e Haley French, o herói e a heroína de *Suave*, que se apaixonam em alto-mar. É uma grande aventura, e agradeço por vocês me acompanharem nessa jornada.

Boa Leitura!
Lori Wilde

Lori Wilde

SUAVE

Tradução
Maria Vianna



2013

Capítulo Um

Avante: na direção da proa.

UM PAVÃO não poderia ter se exibido com mais pompa do que Jeb Whitcomb, quando chegou a vez dele de subir ao palanque montado provisoriamente ao ar livre. Um sorriso satisfeito iluminava o belo rosto bronzeado, e os cantos dos olhos azuis se enrugavam de modo sedutor, enquanto ele se juntava ao governador, no pódio. As mangas da camisa social branca, enroladas até acima dos cotovelos, revelavam antebraços fortes, sombreados por cabelos um pouco mais escuros do que os cachos cor de chocolate ao leite que lhe caíam displicentemente sobre a testa.

– Como reconhecimento pelo seu trabalho incansável, por sua dedicação e pela contribuição financeira em prol da reconstrução da ilha de St. Michael, nós lhe conferimos o primeiro prêmio humanitário Jeb Whitcomb – anunciou o governador Freemont, entregando o troféu dourado a Whitcomb.

No meio do público, Haley French não conseguia acreditar. Whitcomb poderia ter enganado a todos na ilha, mas ela via além do sorriso charmoso e do jeito sexy dele. Ele não fora até ali para ajudar os habitantes de St. Michael. A vinda dele tivera como objetivo inflar o próprio ego. Onde houvesse uma câmera, Whitcomb estava na frente dela.

Flashes pipocavam. Jornalistas faziam perguntas. A multidão aplaudia.

A melhor amiga de Haley, Ahmaya Reddy, deu-lhe uma cotovelada.

– Não seja antipática. Bata palmas.

Contrafeita, Haley aplaudiu, mas fez uma careta.

– Ele é um exibido.

Whitcomb começou a fazer um discurso aparentemente improvisado.

– Ele é um autêntico herói – Ahmaya argumentou. – Sem ele, St. Michael não teria se recuperado tão depressa.

– Ele é um egocêntrico.

– Ah, sim. Pessoas egocêntricas abrem mão da própria vida durante um ano, para reconstruir ilhas com as quais não têm nada a ver.

– Esta é exatamente a questão. Ele não tem nenhuma ligação com St. Michael. Quem o designou como nosso salvador? Eu questiono as intenções dele. Você notou que ele sempre anda cercado de seguidores?

Ahmaya deu de ombros.

– Ele é bonito, rico e divertido. Quem não iria gostar de andar com ele?

– Reconstruir uma ilha inteira destruída por um furacão não deveria ter nada de divertido.

– Você acha que não, mas, de alguma forma, ele conseguiu a ajuda de todos. É por isso que ele merece tanta atenção, para não falar do prêmio: pela habilidade em fazer com que todos trabalhem em perfeita harmonia.

– Ele está fazendo isso porque quer chamar a atenção. Afaga o ego dele.

– E daí se for verdade? – Ahmaya perguntou. Tudo bem, Haley estava sendo muito dura, o que não combinava com ela, mas Whitcomb parecia provocar o que ela tinha de pior. – Os resultados são os mesmos. Graças à generosidade de Jeb, as pessoas voltaram a ter onde morar e os serviços essenciais foram restaurados.

– Ele é impulsivo.

– Ah. – Ahmaya deu um sorriso malicioso. – Entendi.

– Entendeu o quê?

– O motivo pelo qual ele a deixa irritada.

Haley cruzou os braços e inclinou a cabeça de lado.

– Daria para me explicar?

– Ele não corresponde às suas expectativas.

– Eu não espero nada dele.

– Não?

– Para mim, ele não é nada.

– Pensei que vocês dois...

– Claro que não! – disse Haley, ofendida.

– Mas, quase.

Haley corou. Sim, ela quase fizera sexo com Jeb Whitcomb há alguns meses, quando os dois participavam do comitê de reconstrução do hospital. Graças a Deus, ela não chegara a tanto.

– Espere um minuto – disse Ahmaya, estalando os dedos. – Não foi Jeb quem não correspondeu às suas expectativas. Foi você. Você está furiosa com ele porque violou o seu próprio código de ética quando...

– Vamos parar de falar sobre ele, certo? – Para fazer com que Ahmaya se calasse, Haley, deliberadamente, voltou toda a atenção para o palanque.

Jeb segurava um microfone. Andava de um lado para o outro do tablado, animando o público com uma visão exaltada do que St. Michael poderia vir a ser. Haley sabia o quanto aquela exaltação era perigosa. Ainda que brevemente, ele a deixara encantada... Jeb parou de repente, observou o público, e o olhar dele se deteve nela.

Durante um segundo tenso, os dois se fitaram, e Haley sentiu um nó na garganta. Droga, ela não conseguia desviar os olhos.

Jeb parecia tê-la paralisado com o olhar. Abaixara as pálpebras levemente, e a voz adquirira um tom sedutor. Ou talvez fosse obra da imaginação dela, Haley pensou.

– Já que este é o meu último dia em St. Michael, todos estão convidados para a festa que eu vou dar

no meu iate – anunciou.

Ouviram-se gritos de alegria na multidão.

Ele jogou o microfone para o governador e deixou o palanque com um andar confiante, sendo seguido pelo bando de aduladores. A multidão o cercou: as pessoas batiam no ombro dele, tentavam apertar sua mão, mas ele as ignorava, como se estivesse decidido a cumprir uma missão.

Haley levou alguns segundos para perceber que Jeb caminhava na direção dela. *Ah, que diabos, não.*

Ela deu as costas para ele. Deveria ser fácil desaparecer naquela confusão. Tentou se apressar, mas enroscou o dedo do pé em um fio esticado no piso e tropeçou. *Olhe por onde pisa, French.* Ela estendeu as mãos, tentando se segurar, mas acabou se estatelando no chão. Ah, ela odiava se sentir vulnerável.

Atrás dela, ouviu uma risada familiar. Jeb já se inclinava e, antes que Haley conseguisse se mexer, segurou-a pela cintura. Enquanto a ajudava a se levantar, com delicadeza, ela sentiu um perfume cítrico a envolvendo.

– Calma, baby – disse ele em tom amável, abaixando-se para tirar a poeira que ficara no jaleco de Haley.

Ela tentou se afastar, recuando, arfando e se desprezando por ofegar. *Tire a mão da mercadoria, cara.* O pior é que ela não conseguia deixar de encará-lo.

Ele estava muito próximo, vestindo camisa branca, bermudas cáqui, quepe de marinheiro e mocassins, retratando, em cada detalhe, o iatista rico levado pelo vento. Era como se o resto do mundo tivesse desaparecido e só restassem eles dois.

Os olhos azuis de Jeb a fitavam com um brilho bem-humorado. Aquele senso de humor fora a ruína dela. Ela não iria se deixar enganar. Não pela segunda vez. De jeito nenhum. Não havia como. Por fim, ele iria embora da ilha. Ufa! Ela nunca mais o veria de novo.

– Você vai à minha festa, não vai? – Ele passou os dedos levemente pelo braço de Haley.

Sem essa.

– Sem você a festa não vai ter graça – insistiu.

– Eu preciso lavar os cabelos – mentiu ela. Mas, pensando bem, por que mentir? Talvez ela realmente lavasse os cabelos para tirar aquele homem da cabeça.

– Você só precisa tirar alguns grampos. – Com um gesto muito íntimo, ele tocou os cabelos que ela prendera em um coque apertado e puxou, um a um, os grampos, deixando que os cachos caíssem sobre os ombros. – Assim está bem melhor.

Haley recuou bruscamente, com o coração acelerado. *Ah, não. Você não pode gostar disso. Não se permita gostar disso.*

Ele olhava para ela com um brilho no olhar. Sabia que a deixara constrangida e se divertia com isso.

– Eu sou defensora de cabelos limpos. Faço questão de lavá-los todos os dias. – Ela ergueu o queixo.

– Eu sei – murmurou ele em um tom carinhoso e acolhedor. – Você é apegada às próprias regras.

Quem era ele para agir como se a conhecesse? Só porque eles tinham quase... Não importa o que eles quase tinham feito, ela estava resolvida a esquecer. O que realmente a irritava é que fora *ele* que acabara com o encontro dos dois.

– Preciso ir. – Ela pensou em se afastar, mas, por algum motivo inexplicável, não se mexeu.

– Não sei por que eu achei que você fosse à minha festa – disse Jeb. – Srta. Puritana.

– Só porque eu não quero ir à sua orgia, não quer dizer que eu seja puritana.

– Orgia? – perguntou ele, achando graça.

– É uma palavra. Procure no dicionário.

– Você está com medo.

Haley se empertigou.

– Eu não tenho medo de nada. – *Cuidado. Quando se diz uma mentira, o nariz cresce.*

– Discordo. Você tem pavor de se divertir.

Ela bufou.

– A minha ideia de diversão e a sua são muito diferentes.

– Eu sei. O autoflagelo não é o meu passatempo favorito.

Haley retorceu o lábio, resolvida a não sorrir para ele.

– Bem, divirta-se na festa e faça uma boa viagem. – Ele a pegara, no bom sentido. Não a pegara no sentido sexual. Melhor dizendo: ele a *rotulara*. Não fosse por outra coisa, deveria odiá-lo por isso.

– Quando eu for embora, você sentirá minha falta? – Ele se inclinou e deu um largo sorriso.

A noite inteira.

– Nem um pouco.

– Acho que eu pedi por isso.

– Pediu.

Ele piscou para ela.

– Eu vou sentir saudade de você.

– Por que motivo?

– Você é a única pessoa na ilha que me faz sentir como se eu estivesse pisando em ovos.

Não, senhor. Ela não deixaria que aquele homem a transformasse em massa moldável. Ela era muito mais do que isso.

– Você quer andar sobre ovos? Use saltos altos.

Jeb jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Eu também adoro o seu senso de humor.

– Eu não estava tentando ser engraçada. – Haley cruzou os braços.

– Você é a única pessoa que não gosta de mim, e eu não consigo imaginar por quê.

– Não é preciso que todos gostem de você. Por que se importa se eu gosto ou não?

– Porque *eu* gosto de você.

– Você gosta de todo mundo.

– É verdade – disse, aproximando-se. – Mas não tanto como eu gosto de você.

Ela levantou a mão, fazendo sinal para que ele parasse.

– Você não gosta de mim. Você gosta de um desafio.

Os olhos azuis cristalinos de Jeb brilharam.

– Devo admitir que gosto de um desafio. Quanto mais você resiste, mais eu desejo você... – Ele fez uma longa pausa que levou o coração de Haley às alturas, antes de acrescentar. – Na minha festa.

– Nem tudo o que se deseja acontece.

Jeb deu uma enorme gargalhada, mostrando uma carreira de dentes muito brancos. O problema com aquele homem era esse. Ele era perfeito demais, e todas as mulheres o desejavam. Como a loura que estava parada ao lado dele e batia os cílios postiços.

– Os seus admiradores o esperam.

– O quê?

Haley indicou a loura. Jeb mal olhou para a mulher e se voltou para Haley.

– Vá à minha festa.

– Acho que não. O meu cabelo realmente leva muito tempo para secar. – Ela brincou.

Ela não podia deixar que ele soubesse o quanto a provocava. Se ele soubesse que era o maior astro das fantasias sexuais dela, ela nunca se livraria dele. Ela se recusava a ser como as outras mulheres que se jogavam aos pés de Jeb.

Sim, ele era bonito, era rico. Sim, ele tinha personalidade e exalava carisma pelos poros. Aqueles eram exatamente os motivos pelos quais ela não estava interessada. Jeb Whitcomb era um homem extremamente superficial.

– Será a última vez que você vai me ver. – Ele fez uma cara de cachorro sem dono. – Não quer me dizer adeus?

– Adeus. – Ela agitou os dedos.

– A festa não será a mesma sem você.

– Você não sentirá a minha falta.

Ele inclinou a cabeça de lado e a olhou com um brilho intenso nos olhos.

– Ah, é aí que você se engana.

– Não adianta, Whitcomb.

Ele deu de ombros.

– Um homem tem direito de sonhar, não tem?

– Contanto que fique no sonho...

Ele estendeu a mão e tocou as costas da mão dela. Haley sentiu um arrepio.

– Vou sentir saudade de você.

– Nesse caso, é só você.

– Ai. – Ele riu e colocou a mão no peito. – Você joga duro.

– Nunca se esqueça disso.

A loura ao lado dele se aproximou mais um pouco e pigarreou.

– Sr. Whitcomb, eu sou da *Metropolitan Magazine* e gostaria de escrever um artigo a seu respeito.

Jeb se voltou para a mulher.

– Pois não?

Com a mão ainda ardendo por ter sido tocada por ele, Haley se aproveitou do momento de distração de Jeb e se misturou à multidão. Ótimo. Ela se sentia como o martíni de James Bond: mexida e não... Ah, a quem ela enganava?

Ela fora mexida e misturada.

JEB SORRIU, passou a mão na nuca e umedeceu os lábios. *Uau, você pode estacionar esse rebolado no meu quintal quando quiser.* Ele inclinou a cabeça de lado e observou a cintura e os quadris curvilíneos de Haley.

Sentiu o pulso acelerar e o corpo enrijecer. Apesar da brisa fresca do oceano que soprava por entre as palmeiras, ele sentia o calor se espalhar pelo corpo. Ele respirou profundamente, tentando recuperar o equilíbrio. A verdade é que sentiria falta dela. Ele gostava de discutir com Haley. Ela era corajosa, impertinente e tinha ideias próprias.

A última pessoa que o desafiara daquela maneira tinha sido a ex-namorada dele, Jackie Birchard. Entre as dezenas de namoradas que ele tivera, Jackie fora a única que lhe dera o fora. Isso fizera com que ela se sobressaísse na multidão. A única mulher que ele não conseguira enfeitiçar.

Quer dizer, até ele conhecer Haley. Infelizmente, embora tivessem chegado muito perto, não haviam se acertado.

Jeb sorriu ao se lembrar. Se quisesse, poderia tê-la levado para a cama. Quando se beijaram na praia, ao pôr do sol, alguns meses antes, as faíscas provocaram um incêndio de um jeito que ele nunca sentira, e isso significava algo. Haley o desejara tanto quanto ele a desejara, talvez até mais, mas ela nunca iria admitir isso.

Mas, surpreendentemente, fora ele quem parara, antes de perderem o controle por completo.

Ele parara por dois motivos. Um: sabia que Haley se arrependeria na manhã seguinte. Ela era rígida em relação aos códigos de conduta e se mantinha presa a altos padrões de comportamento. Dois: ele estava tentando provar a Jackie que ela estava errada em relação a ele. Ele não era um playboy egocêntrico, de pouco caráter. Conseguia se controlar.

E, sim, fora extremamente difícil parar de beijar Haley e mandá-la de volta para casa com os desejos frustrados.

Não se podia ganhar todas, não é? Estava na hora de seguir em frente. O trabalho em St. Michael havia terminado. Ele executara sua proposta. Ajudara a reconstruir a ilha. Podia voltar para casa de cabeça erguida.

– Quanto à entrevista, sr. Whitcomb... – disse a repórter loura com um sorriso iluminado como um arco-íris.

Imitando o sorriso dela, Jeb se voltou e lhe indicou o caminho, mas não resistiu a dar mais uma olhada por sobre o ombro para ver Haley.

Ela parou e se voltou.

Os olhares dos dois se encontraram.

Peguei você! Pode negar o quanto quiser, querida. Você me quer. Ele teve a coragem de piscar o olho para ela.

Haley ficou vermelha e franziu os olhos, com desprezo. Abaixou a cabeça e se foi, deixando Jeb lamentando profundamente a noite que não tinham tido.

DEITADA NA cama do bangalô que dividia com Ahmaya, Haley comia biscoitos de chocolate e saboreava o recheio de creme raspando-o com os dentes da frente. Quando ela se sentia estressada, aquilo era um calmante. Sim, ela sabia as desvantagens de acalmar o estresse com açúcar, mas, quando se sentia daquele jeito, pouco se importava.

A habitação era simples e apertada, porém muito melhor do que a tenda onde morara depois da passagem do furacão Sylvia. Estava tentando não pensar em Jeb, mas ele não saía de sua cabeça, sempre aparecendo nos momentos mais indesejáveis.

Por quê?

Sim, ele era rico, bonito, autoconfiante, mas também era convencido e excessivamente liberal com os sentimentos. Imaginem! Ele a chamara de baby e lhe tirara os grampos de cabelo, e ela ficara parada e deixara. De repente, ela se arrepiou e cruzou os braços.

Ahmaya estava diante do espelho da porta do closet, examinando a própria imagem depois de se preparar para a festa.

– O que você acha dessa saia?

– Muito curta.

– Ótimo – murmurou Ahmaya.

– Você vai vestida assim mesmo?

– Vou. Se você acha muito curta, quer dizer que ela está no comprimento ideal.

Haley sentou na cama.

– Está dizendo que eu sou puritana?

– Ahã, mais ou menos. – Ahmaya passou os dedos por entre os cabelos pretos brilhosos e lisos.

– Eu não sou puritana! – protestou Haley, tentando controlar o mal estar na boca do estômago. Seria mesmo? Não queria ser, mas tinha certos princípios, dos quais não pretendia abrir mão.

– Então, prove.

– O quê?

– Prove que não é puritana.

– Eu não tenho que provar nada.

– Você não xinga.

– E daí?

– Pessoas puritanas não xingam.

– Prefiro usar um bom vocabulário. Isso é errado?

– Puritanismo.

– O quê? – Haley ergueu os braços. – Eu deveria sair por aí com um palavreado da pesada só falando palavrão para provar que não sou puritana? Tudo bem. – Ela soltou alguns palavrões.

Ahmaya ficou surpresa.

– Eu não sabia que você conhecia essas palavras.

– Eu sou enfermeira. Já ouvi piores. Xingar me parece grosseria e falta de educação.

– Algumas vezes – Ahmaya sorriu. – Mas é divertido ser mal-educada.

– Se é o que você diz...

– Puritana.

– Vamos começar com isso outra vez?

– É a sua maneira de ser.

– Eu não acho que *puritana* seja a palavra correta. Se você quiser, sou *prudente*, mas não *puritana*.

– Hum... – Ahmaya calçou um par de sandálias com saltos quilométricos. – Prove.

– Acabo de provar.

– Não xingando, mas indo comigo à festa de Jeb. Eu preciso de companhia.

– Você não precisa de companhia.

– Todos precisam de companhia.

– Chame Jesse. Tenho certeza de que ela irá.

– Ela está de plantão.

– Eu não quero ir, Ahmaya.

– Mas você tem carro.

– Fica a menos de um quilômetro. Você pode ir de bicicleta.

– Vestida assim? – Ahmaya fez um gesto dramático, apresentando a roupa sexy. Ela tinha razão.

Sandálias Jimmy Choo não eram feitas para pedalar. Ahmaya caiu de joelhos diante de Haley e juntou as mãos. – Por favor, por favor. Eu preparo o carrinho da enfermagem para você durante o mês inteiro.

Haley suspirou.

– Você sabe que eu não gosto de festas.

– De fato, eu acho maravilhoso que você se dedique a causas altruístas, a salvar pessoas e tudo mais, mas você não pode trabalhar ou pensar em trabalho 24 horas por dia, a semana inteira. Você precisa se divertir, perder o juízo...

A observação fez com que Haley se lembrasse da maneira como Jeb puxara os grampos. Ela controlou um tremor. Ele levara os grampos dela e iria tirar proveito deles se ela fosse à festa e os pedisse de volta.

– Você é a garota de 27 anos mais desanimada que eu conheço – Ahmaya resmungou, amuada.

Aquilo doeu.

Haley considerava a autodisciplina uma qualidade, não um defeito. Fora isso que a levara a cursar a escola de enfermagem, obtendo a média máxima da qual ela se orgulhava.

– Um pouco de diversão não vai matá-la. Todos estarão lá. Encare como uma oportunidade de expandir contatos. – Ahmaya bateu as longas pestanas negras. – Arrume-se, por favor...?

– Ah, está bem, mas eu só vou tomar uma bebida e dar o fora.

– Você vai beber bem devagar, não vai?

– Uma hora. Eu ficarei uma hora. Se você estiver disposta a vir embora depois de uma hora, poderá voltar comigo. Se não, vai precisar voltar sozinha.

O rosto de Ahmaya se iluminou com um sorriso de alegria, e ela estendeu a mão.

– Fechado.

Soltando um suspiro, Haley apertou a mão dela.

– Agora precisamos encontrar algo sexy para você vestir – disse Ahmaya.

– Não. Não precisamos. Um jeans e uma camiseta servirão.

Ahmaya ficou chocada.

– Cale a boca. Vai ser uma festança. Você não vai parecendo uma caipira.

– Eu vim para cá com a Cruz Vermelha e fiquei para trabalhar. Só tenho jalecos e jeans.

– Ah. – Os olhos de Ahmaya brilharam. – Mas *eu* tenho vários vestidos de festa. A minha irmã me mandou uma caixa cheia deles no mês passado.

– Você veste tamanho 38.

– Você não é muito maior do que eu. Aposto que podemos enfiá-la no meu vestido tubo azul. Ele tem um corte grande, e azul é a cor que fica melhor em você. – Ahmaya procurou no guarda-roupa, encontrou o vestido e o jogou para Haley. – O vestido é meio sem graça para o meu gosto, mas deve satisfazer o seu.

– Eu não gosto muito de estampados florais. São muito juvenis.

– Não me venha com desculpas. Experimente. – Ahmaya colocou as mãos na cintura.

Com relutância, Haley despiu o jaleco e colocou o vestido. Ele acentuava as curvas dela, e a barra mal lhe chegava ao meio das coxas. *Alô, onde fica o palco do teatro de revista? A vedete chegou.* Haley repuxou a barra do vestido, tentando esticá-lo.

– Está muito curto.

– Você tem pernas sensacionais. Por que está com medo de mostrá-las?

– Eu não estou com medo. Só não estou interessada em parecer uma periguete.

– Você está dizendo que eu sou uma periguete?

– O vestido não fica tão justo em você, e você tem 5 centímetros a menos.

– Orgulhe-se das suas curvas, Haley. Eu estou com inveja.

– Está muito apertado no busto.

– Está perfeito. É assim que um vestido sexy deve ficar.

– Preciso de um sutiã sem alças.

Ahmaya olhou para ela com ar malicioso.

– Vá sem sutiã.

– Meus mamilos vão aparecer.

– Se você quiser, eu tenho nippies. Chega de desculpas.

– O que são nippies?

– Nossa, você vive na idade da pedra? São protetores de mamilos.

– Eu vivo numa ilha devastada por um furacão. As minhas preocupações se dirigem a necessidades mais básicas do que à moda.

– Tem razão! Pode deixar de ser estraga-prazer pelo menos uma vez na vida?

Haley ficou assustada.

– Eu sou mesmo estraga-prazer?

– Um pouco. Nem todo mundo vive de acordo com o seu credo: trabalho, trabalho e trabalho. Às vezes, as pessoas precisam de algo para distrair a cabeça das coisas ruins que acontecem. Jeb entende isso muito bem.

O comentário da amiga paralisou Haley. Não era a primeira vez que ela ouvia alguém dizer que ela se concentrava demais no trabalho e que fazia tudo de acordo com as regras. Será que todos a viam como intransigente? Sim, ela era cuidadosa por natureza, firme nas opiniões e nos princípios. Por que isso deveria ser visto como negativo? Por que ela se sentia sempre em descompasso com outras pessoas da idade dela?

– Se você não for perfeita a cada minuto do dia, Haley, o mundo não vai acabar – Ahmaya falou em tom amável. – Por favor, tente se divertir esta noite. Você promete?

Haley realmente queria se encaixar. Queria que as pessoas gostassem dela.

– Vou tentar, mas o motivo principal para eu não querer ir é que Jeb Whitcomb vai estar lá.

– Claro que vai estar. A festa é dele.

– Ele é muito convencido. Acha que todas as mulheres querem se jogar aos pés dele.

– A maioria quer.

– Eu não.

– Você quer fazê-lo sofrer de verdade?

Haley ficou curiosa.

– Como eu faria isso?

– Apareça maravilhosa. Deixe que ele veja o que nunca vai ter. Esfregue na cara dele.

Hum... Ela gostou da ideia. Garota sádica.

– Certo. É o que vou fazer.

– Viva! – Ahmaya aplaudiu. – Agora você me deixa fazer a sua maquiagem?

Haley tentou resistir, porque Ahmaya tinha a tendência de exagerar na maquiagem, mas logo mudou de ideia. Ela resolvera provar que poderia se divertir como todo mundo, ainda que isso lhe custasse.

Mas, acima de tudo, ela queria dar a Jeb Whitcomb um adeus que ele nunca iria esquecer.

Capítulo Dois

Drapejar: movimento ondulado da vela quando não está bem esticada.

JEB ESTAVA radiante. Adorava dar festas e gostava de multidões. Ter muita gente à volta dele o alegrava e o enchia de energia.

O sol ainda não se escondera, mas a festa já estava bombando. “Everybody Have Fun Tonight” explodia pelos autofalantes, e os convidados dançavam superanimados. O barman contratado servia os drinques com os mesmos movimentos de Tom Cruise em *Cocktail*. O iate estava lotado. As pessoas se espalhavam pela prancha de embarque e pelo cais. Garçons serviam deliciosos canapés, enroladinhos de camarão, espetinhos de frango ao molho tailandês, pastéis de massa folhada recheados com lagostins, salgadinhos de salmão defumado, bolinhos recheados com rosbife temperados com raiz forte e cogumelos recheados com siri. Lanternas japonesas e velas de citronela proporcionavam uma claridade discreta. O ar cheirava a sal e a calma.

Jeb sorria para todos. Vestindo camisa de seda azul com colarinho abotoado, calças de algodão e mocassim sem meias, segurava um copo servido com Scotch misturado com água. Belo número de convidados. O número de convidados sempre era grande nas festas de Jeb.

Entretanto, faltava uma pessoa. A pessoa que ele mais queria ver.

Você realmente não tinha esperanças de que ela viria, tinha?

Não, ele não tinha. Por que ela o desprezava com tamanha vontade? Por que ele se importava tanto? Se quisesse Jackie de volta, Jeb deveria resistir ao encanto de outras mulheres. A ex-namorada deveria estar impressionada com o que ele fizera em St. Michael. Ele provaria não ser imaturo e que era capaz de se dedicar seriamente a ajudar os outros.

O administrador do hospital se aproximou para agradecer de novo pela ajuda de Jeb, que o cumprimentou e fingiu ouvi-lo com atenção, mas o olhar continuava a percorrer o cais, observando os convidados que chegavam.

Nada de Haley.

Qual era o problema? Ele deveria estar feliz por aquela mulher briguenta estar fora da vida dele. Na manhã seguinte, Jeb estaria a caminho de casa, na Flórida. Ele deveria estar pensando em Jackie, que

ficaria surpresa ao vê-lo.

Sim! Voltaria para casa. Ele sentia saudade de Miami e estava agitado só de pensar em rever Jackie e em lhe mostrar o quanto mudara, mas não conseguia deixar de desejar ter se despedido de Haley. Sentiria falta da maneira como ela o desafiava sempre que o encontrava. Poucas pessoas faziam isso com ele.

Uma delas era Jackie.

Fazia tanto tempo que ele não a via, que começava a atribuir a Haley algumas características da ex-namorada. Era isso. Era só o que podia ser, porque ele desistira de ser um mulherengo e estava orgulhoso da própria moderação.

Um ano.

Fazia um ano que ele estivera com uma mulher. Era o recorde dele, desde que perdera a virgindade aos 16 anos. *Veja, Jackie, eu mudei!*

O governador e a esposa se juntaram à conversa com o administrador do hospital. Jeb piscou para a mulher, uma senhora avantajada de cerca de 50 anos, que usava um vestido longo e colorido.

– A senhora está muito bonita esta noite, sra. Freemont.

Ela corou como uma garota e abaixou a cabeça.

– O senhor é extremamente galanteador.

Disparado, não havia dúvidas de que a maioria das mulheres era muito fácil de encantar. Bastava fitá-las nos olhos, fazer um elogio e ser sincero. Aquela parte era essencial: era preciso amar realmente as mulheres. Acrescentando-se a isso uma piscadela de cumplicidade, elas se derretiam.

Todas, exceto Jackie.

E Haley.

– Vocês não estão bebendo nada? – perguntou Jeb aos Freemont. – Vou reparar esse erro agora mesmo. – Ele se encaminhou ao balcão dos garçons, repleto de bandejas de canapés, ordenou que servissem as bebidas e voltou para retomar a conversa, quando a atenção dele foi atraída, de repente, por uma loura de pernas longas que atravessava a prancha de embarque.

Ela usava um vestidinho azul estampado com minúsculas flores brancas e muito pequeno para ela. Os seios balançavam com irreverência, levando-o a deduzir que ela não estava usando sutiã.

Jeb, de imediato, começou a sentir uma certa parte de seu corpo dando sinais de vida. O olhar dele foi subindo dos pés delicados ornados por altos sandálias de salto até percorrer as coxas incríveis, passando pelos quadris largos com cintura estreita e, finalmente, pousando sobre os seios sem sutiã. Por fim, olhou para o rosto dela.

Jeb sentiu o coração fraquejar.

Não era possível! Aquela top model com sobrancelhas perfeitamente arqueadas e batom cor-de-rosa não podia ser Haley French.

Ele arregalou os olhos e ficou mudo. Claro que ele sabia que ela era bonita, mas não tinha ideia de que ela poderia ficar daquele jeito: estonteante.

– Com licença – disse ele com educação para os Freemont e para o administrador do hospital, deixando a bebida de lado e caminhando, resoluto, na direção de Haley.

Ela arregalou os olhos e pegou o braço da moça de cabelos negros que estava ao lado dela. Disse algo rápido e ligeiro para a amiga, sacudiu a cabeça, deu meia-volta e desceu pela prancha.

– Espere! – gritou Jeb, atravessando a multidão.

Mas Haley não se deu o trabalho de olhar para trás. A amiga ficara parada no meio da prancha,

parecendo confusa.

– Ei, Jeb! Eu estava esperando para falar com você – falou alguém.

– Bela festa – disse uma bela mulher ao lado dele.

Um homem bateu no ombro dele.

– Vamos sentir sua falta em St. Michael.

– Desculpe, com licença... – Jeb ignorava a todos. Por que estava tão desesperado para impedir que ela fosse embora?

Ele passou pela amiga de Haley e chegou ao fim da prancha de embarque. Haley estava quase a 5 metros de distância. Já estava saindo do cais e subindo a escada que ia para o estacionamento da marina.

– Haley!

Ela não se virou.

Ele começou a correr. Igual a um pateta. *Você está arruinando a sua imagem, cara. Pare com isso.*

Jeb chegou ao pé da escada no mesmo momento em que Haley chegava ao topo.

– Não vá embora, baby.

Ela parou e se voltou para olhar para ele. Uma perna sexy fincada no solo, a outra no último degrau da escada.

– O que você disse?

– Baby, por favor, não vá embora.

– Baby? Você me chamou de baby?

Ele deu de ombros, sem graça.

– Desculpe, é apenas uma expressão.

– Você acha que eu pareço uma criança?

– Não, senhora. De jeito nenhum, nem no jeito nem na forma.

Ela desceu alguns degraus devagar, com os olhos chispando. Jeb sentiu o sangue ferver nas veias.

– A palavra baby também é geralmente usada como uma expressão carinhosa entre namorados – disse Haley.

– Ahã – concordou ele.

– Nós somos namorados?

– Infelizmente, não. – O que estava acontecendo? Ele amava Jackie. Estava tentando não seduzir outra mulher e, durante um ano, fora um bom menino. Deveria dar adeus a Haley e voltar para a festa.

– Eu não sou criança e não somos namorados, certo?

– Certo.

– Portanto, sob nenhuma circunstância, você vai me chamar de baby outra vez, entendeu?

Ele fez uma continência.

– Entendi. Nada de baby. Nem agora nem nunca. A palavra foi riscada do meu vocabulário.

– Ótimo. Eu não acho a palavra adequada nem para amantes. Infantilizar o outro não é maneira de formar um laço maduro de amor.

– Você tem opiniões firmes a esse respeito.

– Tenho.

– Você realmente não gosta muito de mim, gosta?

– Não em especial.

– Por que você veio esta noite?

– A minha amiga Ahmaya precisava de uma companhia e de uma carona. Ela não tem carro.

– Você pretendia deixá-la e ir embora?

Por um instante, ela pareceu envergonhada, mas logo se recuperou.

– Ahmaya é uma mulher adulta. Pode tomar conta de si mesma.

– Mas, ainda assim, você veio com ela. – Ele a olhou de cima a baixo. – E vestida desse jeito, devo acrescentar.

Haley enrubesceu até o pescoço.

– O vestido é de Ahmaya.

– Você está deslumbrante.

– Ah, isso faz com que eu me sinta especial – falou ela com desprezo. – Aposto que você disse o mesmo para dúzias de mulheres, só esta noite.

– Dúzias de treze – brincou ele.

Ela relaxou um pouco os ombros e deu um leve sorriso. Uma pequena vitória. Com Haley, ele colhia triunfos onde conseguia.

– Você ainda pretende fugir?

– Eu não estou fugindo.

– Para mim, parece que está.

– Eu não posso correr com esses saltos. Eu estava indo embora calmamente, ou melhor, tropegamente.

– Por quê?

– Eu não gosto de festas.

– Por que não?

– Elas têm muita gente. Eu não gosto de multidões.

– Ah, você esquece que eu a vi em ação nos campos de atendimento, logo depois do furacão Sylvia. As tendas eram mais apertadas do que latas de sardinha... E você estava bem no meio delas.

– Aquilo foi diferente. Eu estava ajudando as pessoas.

– Vamos voltar à festa – Ele pediu. – Eu deixo você executar os primeiros socorros se alguém se engasgar com um canapé.

Ele a viu sorrir de novo, sentiu o coração dar uma batida fora de compasso e estendeu a mão para ela.

– Vamos lá...

Os dois ficaram parados por um momento. Haley, alguns degraus acima; Jeb, no primeiro degrau da escada, suplicante, com a mão estendida.

– Não me deixe esperando, ba... – Ele quase disse baby, mas parou a tempo.

– Por que eu deveria voltar à sua festa?

– Para começar, você é uma boa amiga. Ahmaya precisa de você.

– Golpe baixo.

– Vou usar todas as armas do meu arsenal.

– Por quê?

– Por que, o quê?

– Por que você se importa tanto que eu esteja ou não na sua festa?

Era uma boa pergunta. Ele não tinha uma resposta na ponta da língua e acabou confessando a verdade.

– Eu estou cansado de estar cercado de vacas de presépio. Preciso de alguém que saiba como orçar um veleiro.

– Orçar o quê?

– Não existem freios em um veleiro. A única maneira de diminuir a velocidade é manejar as velas. Isso quer dizer: controlar a testa ou “luff” da vela grande e aproximar a proa da embarcação da linha do vento, para que este a atinja obliquamente.

– Em outras palavras, eu sou um freio?

– Bem, você sabe que tem mania de regras, de etiqueta, de comportamentos adequados e tudo mais – disse ele, sacudindo a mão.

– Foi um balde de água fria.

– Eu não disse isso.

– Uma estraga-prazer.

– Eu também não disse isso.

– Por que você iria querer um freio na sua festa? Espera-se que as festas sejam animadas, sem barreiras. Você deveria querer um acelerador, não um freio.

– Não fique ofendida com o comentário sobre o freio. Um freio é algo bom – disse Jeb. – É extremamente necessário. Um freio nos mantém seguros.

– Como uma mãe?

Jeb passou a mão na cabeça.

– Isso não está indo bem, está?

– Nem um pouco. – Haley cruzou os braços, mas o sorriso reapareceu e, desta vez, durou alguns segundos a mais.

– Venha orçar minhas velas, Haley.

Ela hesitou. Há! Ele a apanhara.

– Você já está vestida para impressionar. Por que desperdiçar o visual? – insistiu ele.

– Eu não sei por que ainda estou pensando nisso.

– Porque há uma parte de você que não quer passar a noite sozinha, lavando a cabeça.

– Eu não me importo em ficar sozinha.

Ela era um osso duro de roer.

– Tudo bem – disse Jeb. – Mas você não sabe o que está perdendo. – Assumindo um risco calculado, ele se virou para ir embora.

– Espere – disse Haley.

Jeb sorriu e parou, mas não se voltou.

– Sim?

– Eu estou *morrendo* de fome. Eu vou, em troca de comer alguma coisa. – O barulho dos saltos altos contra o metal dos degraus da escada ressoou na escuridão.

Jeb flexionou o braço e o ofereceu a ela. Para surpresa dele, Haley aceitou.

– Só porque estou usando saltos altos – explicou ela, enquanto enlaçava o braço no dele, como se soubesse o que ele pensava.

Assim que ela o tocou, foi como se ela tivesse atado fogo nele. Jeb engoliu em seco. Que bom que, no dia seguinte, ele estaria levantando âncora. Mais um dia com Haley, e não se sabia o que poderia acontecer.

HALEY NÃO sabia por que deixara a fala macia de Jeb Whitcomb convencê-la a voltar para a festa. Em parte, ela realmente estava com fome e odiava cozinhar só para ela. Além disso, fizera uma promessa a Ahmaya. Mas havia uma parte que ela não queria cutucar: a parte que *gostava* de estar perto de Jeb.

Assim que chegaram ao convés do iate de Jeb, Haley soltou o braço dele, perturbada ao descobrir que estava sem fôlego.

– O que gostaria de beber? – perguntou Jeb.

– Você não precisa pegar bebida para mim.

– Não é nenhum problema. – Ele acenou para um garçom de luvas brancas no balcão.

Haley imaginou que muitas mulheres se deixariam impressionar pelo papel de comandante e mestre de Jeb. Qualquer desejo dele era uma ordem. Sedutor, com certeza, mas ela desconfiava de tudo que não resultasse de trabalho árduo.

O garçom apareceu e se aproximou de Jeb.

– Pode, por favor, trazer uma bebida para a srta. French? Um...

– Um refrigerante diet.

– Está brincando!

– Eu não bebo.

– Nunca?

– Raramente. Noite de Ano-Novo, brindes de casamento, esse tipo de coisas.

– Esta é a minha festa de despedida.

– E daí?

– Você não vai me desejar boa viagem?

– Posso brindar com refrigerante diet.

Jeb lançou um olhar de cumplicidade maliciosa para Haley.

– A-há.

– O que foi?

– Nada – Ele deu de ombros.

– O “a-há” queria dizer alguma coisa.

– Não era nada importante.

– Então, por que você não me diz?

– Descobri algo a seu respeito – falou ele sorrindo enquanto ela contraía os cantos dos lábios para baixo.

– O que foi?

– Você tem medo de perder o controle.

– O que há de errado nisso?

– Eu não disse que havia algo de errado. Só tive um insight.

– Eu gosto de me manter alerta.

– Abra uma exceção – disse Jeb.

– Você quer que eu fique tonta?

– Talvez.

– Por quê?

– Para provar que você consegue se soltar.

– Eu não preciso provar nada a você.

Ele se aproximou.

– Não, mas não seria divertido parar de pensar tanto, pelo menos uma vez, e relaxar?

– Há cinco minutos, você estava me dizendo que precisava de alguém que soubesse como frear o veleiro.

– Se a vela ficar a barlavento, você nunca irá navegar.

– Não há nada de errado com terra firme.

– Você não gosta de navegar?

– Eu sou marinheira de água doce – resmungou ela. O garçom pigarreou.

– Você está prendendo o pobre homem – disse Jeb. – O que vai beber? Nada de refrigerante, a não ser que seja cuba libre.

Ela pensou em se manter fiel à decisão dela, mas seria mais fácil ceder. Havia um ponto em que não se podia mais argumentar, não é? *Escolha suas batalhas, Haley. Nem tudo é digno de uma cruzada*, ela repetiu para si mesma o conselho que a mãe costumava lhe dar.

– Vinho branco, doce e com baixo teor de álcool.

– Hum... – Ele falou em tom divertido. – Pensei que você iria preferir algo amargo como um salty dog.

– O que é um salty dog?

– Suco de grapefruit com vodca e sal espalhado na borda do copo.

– Quando se trata de álcool, quanto mais doce, melhor. – Ela torceu o nariz. – Eu não gosto do sabor.

– Traga-lhe uma taça de Luccio Moscato D’Asti. – Jeb pediu ao garçom.

O garçom inclinou a cabeça, bateu os saltos dos sapatos de verniz e se dirigiu ao bar.

– O que é Moscato não sei o quê?

– Um vinho branco leve, com cinco por cento de álcool. Não embriaga nem gatinho. Você vai adorar.

– Parece perfeito. – Ela viu Ahmaya cercada por um grupo de homens. Dispensava qualquer ajuda.

– Venha. – Jeb segurou-a pelo cotovelo e a levou até o bufê.

Haley queria resistir por princípio, porque ele agiu com muita autoridade, mas o convés estava lotado e, calçando saltos absurdos, era bom que ele a ajudasse a percorrer o caminho até a comida. O que a deixava mais desconcertada era a sensação que os dedos dele provocavam na pele dela. A mesma sensação que ela adorara quando ele a beijara na praia, havia vários meses. E que, para ser sincera, era o motivo fundamental para ela querer evitá-lo.

Ele passou um prato para ela, e o garçom trouxe a bebida. Enquanto ela se servia, Jeb solicitamente segurou a taça dela. O gesto cavalheiresco, sem dúvida, era parte do ritual de sedução. *Não se deixe levar pela gentileza dele: é uma armadilha.*

– Você não vai comer nada? – perguntou Haley a ele.

– Quando estou comendo, não dou a atenção que meus convidados merecem.

– Sinta-se à vontade para circular. – Ela o dispensou. – Não deixe que eu o prenda.

– Ah, mas você é uma das minhas convidadas. Quero ter certeza de que você receba tudo o que precisar.

O estômago de Haley roncava, e ela caprichou no prato enquanto ele esperava. Depois, ele a fez descer até o convés inferior, onde encontraram duas pessoas sentadas. Jeb cochichou alguma coisa, as pessoas levantaram e, com um gesto vitorioso, ele indicou as cadeiras a Haley.

– Você os mandou embora?

– Eu perguntei, educadamente, se eles cederiam lugar para uma dama cujos pés estão doendo.

– Eu poderia muito bem comer de pé.

Jeb sentou e bateu no assento ao lado.

– Por favor, sente-se, Haley.

A maneira como ele disse o nome dela, como se fosse o som mais delicado do mundo, deixou-a arrepiada. Ela sentou com relutância e colocou o prato sobre os joelhos, tomando cuidado para mantê-los juntos, por causa do tamanho da saia. Em vez de olhar para ele, ela se concentrou em soltar um pedaço de frango do espeto de madeira.

– Estou feliz por você ter vindo esta noite.

– Isso é com você.

– Você rebate tudo o que eu digo – protestou.

Ela sorriu. Era verdade.

– Como está o vinho?

– Ainda não provei. – Ela deu um gole. Uau! O vinho descia redondo e macio. – Gostei. Lembra um pouco suco instantâneo.

– Ah, algo que você aprova. Devidamente anotado.

– Não precisa anotar. Esta é a última vez que nos vemos.

– Você parece feliz.

Feliz, não. Aliviada. E grata por ter conseguido evitar os encantos de Jeb e ficar fora da cama dele, apesar de ter escapado por pouco.

Jeb tocou a mão dela.

– Vou sentir sua falta, Haley. Nunca conheci alguém como você.

Ela puxou o braço.

– Enroladinhos deliciosos. Meus cumprimentos ao bufê.

– Transmitirei seus cumprimentos ao *chef*.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos.

– Você é uma das trabalhadoras mais dedicadas que eu já conheci.

– Obrigada. – Aonde ele queria chegar?

– Admiro a sua franqueza. Nada de rodeios.

– Falando nisso... – Ela limpou os dedos no guardanapo. – Deixe-me esclarecer uma coisa. Eu não vou passar a noite com você. Nem que fosse a minha última noite no mundo.

– Ufa! – Ele deu uma gargalhada, recostou na cadeira e bateu a mão na testa, como se estivesse aliviado.

Ufa? Haley franziu a testa.

– Porque a última coisa que eu quero fazer é dormir com você – disse.

Ela olhou para ele, perplexa, de queixo caído. Ele não queria fazer sexo com ela?

– O que foi que disse?

– Não me leve a mal. Não é porque você não seja atraente, com esse seu jeito de garota difícil, que não se abala emocionalmente.

– Então, por que diabos, tanto esforço? Implorando para que eu viesse à festa, me servindo vinho e comida, me *tocando* como se quisesse algo?

Jeb ergueu as mãos.

– Espere um minuto. Vamos esclarecer as coisas... Você quer que eu a deseje, mas não pretende dormir comigo?

Haley apertou os lábios, sentindo-se culpada. É, mais ou menos.

– Eu quero ser a única mulher que não cai aos seus pés.

Jeb deu um sorriso malicioso.

– Quase caíu.

– Mas não caí.

– Só porque *eu* recuei.

– Eu teria recuado. Você só foi mais rápido.

– Nós nunca vamos saber, não acha?

Ela colocou o prato de lado. Realmente, gostaria de um pouco mais de cogumelos recheados, mas não queria mais ficar sentada ali, ao lado de Jeb Whitcomb.

– Você está torrando a minha paciência.

– Eu digo o mesmo de você, baby.

– Não me chame de baby! – Como aquele homem conseguia irritá-la com tamanha facilidade? Ela odiava isso.

– Por que não? Você está agindo como um bebê. Eu estava tentando lhe fazer um elogio, e você distorceu tudo, sem motivo. Você tem tendência a fazer isso.

– É? E você tem tendência a achar que é um presente dos deuses para as mulheres. Mas não passa de um idiota que navega em dinheiro para poder se sentir bem.

– O que há de errado com isso? Eu me sinto bem, as pessoas têm a ajuda de que precisam.

– Porque você parte navegando para a sua vida extravagante e deixa os outros ansiando por você.

Jeb deu um sorriso de cumplicidade e abaixou o tom de voz.

– Você está ansiando por mim, Haley?

– Sim, ansiando para que você vá embora.

Ela se afastou, levando a taça de vinho.

Capítulo Três

Arnês: cinto de segurança que se fixa no barco para evitar que o velejador caia no mar.

JEB TOMOU um longo gole do uísque com água. Seus neurônios estavam muito ocupados com desejos e impulsos inadequados. Ele a enfiara.

Ah, ela era mais bonita quando ficava zangada, e ele precisava admitir que ela fazia a cara de indignação mais linda do mundo. Ele subiu atrás dela, voltando ao convés. Ela circulou pelo barco. Ele mordeu os lábios.

Ela acabou parando para conversar com uma colega de trabalho, mas, de vez em quando, lançava um olhar na direção de Jeb. Quando os olhares dos dois se cruzavam, ela desviava os olhos. *Não consegue conter a excitação, meu anjo?*

Cerque-a. Beije-a, sussurrava um dos impulsos inadequados e desejosos de Jeb.

Não. De jeito nenhum. Ele chegara até ali sem esmorecer. Poderia aguentar mais uma noite. Haley merecia mais do que uma aventura de uma noite, mas mesmo um homem piedoso tinha fantasias sexuais, certo? E, quando se tratava de piedade, Jeb tendia para o lado mais baixo.

Ela era diferente das mulheres sofisticadas com quem ele costumava sair, mulheres que entravam e saiam de um caso como entravam e saiam das roupas feitas por seus costureiros. Haley era honesta, direta e tinha os pés no chão. Ele era um canalha só por deixar que as fantasias brincassem com sua cabeça.

Jeb circulou e conversou com os convidados, mas, em qualquer lugar do barco onde estivesse, o olhar dele era atraído por ela. A lua cheia estava alta no céu, comandando os humores e as marés. Haley parara nas sombras, com a cabeça inclinada, deixando que o luar iluminasse um lado do rosto. De repente, ela deu uma risada que atiçou o desejo de Jeb.

Faça alguma coisa. Mexa-se. Coma. Beba. Fale com os convidados. Pare de olhar para ela!

Jeb caminhou na direção de Haley. Ela estava de costas para o mastro principal, com a coluna tão reta quando o poste. Ela possuía uma bela postura, defensiva e alerta.

As pessoas a rodeavam, segurando suas bebidas, mas ele não via mais ninguém. O luar refletia nos olhos dela, os lábios estavam pintados de rosa escuro. Jeb percebeu que era a primeira vez que a via

usar batom. O vento agitou os cabelos que ela, desta vez, não prendera em um coque apertado ou em um rabo de cavalo. A brisa colava o vestido ao corpo esbelto, delineando os quadris e acabando vários centímetros acima dos joelhos.

O sangue quente de Jeb sussurrou: *possua-a.*

Resista. Você não vai fraquejar. Mais uma noite, e você estará no mar. Dentro de uma semana, você estará abraçando Jackie, e a espera terá valido a pena.

Ame a pessoa que está junto de você, argumentou a parte mais instintiva de Jeb.

Ele ignorou.

Ou, pelo menos, tentou ignorar.

Haley olhava para ele com cautela.

Ele se aproximou.

Ela escapuliu furtivamente.

Vê-la naquele ambiente – no ambiente *dele* – era novo e excitante, e Jeb simplesmente reagiu seguindo em frente, enquanto ela fugia dele, passando por entre os outros convidados.

A perseguição começara.

A parte mais primitiva do DNA de Jeb despertou, pronta para a caçada. Ele sentiu o corpo estremecer e o coração martelar dentro do peito. Todos os sentidos dele estavam em alerta.

O verniz civilizado desaparecera. A ânsia do puro desejo prevalecera. Uma ânsia tão poderosa que o assustava.

Contenha-se! Acorde. Volte ao normal!

Corpo traiçoeiro.

Jeb sacudiu a cabeça, mas parecia não ter se livrado da sensação de premência que inundava o sangue que lhe corria nas veias. Ele era um leão, e ela, a mais linda leoa da pradaria. Ela o fascinava, e ele estava consciente de tudo o que ela era e fazia. Aquela intensa sensação de alerta o deixava desorientado.

Ele sentia os músculos contraídos, os cabelos dos braços arrepiados, uma sensação de formigamento na pele. Sentia-se total e verdadeiramente vivo, mas a sensação de sobressalto era desgastante e preocupante.

Eles circularam o veleiro várias vezes. Haley fugindo, Jeb perseguindo-a. Era divertido e ele estava gostando, embora soubesse que aquela estranha brincadeira de gato e rato não daria em nada. Ele não queria que desse resultado.

Até que um grupo de pessoas o deteve para fazer um brinde, e Haley lhe escapou.

COM O coração na boca e um sorriso involuntário no rosto, Haley se escondeu atrás de um homem gordo para recuperar o fôlego e, depois, desceu o mais rápido que podia para o convés inferior. Que jogo absurdo era aquele que eles estavam fazendo, e por que ela concordava? Por que simplesmente não ia embora?

Por quê? Porque Jeb acendera um fogo dentro dela, que a apavorava. Estar com ele era como dirigir uma Ferrari em uma autoestrada, sem carteira de motorista. Uma ameaça de desastre. Ela já passara por isso. Recusava-se a passar de novo.

Ela precisava sair daquele barco. Fugir para o convés inferior fora um erro. Ele poderia cercá-la ali. Apavorada com esta possibilidade, Haley tentou subir a escada traiçoeira, mas não estava acostumada

com os saltos. Era preciso ter mais habilidade do que pensara. Ela pisou em falso e mergulhou de cabeça, derramando vinho para todo lado. Teria batido de cara no chão, não fosse a mão masculina que a segurou no ar.

– Você está bem?

Ela olhou para cima e viu Rick Armand, um terapeuta de aparelho respiratório que trabalhava no Hospital Geral de St. Michael. Ele a convidara para sair várias vezes, mas ela recusara. Ela o considerava um tanto pegajoso, com o enorme bigode de artista pornográfico, a mania de estalar a língua e de apontar os dedos, fingindo atirar nela. Ainda assim, ela permitiu que ele a salvasse de Jeb.

– Eu estou bem.

– Você derramou a sua bebida – disse Rick. – Vamos buscar outra.

Ela ia dizer não, quando olhou para trás e viu Jeb olhando para ela.

– Ótimo, tudo bem. Contanto que seja um salty dog – disse ela, elevando a voz para que Jeb escutasse.

Rick pegou a taça vazia que ela segurava e a entregou a um garçom que passava.

– Gostaria de vir comigo?

Sim, sim, gostaria.

Ela aceitou a mão que Rick lhe oferecia e o seguiu até o bar. Foi preciso fazer muito esforço para não se voltar e observar a reação de Jeb. Ela não lhe daria a satisfação de saber que se importava com o que ele achava sobre ela estar com Rick.

Enquanto eles chegavam ao bar, Rick colocou a mão na cintura dela, e Haley se afastou. Ele a soltou.

– Um salty dog para a moça – disse Rick ao barman. – Eu vou querer uma cerveja.

– Obrigada – disse ela.

– Eu nunca vi você vestida desse jeito. – Rick lhe lançou um olhar lascivo. – Gostei.

– É um caso de insanidade temporária – balbuciou Haley, puxando a barra da saia. Uma bandana teria mais tecido. Como Ahmaya usava aqueles vestidos minúsculos, sem se sentir exposta?

– Eu gostei.

O barman colocou as bebidas em cima do balcão. Rick pegou um canudo rosa flamingo, colocou-o dentro do copo de Haley, mexeu a bebida e a entregou a ela.

– O álcool costuma ficar no fundo. É preciso mexer para misturar por completo. Você não vai querer que o último gole seja puro álcool, porque ele poderia ir direto para a sua cabeça.

Rick olhou-a de lado como se fosse exatamente aquilo que ele desejasse. E era precisamente por aquele tipo de coisa que ela não gostava de usar saias curtas e saltos altos. Os homens caíam em cima dela.

– Obrigada por cuidar de mim – disse ela com sarcasmo, mexendo a bebida com vigor.

– É um prazer – Ele deu um sorriso que mostrava uma fileira truncada de dentes pequenos. Tubarão.

O que ela estava fazendo ali com aquele nerd? Ah, sim, fugia de Jeb. Ela olhou em volta, procurando por ele, mas não o viu. Graças a Deus.

Eles saíram do bar e se dirigiram para a parte posterior do barco. Popa, como ela achava se chamar. Haley colocou o canudo na boca e provou a bebida. Nada mal. Forte. Salgada. Amarga. Ela bebeu outro gole. Hum, pensando bem, ela deixava um gosto na boca que não lhe agradava. Talvez devesse jogar o resto pela amurada.

– Os seus olhos brilham com essa luz – disse Rick. – E, com a lua às suas costas, a noite fica perfeita.

– Hum.

Rick começou a falar do Camaro superequipado que comprara e que viria dos Estados Unidos, fazendo questão de assinalar o quanto pagara por ele. Francamente: quem se importava que ele tivesse gasto um ano de salário em um carro?

– Você não está tomando a sua bebida – reparou ele.

– Ela tem um gosto estranho.

– Quer que eu pegue outra para você?

– Não, tudo bem.

Rick ergueu a enorme caneca de cerveja.

– Um brinde?

– A quê?

– A ver as pessoas sob uma luz diferente.

– Por que não? A ver as pessoas sob uma luz diferente – repetiu ela. Eles bateram os copos. Haley se sentiu obrigada a beber mais um gole. Que gosto estranho seria aquele que ficava na boca? A bebida deveria ter apenas o gosto de grapefruit, vodca e sal.

– E a uma noite maravilhosa – falou Rick, erguendo a caneca mais uma vez.

– A uma noite maravilhosa. – Desta vez, ela só umedeceu os lábios na bebida. Realmente, teria que despejá-la no mar quando Rick não estivesse olhando. Ela tentou chegar à amurada, mas, antes de atingi-la, sentiu uma tontura e se desequilibrou sobre os saltos. Ufa, o tal salty dog – cachorro salgado – realmente subia à cabeça.

– Você está bem? – perguntou Rick, aproximando-se.

Para trás, cara.

– Está tudo bem. – Ela não queria que ele soubesse que se sentia tonta. – Eu só preciso... Hum...

Dar um jeito na maquiagem. – *E me livrar de você.* De repente, Haley pensou que estava passando a noite fugindo dos homens. Ela sabia que a maioria das mulheres teria adorado ver dois homens lutando por elas, mas para ela não passava de um aborrecimento. – Pode me dar licença? – pediu ela, entregando o copo a Rick.

– Claro. – Ele pegou o copo. – Espero por você aqui.

Andando com muito cuidado, ela atravessou a multidão. Queria ir para casa, mas não podia dirigir naquele estado. Não com a cabeça girando. Ela entrou no banheiro, jogou um pouco de água fria no rosto e foi à procura de Ahmaya, para ver se esta estaria em condições de levá-la para casa.

De fato, Haley era fraca para bebida. Alguns goles de vinho e um quarto de copo de salty dog, e os joelhos bambeavam.

Caminhando com atenção, ela conseguiu chegar ao convés principal. A festa estava no máximo da animação. As pessoas dançavam ao som de Red Hot Chili Peppers, cantando “Under the Bridge”. Muito apropriado. Ela percebeu que Jeb devia ter escolhido as músicas a dedo para aquela noite. Impecável. O que mais ela esperaria dele?

– Onde é o banheiro? – perguntou Haley a uma moça que conhecia do hospital.

– O deste andar está ocupado, mas eu soube que há um na cabine de Jeb, no convés inferior.

– Obrigada – disse Haley. Nossa, ela realmente estava enrolando a língua? Era por isso que não bebia. Não conseguia se manter consciente.

Ela se pendurou no corrimão da escada que levava ao convés inferior, e sua cabeça girava tão loucamente, que ela precisou parar várias vezes para respirar fundo. Por fim, depois do que lhe pareceram horas, ela chegou ao quarto.

O quarto de Jeb.

Ela teve uma sensação estranha ao olhar para a cama e se ver nitidamente deitada ali, com Jeb. *Ah, pare com isso.* Precisava entrar no banheiro e jogar água fria no rosto. Haley fechou a porta e a trancou à chave, para o caso de alguém aparecer. Precisava de privacidade, até que a tontura passasse. Depois de um minuto, ela correu para a porta do banheiro. Estava banhada em suor, com a boca seca como um deserto. E aqueles malditos saltos prendiam os pés como âncoras.

Havia algo de errado. Claro, ela não costumava beber, mas aquilo... Aquilo era mais do que estar meio alta. Algo estava *errado*.

A visão de Haley estava borrada, ela não conseguia pensar. *Socorro!*

Ela ouviu alguém bater na porta.

– Haley? – Era Rick.

Era a última pessoa que ela queria ver. Ela viu a maçaneta girar.

– Haley? Você está aí?

Ela podia não querer vê-lo, mas sentia-se muito estranha e talvez ele pudesse ajudá-la. Abriu a boca para responder, mas lhe ocorreu que Rick poderia ter colocado algo na bebida dela. O salty dog lhe deixara um gosto estranho na boca, e ele misturara o drinque antes de passá-lo para ela.

Teria sido drogada? Teria sido ingênua ao confiar nele?

O coração de Haley deu um tranco, quando ela percebeu a verdade. Rick era um predador que a esperava do lado de fora, com a intenção de atacá-la. Graças a Deus, ela tivera presença de espírito de trancar a porta do quarto.

O banheiro estava próximo, mas parecia estar a quilômetros. Dane-se. Ela se deitaria ali mesmo, na cama de Jeb, por alguns minutos, até que a tontura passasse e Rick fosse embora. Depois, ela iria procurar Jeb e lhe transmitiria as desconfianças a respeito do que tinha acontecido com ela.

Jeb saberia como lidar com o desprezível Rick. Jeb podia ser um playboy, mas, por mais estranho que parecesse, ela confiava nele. Por debaixo daquela aparência festiva, ela precisava admitir que ele *era* um bom homem.

Satisfeita com o seu plano, Haley se jogou sobre a cama, e isso foi a última coisa de que ela se lembraria mais tarde.

O ÚLTIMO convidado saiu às 3h, enquanto o pessoal da limpeza que Jeb contratara limpava o barco. Quando acabou de pagar os faxineiros, o bufê e os manobristas do estacionamento, ele estava tão cansado que mal conseguia manter os olhos abertos. A festa fora um tremendo sucesso, mas, mesmo sabendo disso, sentia-se decepcionado porque, em algum momento da noite, Haley desaparecera sem dizer adeus.

Ele procurara por ela, mas não voltara a vê-la depois que ela se afastara, na companhia de Rick Bigodudo. Ele vira Rick procurando-a freneticamente e concluía que ela fugira do terapeuta respiratório, e não o contrário. Ainda assim, gostaria de ter tido uma última conversa com ela.

Não importava. Ele tinha outras coisas em que pensar, como, por exemplo, voltar para casa, em Miami, para ver Jackie. Ele não acreditava que fazia um ano que não falava com ela, estava ansioso para encontrá-la outra vez e lhe mostrar o quanto mudara.

Jeb pensou na última conversa que tivera com Jackie, quando ela rompera com ele. Ele sofrera um choque: nenhuma mulher lhe dera um fora. Jackie estava trabalhando no navio de pesquisas do pai

dela, Anêmona do Mar. Ele fora até lá e tentara convencê-la a deixar o trabalho e a navegar com ele.

- Algumas pessoas trabalham para viver, Jeb – dissera Jackie, claramente irritada com ele.
- Eu trabalho para viver – protestara ele, dando um enorme sorriso e uma piscadela carinhosa.
- Quando foi a última vez que você construiu alguma coisa?

Hum, bem, fazia mais de um ano que ele acabara de construir os condomínios em Miami Beach, mas todos sabiam que o mercado imobiliário da Flórida estava indo para o brejo. A estratégia dele fora simplesmente esperar e se divertir, enquanto fazia isso.

- Eu estarei pronto quando o mercado se recuperar.
- Você se dá o luxo de esperar. A maioria das pessoas não pode, Jeb. Você desperdiça o seu tempo.
- Eu não vejo as coisas desse jeito.
- Eu vejo, e não acho que esse relacionamento esteja dando certo. Somos muito diferentes.

O comentário fora um tapa na cara de Jeb.

- Eu posso mudar.
- É mesmo? Você vem de uma família rica. Sempre viveu desse jeito. Não precisa realmente trabalhar e será sempre um playboy. Ora, vamos. Veja o nome do seu iate: Amante do Mar. Você se definiu muito claramente.

– Mas nós não nos divertimos muito juntos? – argumentara ele.

– Sim, mas o problema é exatamente esse. Tudo o que fazemos juntos é nos divertir.

– O que há de errado com isso? – perguntara ele, admirado.

– Nada, contanto que seja de vez em quando. A minha vida é noventa por cento de trabalho e dez por cento de diversão. A sua, por outro lado, é o contrário: dez por cento de trabalho e noventa de diversão. Não é o estilo de vida que eu quero.

Isso o deixara atordoado. Durante a vida toda, ele tinha sido elogiado pela capacidade de animar qualquer ambiente onde entrava, e, agora, ali estava Jackie, dizendo que isso não era necessariamente algo de positivo.

– Deixe-me ver se entendi direito. Você está rompendo comigo porque eu sou divertido demais para você.

– Exatamente.

– Eu vou trabalhar.

– Prove.

– Como?

– Procure fazer algo de útil.

– Como o quê?

– Eu não sei. Encontre alguém que precise de ajuda. Procure algo maior do que você mesmo para se dedicar. Pense em alguma coisa.

– Se eu fizer isso, você me dará uma segunda chance?

– Jeb...

– Por favor – dissera ele. – Não elimine a minha esperança.

Jackie suspirara.

– Está bem. Eu lhe dou um ano. Se você se dedicar a algo significativo e me provar que mudou, vamos ver.

– Você não vai se arrepender – afirmara ele, mas ela já se voltara para os objetos de pesquisa dela.

A primeira coisa que ele fizera fora mudar o nome do veleiro para Segunda Chance, ainda que

mudar o nome de um barco fosse considerado algo que dava azar. No dia seguinte, o furacão Sylvia se formara no Atlântico e, mais tarde, atingira a ilha de St. Michael. Fora um desastre para St. Michael, mas ele encarara o fato como um sinal e se encaminhara para lá, para ajudar a reconstruir a ilha devastada.

Jeb deu um sorriso complacente. Jackie lhe dera o empurrão de que ele tanto precisava para despertar e ficaria impressionada com o quanto ele mudara.

Ele apagou as luzes, soprou as velas e ficou parado no convés, à luz do luar. Sentia-se extremamente orgulhoso do que tinha feito. Deixara de pensar apenas em si mesmo e colocara os outros em primeiro lugar. Sentia-se grato a Jackie por tê-lo colocado naquele caminho. Mal podia esperar para contar isso a ela.

Cama. Estava na hora de ir para a cama, mas lhe faltava ânimo para ir para o quarto, no convés inferior.

Jeb se espreguiçou e bocejou, completamente exausto. Sentia as pálpebras pesadas. Ele se dirigiu à rede de listras azuis e brancas, na ponte de comando, deitou-se, colocou as mãos debaixo da cabeça e ficou olhando as estrelas.

– Eu vou voltar para casa mudado, Jackie – murmurou ele. E, instantaneamente, caiu em um sono profundo.

Capítulo Quatro

Bordejar: compensar a força da corrente, mudando o ângulo de navegação em relação ao curso original.

AO AMANHECER, Jeb acordou com o som do celular anunciando uma mensagem de texto. Com os olhos turvos, ele passou a mão no rosto e piscou ao ver os raios rosados do sol refletindo na água azul cristalina.

Ding.

O celular, no bolso, o lembrava da mensagem de texto.

Ele bocejou, jogou uma das pernas para fora da rede e pegou o telefone. A mensagem era de Jackie. O pulso dele acelerou, e ele deu um sorriso largo.

Até ler a mensagem.

Aos nossos amigos mais próximos e família. Todos estão convidados para o casamento, dia 4 de julho, do tenente-comandante da Guarda Costeira Scott Marcus Everly com Jackeline Michele Birchard, às 16h, a bordo do Anêmona do Mar, ancorado no cais de Key West, Flórida.

Sabemos que nossa união é rápida e inesperada. Mas, quando se encontra a alma gêmea, só nos resta mergulhar. Adoraríamos ter o prazer da sua presença. RSVP para Jackie por e-mail: jackiebirchard@seaanemone.com

O sorriso de Jeb desapareceu. Um músculo perto do olho direito começou a repuxar. Ele precisou ler o texto quatro vezes, antes que as palavras fizessem sentido para ele. Jackie se casaria no dia 4 de julho. Dentro de seis dias. Exatamente o número de dias que o Segunda Chance levaria para navegar de St. Michael até Key West em águas calmas.

E ela o convidara para o casamento através de uma mensagem de texto!

– Que covardia, Jackie – murmurou ele. – Você poderia ter tido a decência de pegar o telefone e me ligar.

Ele levantou, passou a mão na cabeça e soltou uma série de palavrões. Como ela podia ter feito isso com ele? Prometera lhe dar um ano para provar que podia mudar e, agora, ficava noiva de um sujeito da Guarda Costeira? Que diabos?

Jeb precisou admitir que os sentimentos dele estavam feridos.

Para começar, ela usara a expressão “almas gêmeas”. Jackie nunca falava daquele jeito. Não acreditava nessas coisas. O que acontecera com ela? Ela não deveria estar raciocinando com clareza. Deveria ter entrado em uma espécie de neblina provocada pelo desejo, semelhante àquela em que ele se enfiara quando quase fizera sexo com Haley na praia. Acontecia. Ele compreendia. Poderia perdô-la. O que não poderia fazer era deixar que Jackie cometesse o maior erro da vida dela.

Desnortado, ele digitou o número do telefone de Jackie no celular. Ela atendeu ao segundo toque, toda animada.

– Ei, Jeb, há quanto tempo!

Como ela podia parecer tão casual?

– Acabo de receber a sua mensagem – Ele disse em tom seco.

– Você virá ao meu casamento? Eu sei que está em cima da hora, mas, para mim, seria importante que você estivesse aqui.

– Jackie, você não pode se casar com esse sujeito.

– Por que todo mundo me diz a mesma coisa?

– Quem mais lhe disse isso?

– Boone, para começar. – Boone era meio-irmão de Jackie. – Ele foi grosseiro em relação a isso – acrescentou Jackie. – Pelo menos, eu sei que você não vai ser grosseiro. Você nunca é mal-educado.

– É, mas desta vez eu concordo com Boone. Você não pode se casar com esse cara.

– Posso e vou. Eu estou apaixonada, Jeb. Pela primeira vez na minha vida. Verdadeiramente, loucamente, profundamente e para todo o sempre apaixonada.

– Muito bem. Quem é você e o que fez com Jackie Birchard?

– Eu mudei, Jeb.

– Eu também mudei, Jackie. Eu mudei muito e sinto a sua falta. Você não pode se casar com esse tal de Scott, porque eu sou o homem certo para você e posso lhe provar, se me der uma chance.

– Jeb... – Ela riu. – Você não me ama.

Rindo! Ela estava rindo dele.

– Amo, sim, Jackie. Amo de verdade.

– Você pensa que ama porque eu fui a única mulher que o rejeitou. A única mulher que o desafiou e que o censurou pelo seu estilo de vida sem sentido.

Não a única. Imediatamente, Jeb pensou em Haley.

– Há quanto tempo você conhece esse sujeito? – perguntou ele.

– Apenas um mês, mas o tempo não importa. Não quando o amor é verdadeiro.

– Escute o que você está falando. Você ouve o que diz? Vai se casar com um homem que conhece apenas há quatro semanas.

– Foi tempo suficiente.

– Jackie, você precisa acreditar que...

– Você vem ao casamento?

– Estou indo para Key West. Agora mesmo. Estou a caminho. Vou levar seis dias para chegar aí, com ventos favoráveis. Eu estou em St. Michael.

– Você está no Amante do Mar?

– Eu mudei o nome do veleiro.

– Dá azar – Jackie conteve o fôlego. Ela era uma mulher inteligente, culta, com Ph.D. em oceanografia, mas, ainda assim, tinha as superstições inerentes aos marinheiros. Aquilo acontecia naturalmente com aqueles que viviam no mar e entendiam que certas coisas estão acima do controle. Não desafiar certas regras fazia com que os navegantes se sentissem mais seguros. Era algo psicológico. Os dois sabiam disso, mas era difícil romper padrões de comportamento profundamente arraigados.

– Não dá azar. Eu mudei o nome por sua causa.

– Qual foi o nome que você deu ao veleiro?

– Segunda Chance.

– Ah, Jeb.

– Prometa que você não vai se casar antes que eu chegue aí.

– Eu não posso prometer. O casamento é no dia 4.

– Então, darei um jeito de chegar antes do dia 4.

– Ótimo. Devo colocá-lo na lista de carne ou de peixe?

– O quê? – perguntou ele confuso.

– Carne ou peixe. Para calcular o bufê da recepção.

– Assim que eu chegar, não haverá recepção.

– Ah, Jeb, você é muito engraçado. Mal posso esperar para vê-lo de novo.

– Jackie, eu estou falando sério...

– Preciso ir, querido. Estou recebendo outra ligação. Tenho ficado louca com o RSVP. Vejo você no sábado, se não antes.

Ele ouviu o barulho da linha.

Querido? Jackie o chamara de *querido*? Como se ele fosse uma tia velha, a florista ou alguém semelhante.

Ele pensou em ligar de novo, mas percebeu que, por mais que tentasse dizer a ela que mudara, ela precisaria ver para crer. Certo. Era o que ele merecia. Ele fora superficial e caprichoso, mas o ano que passara em St. Michael realmente o transformara. A única maneira de Jackie saber que ele falava sério, seria aparecer no casamento, ajoelhar-se diante dela e pedir que ela se casasse com ele, e não com Scott.

Afinal, ela só conhecia Scott há um mês. Quão sério poderia ser o relacionamento deles? Ele e Jackie haviam se conhecido quando crianças, no circuito náutico. A família de Jeb financiara algumas viagens de pesquisa de Jack Birchard, antes que este se tornasse tão famoso quanto Jacques Cousteau. Por isso, Jackie o conhecia tão bem. Antes de começarem a namorar, ela já ouvira falar de todos os feitos dele. Aquela era a maior arma contra ele. Ela presenciara pessoalmente as aventuras amorosas dele.

Só havia uma coisa a fazer. Velejar para Key West imediatamente e confrontar Jackie cara a cara.

O BALANÇO era muito gostoso, uma cantiga de ninar que amenizava a terrível dor de cabeça de Haley. Ela estava de olhos fechados, e a cabeça estava confusa. Deveria abrir os olhos e ver onde estava, porque esquecera, mas um perfume provocativo a distraía.

Que cheiro intrigante era aquele? Uma mistura de mar, de tecido de algodão e de homem.

Jeb.

Era o cheiro de Jeb.

Hum... Jeb.

Apesar da dor de cabeça, a mente de Haley conjurava sonhadoramente a imagem favorita de Jeb Whitcomb.

Novembro.

Novembro passado, em Divers' Beach, ao pôr do sol.

Depois de um exaustivo plantão de 24h no hospital improvisado que, na época, não passava de uma tenda, Haley resolvera dar uma longa caminhada para descansar a cabeça. Trabalhara sem parar, desde que chegara a St. Michael com a Cruz Vermelha no mês de junho, e estava atingindo o seu limite de resistência. Precisava passar um tempo sozinha, e Divers' Beach era a praia mais sossegada de St. Michael, principalmente depois que a passagem do furacão levava algumas pessoas a deixarem a ilha definitivamente.

A praia fora limpa, mas ainda havia montes de galhos empilhados ao longo das árvores, à espera de serem recolhidos. Ela se entristecera ao ver os danos que seu lugar preferido sofrera.

Quando criança, Haley passava os verões na ilha. Seus pais eram professores e todo ano se ofereciam como voluntários para ajudar crianças carentes a obter a educação de que necessitavam. Todos ganhavam com isso. Ela, a irmã e o irmão tinham férias grátis, enquanto as crianças carentes tinham a assistência que lhes faltava. A experiência ensinara a Haley a capacidade de se doar aos outros.

E fora ali que ela encontrara Jeb, enfiado até a cintura em uma onda, com os raios dourados do sol refletindo no peito nu. De início, ela achara perigoso que ele estivesse nadando sozinho – algo que ela esperaria de alguém que quisesse testar os próprios limites, mas ele nunca ia a algum lugar sozinho. E então ela percebera que havia uma gaivota se debatendo na água, ao lado dele.

Jeb se aproximara, acalmara a ave apavorada e tirara uma embalagem de plástico que se enrolara na perna dela. Livre, o pássaro levantara voo. Jeb ficara olhando e sorria ao ver a gaivota subir cada vez mais alto, sem saber que estava sendo observado.

Quando ele se voltara e a vira, parecera ficar envergonhado por ter sido pego salvando a vida de uma gaivota, mas logo começara a se mostrar, flexionando os bíceps e se comportando como um idiota, quase estragando a cena comovente que ela acabara de testemunhar.

Ele saíra do mar, com a água pingando do corpo e usando um calção de banho preto, justo. Haley engolira em seco, percebendo que os dois estavam totalmente sozinhos na praia.

– Olá – cumprimentara ele, enfiando a embalagem de plástico no bolso do calção de banho. – É inesperado vê-la aqui.

No dia anterior, eles tinham brigado durante uma reunião do comitê de planejamento do hospital. Ele queria construir um solário aberto no meio do novo hospital. Ela achava que o dinheiro seria mais bem empregado em equipamentos. Ele vencera, claro. Afinal, ele estava pagando pela construção. Mas ela precisava, pelo menos, respeitá-lo por tê-la escutado, e, naquele dia, o administrador dissera a ela que Jeb tinha dado um cheque para cobrir também o preço do equipamento.

Ela ainda estava usando o uniforme do hospital. Não tivera tempo para trocar de roupa. A essa altura, a casa dela ainda era uma tenda coletiva no centro comunitário.

– Obrigada – Ela dissera, sempre pronta a admitir quando estava errada sobre algo. – Pela compra do equipamento.

– Obrigado a *você*.

– Por quê?

– Por garantir que as minhas prioridades fossem justas. Notou que ninguém mais do comitê

contestou o meu projeto?

– Ninguém discute com você.

– A não ser você. – Ele sorria, como se isso fosse bom.

Ela se sentira amolecer, mas também ficara apavorada porque se sentia atraída por ele como todo mundo. Não iria ceder. Já fizera papel de adoradora antes, e o resultado tinha sido desastroso.

– Onde está a sua comitiva? – perguntara ela.

– Eu escapei dela. – Ele dera uma piscadela de cumplicidade.

– Por quê?

– Às vezes, um homem quer ficar sozinho.

– Estou chocada – brincara ela. – Achei que você nunca se cansava de ser idolatrado.

– Nem tudo é como se pensa – respondera ele com uma sinceridade que a surpreendera.

– Bem... – Havia situação mais constrangedora? – Vou deixá-lo com a sua privacidade.

Ele a pegara pelo braço. Ela sentira a pele inflamar. Como acontece quando se joga gasolina no fogo.

– Não se vá – Ele dissera.

– Eu não quero incomodá-lo.

– Não está incomodando. – Ele sorria de modo gentil e sedutor. Ela ficara extasiada. – Posso caminhar com você?

Ela concordara, e ele a acompanhara. Os dois tinham caminhado um pouco em silêncio ao longo da praia e parado para ver o sol se por no horizonte, desaparecendo e deixando uma trilha de estrelas no caminho.

– É tão sereno – dissera ele.

Ela respirara profundamente, consciente de que ele estava muito próximo, do perfume agradável dele e de como ele fora bondoso ao salvar a gaivota. Era a única desculpa que ela poderia alegar para o que acontecera a seguir.

– Haley – murmurara ele, inclinando a cabeça. – Você me enfeitiçou.

– O quê? – exclamara ela.

– Eu não consigo deixar de pensar em você.

– Em mim?

– Em você.

– Mas, por quê? Eu não tenho nada de especial.

– Você subestima a sua beleza.

Ah, com certeza. Ela estava sem maquiagem, com os cabelos presos em um rabo de cavalo, usando o uniforme verde sem forma do hospital, e ele lhe dizia que ela era bonita. Sem essa!

– Eu tenho plena consciência dos meus atributos físicos. Admito que tenho pernas bonitas e um cabelo decente, mas não sou nenhuma supermodelo. Tenho uma falha entre os dentes e os meus olhos são um tanto separados demais, o meu queixo é muito pontudo...

– Tudo isso se junta para criar um rosto interessante. Você sabe como as supermodelos são sem sal? Depois de um tempo, todas parecem iguais. Orgulhe-se dos seus traços marcantes. Você é única.

– Ah – Ela ficara constrangida demais com o elogio e não soubera o que dizer. Não estava acostumada a ser elogiada, e Jeb era mais escorregadio do que sabonete. Ela deveria se lembrar disso.

– Mas, por mais bonita que você seja, não é a sua aparência que me deixa interessado. – Ele se aproximara ainda mais.

– Não? – Ela mal conseguira respirar.

– Não.

Ela engolira em seco.

– O que eu gosto mais em você é a sua ética.

– Ah, isso é muito sexy. Os homens sempre me dizem que eu tenho uma bela ética.

– Eles dizem isso?

– Eu estou sendo sarcástica.

– E o seu senso de humor mordaz. Apesar de nem sempre eu ser esperto o bastante para entender suas piadas, eu gosto dele também.

– Você está sendo modesto? – Ela colocara a mão na testa e fingira estar desmaiando.

– Gosto da sua firmeza e de como você serve de exemplo para os outros.

– O que é isso, Whitcomb? – perguntara ela, desconfiada. – Por que está me elogiando?

– Não é elogio. Estou sendo sincero.

Ela olhara para ele com um ar de especulação.

– Eu sei que batemos de frente e quero facilitar as coisas entre nós.

– Ah, você está dizendo que quer me converter à sua maneira de pensar.

– Não – respondera ele. – Não é isso. Eu não disse que gosto da maneira como você me desafia? Eu só queria dizer que um desacordo saudável é algo bem-vindo.

– Da próxima vez que discordarmos, eu lhe lembrarei disso.

– Faça isso – Ele concordara com vigor.

Ela não soubera o que fazer. Nunca vira aquele lado dele. Claro, nunca ficara sozinha com ele também.

As ondas beijavam a areia em um ritmo sussurrante e sedutor. A brisa sacudia as folhas das palmeiras, e o ar cheirava a coco. A lua começava a subir no céu.

Jeb a fitara nos olhos, com os lábios a poucos centímetros da boca de Haley. O peito dele estava nu, mostrando a pele extremamente bronzeada. Ela sentira os joelhos amolecerem. Os lábios tentadores dele eram bem definidos e volumosos, mas não excessivamente. Qual seria o gosto dele? Como seria a sensação de tê-los sobre a boca? Qual seria a reação que causariam nela?

Ela ficara presa ao olhar de Jeb. Tentando escapar, abaixara as pestanas e o olhar se perdera na incrível visão dos músculos do peito de Jeb. Ele era como um pirata preparado para abordar um navio carregado com ouro, cujo singular odor masculino invadira o espaço dela, atraindo-a.

– É agradável estar aqui com você – murmurara ele.

– É agradável – ecoara ela.

– Você sabe – dissera Jeb. – Se eu não...

Mas ele nunca concluía a frase, porque, a despeito de si mesma, ela fizera algo que nunca tinha feito – ninguém podia acusá-la de ser impulsiva – e tomara a iniciativa. Naquele momento, ela saíra totalmente dos trilhos, passara os braços pelo pescoço dele e o beijara.

Haley não sabia quem ficara mais surpreso, se ela ou Jeb.

Por um segundo, ele ficara imóvel, sem beijá-la, e ela pensara: “O que foi que eu fiz?”.

Então, ele soltara um gemido rouco, abraçara-a e a apertara contra o peito. O peito que ela tanto desejara tocar. Ele tinha o peito firme e forte, como ela imaginara.

Ele emitira um som profundo e contido, e os lábios dele pressionaram os dela com avidez, a língua vibrando como um raio em um dia claro, sem nuvens. Ela sentira o corpo se render e ficar agitado. Ele erguera a cabeça dela com delicadeza, puxando-a pelo rabo de cavalo, e enfiara toda a língua na boca

de Haley.

Ela se pendurara nele.

Gemera. Puxara-o para o chão. A areia macia e levemente úmida estava fria e lhe provocara um arrepio quando ele se deitara sobre ela, com os joelhos fincados no chão. Jeb olhara para ela com um ar surpreso e confuso. Estava excitado, e ela – aquilo era vergonhoso – implorava por mais.

Ela enfiara os dedos no cós do short de Jeb.

O olhar dele escurecera.

Ela sentira o coração bater com um som abafado.

As mãos dele se movimentavam sobre a pele dela, incendiando-a, alimentando a exigência do corpo dela. Construção. Ele era um construtor, e ela, a estrutura que ele estava erigindo. Os lábios de Jeb escavavam os dela, preparando as fundações, uma base sólida, as lajes de sustentação.

Ele lhe dera beijos curtos e beijos longos, ousados, que haviam durado alguns minutos. E quando Haley achara que ele não poderia fazer mais, Jeb lhe dera um beijo de considerável duração. Um beijo que vibrara de energia e que, como uma torre feita de blocos sobrepostos que se erguia cada vez mais alto em direção às estrelas, além da lua, levava-a a alturas estonteantes que prometiam que ela nunca mais se sentiria daquele jeito outra vez na vida.

Quando ela estivera prestes a tirar a roupa, a despir-se para ele e pedir que ele a possuísse ali mesmo, sobre a areia, Jeb se levantara e se afastara.

– Eu não posso fazer isso – dissera ele em voz rouca.

– Por favor – implorara Haley. Sim, ela implorara. – Você não pode me deixar assim.

– Haley... – Ele sacudira a cabeça. – Você merece muito mais.

Jeb a rejeitava?

Ela ficara envergonhada. Não conseguia atrair nem um playboy? Ela se levantara e sacudira a areia do jaleco.

– Eu não quero magoá-la. Em outro tempo, outro lugar, eu teria ido até o fim. Mas existe outra pessoa, e...

– Dane-se, Whitcomb – resmungara ela, tentando esconder a humilhação.

– Haley...

A tristeza na voz dele parecera verdadeira, mas ela não iria ficar ali para descobrir. Saíra correndo tão rápido quanto podia.

Haley afastou as lembranças e abriu os olhos. Olhou para o teto e, por um segundo, ficou perturbada ao ver que não estava na cama dela.

Onde estaria ela?

De repente, ela se lembrou. Tijolos. Toneladas deles. Caindo em cima dela. A festa. Rick. O salty dog suspeito. A corrida para o banheiro.

Ela passara a noite na cama de Jeb Whitcomb! Usando o vestido sexy de Ahmaya e os sapatos de saltos agulha. Precisava dar o fora dali.

Imediatamente.

Haley pulou da cama, pisou errado e caiu contra a porta. Estranho. Parecia que o barco estava se movendo... Provavelmente fora uma onda provocada por algum iate que entrava velozmente na marina. Mas a sensação era mais forte do que a que teria sido provocada por uma simples onda.

Parecia que estavam navegando.

Mas era impossível. Jeb não deixaria o cais com ela a bordo. Com certeza, ele sabia que havia mais

alguém no barco. A porta do quarto dele fora trancada. Ele deveria saber que ela estava ali. As portas não se fecham por dentro sozinhas. Além disso, Ahmaya não deveria tê-la procurado? Não estaria preocupada?

Alarmada, ela abriu a porta e saiu para corredor. Não havia ninguém por perto, mas o convés inferior estava um brinco, limpo e arrumado. Alguém fizera a limpeza e ela nem ouvira? Quanto tempo ficara apagada? Felizmente, aquele era o dia dela de folga, mas, ainda assim, aquilo era desagradável. Onde estaria Jeb?

Ela subiu lentamente a escada que dava para o convés superior.

– Olá? – gritou ela. – Jeb? Alguém...?

Não houve resposta.

Com uma pontada no estômago e a cabeça latejando como se houvesse um grupo de operários marretando uma parede, ela subiu o último lance da escada, que levava ao convés, e olhou ao redor.

De costas para ela, Jeb manobrava o leme. Os cabelos cor de uísque esvoaçavam com a brisa, e os ombros dele estavam tensos.

A realidade a atingiu como uma bofetada. Eles não apenas estavam navegando como também já estavam no final da tarde, e não havia nada à vista em volta deles, a não ser quilômetros e quilômetros de oceano azul-turquesa.

Capítulo Cinco

Escota: corda usada para folgar ou esticar a vela.

– **O** QUE você está fazendo?

Jeb voltou a cabeça, assustado, e viu uma mulher parada atrás dele. Os cabelos da nuca se arrepiaram. O que diabos...?

Era Haley, com os cabelos embaraçados, o vestido todo amassado e os olhos faiscando.

Ele sentiu um espasmo no estômago. Estava tão surpreso ao vê-la ali, que mal conseguia falar.

– Eu... Hã... Eu...

– Onde estamos? Aonde estamos indo? Por que não estamos na marina? Por que você me sequestrou? – Ela disparou as perguntas em um tom de acusação.

Ele ficou de queixo caído, atônito.

– Eu sequestrei você? Por que se escondeu no meu barco?

– Não me escondi. A intenção não era me esconder. Eu não sou uma clandestina.

– Mas, assim mesmo, você está aqui. – Ele prendeu o leme e se voltou para encará-la frente a frente.

– Você partiu sem a minha permissão.

– Claro, e você passou a noite a bordo, sem a minha permissão. – Ele olhou-a de cima a baixo. Como não percebera que ela estava a bordo? – E sem o meu conhecimento.

– Dê meia-volta no barco e me leve de volta para a praia – Ela exigiu.

– O quê?

Ela ergueu o queixo, indignada.

– Você me ouviu.

Jeb riu.

– Pare de rir de mim – protestou ela. – Isso não é nem um pouco engraçado.

– É um pouco.

– Não do meu ponto de vista.

– Realmente, French, você não costuma ver o lado engraçado de uma situação...

Ela pareceu magoada, mas rapidamente se recuperou.

– Eu fui um tanto grosseira. Desculpe. Foi apenas o susto de acordar e ver que eu estava no meio do oceano.

– Desculpa aceita.

– Agora, por favor, me leve de volta à terra.

Jeb abanou a cabeça.

– Desculpe, mas não posso.

– Por que não? – perguntou ela, aproximando-se.

– Principalmente, porque estamos navegando desde o amanhecer.

– Que horas são agora?

– Três e quinze.

– Três e quinze! Isso quer dizer que partimos há...

– Há oito horas e meia.

A garganta de Haley se moveu de cima para baixo quando ela engoliu em seco.

– Você precisa me levar de volta.

– Eu gosto tanto quanto você dessa situação, mas não posso. – Ele já se perguntava o que Jackie acharia quando ele aparecesse no casamento com outra mulher. Ele não podia aparecer no casamento com Haley. Assim que passassem pela alfândega e pela imigração, ele a colocaria em um avião e a mandaria de volta para St. Michael. Jackie jamais saberia.

– O que quer dizer com não pode?

– Preciso chegar a Key West no sábado. É possível, mas só se os ventos e as correntes cooperarem. Se eu for levá-la de volta, será impossível. Apesar da previsão do tempo ter informado que, felizmente, a navegação será fácil, precisamos bordejar a tempestuosa Corrente do Golfo.

– Bordejar?

– Para compensar as dificuldades da corrente, é preciso navegar ao largo do curso para mantê-lo.

– Entendi: andando de lado como um caranguejo.

– Exatamente.

Ela o surpreendeu ao puxar os óculos escuros do bolso da camisa dele, roçando – acidentalmente – os mamilos. O corpo de Jeb reagiu de imediato.

Droga!

Ela colocou os óculos devagar, e ele sentiu algo perigoso e sexy se espalhar pelo corpo.

– Vá em frente. Fique à vontade. O que é meu, é seu – disse ele.

– Você se importa? Eu estou com dor de cabeça e, já que você não me raptou...

– Não raptei. Eu não sabia que você estava a bordo.

– Ainda assim. Eu estou no mar contra a minha vontade, sem os meus óculos escuros.

– Muito vinho na noite passada?

– Muito salty dog misturado com algum tipo de droga.

– O quê? – Ele ficou alarmado.

– Por que outro motivo você acha que eu teria desmaiado no seu quarto, durante 16 horas? Só o álcool não teria me derrubado por tanto tempo.

– Cabine.

– O quê?

– Um quarto num barco é chamado de cabine.

Ela fez um gesto de desdém.

– Seja o que for. De qualquer maneira, eu tenho a forte suspeita de que aquele nojento terapeuta respiratório, Rick Armand, misturou alguma coisa no meu salty dog.

Uma parte dele queria dizer que isso não teria acontecido se ela não tivesse fugido com Armand; mas a outra parte, mais forte, imaginava-se agarrando Armand pela garganta e sacudindo-o até que os olhos pulassem das órbitas ou que o bigode caísse, o que acontecesse primeiro.

– Aquele canalha a drogou?

Massageando a testa, Haley lhe contou tudo o que tinha acontecido na noite anterior.

– Eu realmente sinto muito – desculpou-se Jeb –, que isso tenha acontecido na minha festa.

– A culpa não foi sua. Rick é um depravado. Eu já suspeitava, mas agora tive a confirmação. Pensei em fazer uma queixa à polícia de St. Michael, mas, quando eu chegasse lá, a droga já teria sido eliminada do meu organismo, e eu não teria como provar o que ele fez. Tudo o que posso fazer é avisar às moças que trabalham no hospital para terem cuidado com ele.

– Se estivéssemos voltando, eu a ajudaria a fazer isso.

Haley sorriu.

– Então, eu *estou* sendo sequestrada.

– Sequestrada, não. Levada para longe por alguns dias. Pense nisso como umas férias. Quando chegarmos à Flórida, eu a coloco num avião de volta a St. Michael.

– Enquanto isso, eu fico presa com você.

– É tão horrível assim?

– Poderia ser pior. Eu poderia estar presa com Rick, o Desprezível.

– Só sobre o meu cadáver – Ele disse com veemência.

– Diga: por que vai cruzar a Corrente do Golfo?

– Preciso impedir um casamento.

Pela primeira vez, desde que subira à ponte, ela aparentava algo além de desânimo, aborrecimento e raiva. A curiosidade iluminara os olhos dela.

– O casamento de quem?

– A minha ex-namorada vai se casar com um sujeito que só conhece há um mês.

– Você acha que ela não deveria se casar com ele?

– Ela deveria se casar comigo – declarou ele.

– Com você? – Haley riu, como se fosse a coisa mais engraçada que ela já ouvira. Aborrecido, Jeb franziu a testa.

– Por que você acha tão engraçado?

– Ei, há cinco minutos você estava me acusando de não ter senso de humor. Eu nunca imaginei que você fosse do tipo que se casa.

Para dizer a verdade, Jeb também não, mas desde que Jackie o fizera iniciar aquela jornada pessoal, ele, de fato, começara a mudar. Ir para St. Michael fora a coisa mais importante que ele já fizera.

– Então, qual é a história? – Haley sentou na rede e tirou os sapatos dos lindos pés.

Pensar que aquele lindo traseiro sentara no lugar onde ele acabara de dormir provocava estranhas sensações no corpo de Jeb. Parecia-lhe extremamente íntimo. Tão íntimo quanto o fato de pensar que ela dormira na cama dele sem ele saber – maldição!

Francamente. O que havia de errado com ele? Estava falando em casar com Jackie, e os deliciosos dedos cor-de-rosa de Haley se curvando no chão o deixavam excitado. Talvez ele não tivesse mudado tanto como pensara.

Haley balançou a rede levemente e começou a ir para frente e para trás, em um movimento hipnótico.

Jackie, Jackie, Jackie, ele repetia mentalmente, lembrando-se do seu objetivo. Ele iria para Key West impedir que Jackie se casasse com o tal Scott, da Guarda Costeira.

Jeb tentou lembrar-se do rosto da ex-namorada, mas, para surpresa dele, não conseguia se lembrar do rosto de Jackie. Quando ele tentava se lembrar dela, só via o rosto de Haley. Alarmado, tentou se lembrar da lista de antigas namoradas: Kellie, Ashley, Heather, Robin, Brenna, Jane, Erin, Sophia, Lucy, Emily, Rachel e Jackie.

Nada.

Não se recordava de nenhuma, porque a mulher diante dele absorvia toda sua atenção.

Pau que nasce torto nunca se endireita, Jackie dissera a ele.

Jeb estava determinado a provar que isso não era verdade. Que podia sossegar. Mais que do isso: que *queria* sossegar. Mas enfrentava algo que não esperava.

Haley apontou para o banco do convés com o dedo do pé.

– Sente-se e me fale sobre ela.

– Quem?

– A mulher por quem você vai contornar a Corrente do Golfo.

– Você não quer me ouvir falar sobre ela.

– Por que não?

– Por quê?

– Porque – disse Haley –, eu nunca o vi ser tão real. Pela primeira vez, em vez de ser o cara idolatrado pelas mulheres, você está numa posição desfavorável.

– Você está adorando a minha agonia, não está?

Ela inclinou a cabeça, sorriu e piscou.

– Nem um pouco. Só estou gostando de ter uma visão do ser humano que se esconde atrás de uma bela fachada.

TALVEZ ELA estivesse abalada por descobrir que estava sozinha com Jeb Whitcomb – no meio do oceano, a oito horas e meia de St. Michael. Talvez ela ainda estivesse sofrendo o efeito de ter sido drogada e da dor de cabeça que lhe causava pontadas por detrás dos olhos. Ou talvez fosse o fato de que o que ele estava fazendo lhe parecesse tão romântico que a desarmava.

– Jackie é o motivo pelo qual nós... Que você... Que nós não fizemos amor, naquela noite, na praia?

– É.

– Bem – Ela disse. – Isso faz com que eu me sinta um pouco melhor. Pensei que era eu.

– Ah, não, senhorita. Você, não. Nem de longe. Na verdade, foi a sua extrema sensualidade que me fez recuar e fugir. Eu não queria retomar velhos hábitos.

Isso deveria tê-la animado, mas não animou, e ela não sabia por quê.

Ah, corta essa. Você sabe o motivo. Está com ciúmes da tal Jackie.

Ele continuou a falar a respeito de Jackie, o que era particularmente desagradável, porque fora ela quem puxara o assunto. Então, ele disse que Jackie era filha do oceanógrafo mundialmente famoso, Jack Birchard. Claro: Jeb estava apaixonado por alguém da mesma classe... Uma celebridade rica. Realmente fora idiotice achar que ele poderia se apaixonar por uma simples enfermeira.

Santo biscoito de chocolate!

Era isso que ela estivera esperando? Que Jeb se apaixonasse por ela? Envergonhada de si mesma, Haley empurrou os óculos escuros mais para cima, no nariz, agradecendo por eles esconderem seus olhos de Jeb. Não queria que ele visse o que ela pensava, estampado no rosto.

Deveria se conter e ficar feliz por ele. Bem, por outro lado, a mulher por quem ele estava apaixonado, aparentemente, amava outro. Isso não são coisas do amor? Caprichoso. Tolo. O amor deveria ser proibido.

– Bem... – disse ele. – Agradeço a sua paciência e a sua compreensão.

– Preciso telefonar para Ahmaya. – Ela levantou de repente. – Ela vai ficar enlouquecida.

– Pode ser que você não consiga sinal no celular aqui. Estamos muito longe da costa.

– Preciso tentar. – Onde ela deixara a bolsa? Evidentemente, na cabine de Jeb. – Eu volto logo – disse ela, correndo até a cabine. Encontrou a bolsa no chão do quarto, pegou o celular e ligou para Ahmaya.

– Haley! – Ahmaya atendeu ao primeiro toque. – Sua garota travessa.

– Travessa?

– Passando a noite com Jeb Whitcomb depois de fingir que não gostava dele. Eu sabia que você tinha uma queda por ele.

– Eu não passei a noite com ele.

– Quando eu saí do iate, às 2h, o seu carro ainda estava estacionado na marina.

– Por que não me procurou?

– Procurei. Não consegui achá-la em lugar algum, e agora eu sei por quê.

A estática perturbou a ligação.

– Eu não sei quanto tempo a ligação vai durar, Ahmaya, portanto, apenas me escute. – Ela explicou rapidamente a situação.

– Isso é terrível – disse Ahmaya. – Eu sabia que não se podia confiar em Rick.

– De qualquer maneira, você diz à enfermeira-chefe que eu tive um problema inesperado? – Era verdade. – E que eu vou tirar uma semana de férias.

– Tudo bem. Sinto muito, Haley.

– Por quê?

– Você finalmente consegue ficar sozinha com Jeb e descobre que ele gosta de outra mulher. Isso deve doer.

– Eu estou muito bem – disse Haley, mas seu coração estranhamente se encolheu.

– Seja...

A ligação foi cortada.

– Ahmaya? Está me ouvindo?

Nada.

– Ahmaya?

Silêncio.

Pelo menos, ela tivera tempo de dizer a Ahmaya onde estava. Haley suspirou e desligou. Acabara de perder o último contato com o mundo. Quando percebeu que estava em mar aberto, ficou extremamente apavorada. Apertada em um vestido de festa minúsculo. Durante seis dias. Com Jeb Whitcomb.

Seis dias.

E cinco noites.

Tudo bem. Pena que ela não podia ficar na cabine durante toda a viagem. O estômago roncava, lembrando-a de que este era um dos motivos pelos quais não podia ficar ali embaixo. Ela não comera nada depois dos canapés da noite anterior. Estava morrendo de fome.

Como se fosse mágica, Haley sentiu o cheiro de algo delicioso. Bacon. Hum.

Guiada pelo cheiro, ela encontrou a cozinha.

Jeb estava diante do fogão, fritando bacon em meio à fumaça marrom. Opa. A fumaça não era marrom. Lentas marrons. Ela ainda estava usando os óculos escuros. Haley tirou os óculos e o viu claramente. Para dizer a verdade, claramente demais.

Ele estava descalço e tinha dedos sexy. Quem acharia que dedos do pé seriam sexy? Os cabelos estavam despenteados, o rosto, bronzeado. Ele era a imagem de um iatista rico.

– Conseguiu fazer a sua ligação?

– Por muito pouco tempo. Perdi o sinal, mas Ahmaya vai transmitir minhas desculpas à enfermeira-chefe.

– Agradeço por você encarar tudo isso com bom humor, Haley, mas isso não me surpreende. Você mostra o que tem de melhor quando está ajudando os outros.

– Ei, eu só estou seguindo o vento. Contra a vontade, eu admito, mas não há nada que se possa fazer. De fato, não posso esperar que você gaste mais de oito horas para me levar de volta à ilha, quando tem a missão de recuperar a mulher dos seus sonhos.

– Obrigado por compreender. – Ele empurrou um copo de chá gelado na direção de Haley. – Beba. É fácil ficar desidratada no mar. E, depois do que Armand a fez beber, é bom você limpar o seu organismo.

– Obrigada. – Ela pegou o copo. O chá estava gelado e era refrescante. Ela bebeu tudo em um instante.

– Pensei que você também estaria com fome. – Ele virou o bacon na frigideira.

– Eu seria capaz de roer o braço de uma cadeira.

– Não será preciso. Estou fazendo sanduíches de bacon, alface e tomate. Você come carne, não come?

– Eu tento não comer carne vermelha com frequência, mas adoro. – Incapaz de resistir ao aroma tentador, ela pegou um pedaço de bacon que estava no escorredor. Dourado, crocante, salgadinho. Perfeito. – Posso ajudá-lo?

– Você pode cortar o tomate. – Ele apontou para os tomates maduros e suculentos que estavam dentro de uma cesta sobre a mesa.

– Não acredito que você sabe cozinhar – Ela disse, pegando uma das facas que estava fincada em um bloco de madeira, em cima da bancada de granito.

– Por quê?

– Pensei que você tinha crescido cercado de cozinheiras e de empregados prontos para servi-lo.

– Cresci – admitiu ele. – Mas a minha mãe achava que os filhos deveriam saber preparar uma refeição. Ela fez com que a cozinheira nos ensinasse a cozinhar.

– A cozinheira?

– Tínhamos empregados que moravam na casa.

– A sua mãe é inteligente. Gostei do estilo dela.

Jeb olhou-a de lado.

– Ela também gostaria de você. Você não é avoada.

– Avoada?

– Era assim que ela chamava as minhas namoradas. Avoadas: com a cabeça cheia de vento. Com exceção de Jackie. Jackie é o oposto de avoada.

– Como eu?

– Como você – Ele repetiu com um olhar que aqueceu a pele de Haley.

– Então você namora cabeças de vento para se divertir, mas quando resolve ser sério, caminha em outra direção.

– Eu nunca pensei seriamente em Jackie, até que ela me deu o fora. Nós nos conhecemos desde criança, e ela era mais uma amiga do que outra coisa, mas, quando ela me disse que não estava interessada em viver com um playboy, bem, preciso admitir que isso magoou meus sentimentos.

– Eu estou gostando de Jackie, cada vez mais.

– Porque ela magoou meus sentimentos?

– Porque ela o empurrou na direção correta. – Aquela era uma conversa estranha para ter com um homem por quem ela estava meio obcecada. Tudo bem, ela admitia. Gostava de Jeb. Que hora mais idiota para descobrir isso. Ou talvez ela gostasse dele porque sabia que não havia o perigo de que ele gostasse dela, agora que ele resolvera impedir o casamento de Jackie com outro homem.

– Sinceramente – disse ele. – Eu nunca pensei que Jackie se casaria. Ela se deixa absorver pelo trabalho.

– Talvez seja por isso que você resolveu namorá-la. – Haley lavou dois tomates na pia, esfregando as cascas. – Porque ela não era uma ameaça ao seu celibato.

– Então, por que eu a quero de volta?

– Porque não pode tê-la. O que mais desejamos é o que não podemos ter.

Ele se voltou para olhar para ela.

– Você realmente acredita nisso?

– É uma teoria – disse Haley, dando de ombros.

– Eu só sei que preciso vê-la.

– Então... – falou Haley, desesperada para conversarem sobre outra coisa além do amor da vida dele.

– Quantos irmãos e irmãs você tem?

– Dois meio-irmãos e uma meia-irmã. Três irmãs por parte de pai e de madrasta e um irmão por parte de padrasto.

– Isso é muito.

– Os meus pais tinham dificuldades para ficar casados.

– Nenhum irmão por parte dos dois?

– Não.

– Onde você fica na ordem de nascimentos?

– O meu pai tinha uma filha quando se casou com a minha mãe. Eles me tiveram e depois se divorciaram. Papai casou com uma mulher que tinha duas filhas. A minha mãe se casou com um homem que tinha um filho. A minha mãe e o segundo marido tiveram um filho e uma filha. E o meu pai e a quarta esposa...

– Quarta?

– Parece que dessa vez deu certo. Ele e Pam tiveram um menino. Meu meio-irmão, Benjamin, está com cinco anos.

- E sua mãe?
- Ela e Chet estão casados há 20 anos, portanto, parece que também deu certo.
- Eu fico tonta só de ouvi-lo falar. Como você mantém contato com todos?
- Para mim, isso não é novidade - Ele deu de ombros.

- Aposto que os natais na sua casa devem ser uma loucura.

- Eu ganho uma tonelada de presentes. Quando os pais se sentem culpados por não lhe dar atenção suficiente, eles tentam comprar o seu amor.

Coitado. Ele parecia ter sido jogado de um lado para o outro e subornado. Não admira que fosse um pouco materialista.

- Em que o seu pai trabalha?

- Ele administra os negócios da família.

- Que são...?

- Construção de navios.

- Isso não o interessou?

- Eu gosto de construir casas. É ótimo criar moradias para os outros.

- Dito por um solteirão playboy, isso soa estranho.

- Construir faz parte da minha história, mas eu quero traçar meu próprio caminho. Além disso... -

disse ele em tom encabulado. - Eu costumo construir condomínios de férias.

- Você foi muito atingido quando a bolha imobiliária estourou? - Haley cortava os tomates e tentava ignorar a proximidade dos dois, e o quanto era gostoso estar perto dele.

Ele assentiu.

- Mas eu tenho uma reserva de dinheiro que recebi dos meus avós e que me dá flexibilidade para fazer outras coisas.

- Como reconstruir St. Michael.

- Exato.

- O que você não teria feito, se Jackie não tivesse lhe dado o fora.

Ele pareceu envergonhado.

- Provavelmente, não.

- Então Jackie contribuiu muito para o seu amadurecimento pessoal.

- Contribuiu. - Ele desligou o gás e secou a gordura do bacon com uma toalha de papel. - E quanto a você? Você tem irmãos ou irmãs?

- Um de cada. Os dois, mais novos do que eu.

Ele pegou uma alface americana que estava ao lado da pia, bateu o fundo contra o balcão e puxou o centro. Desfolhou-a com os dedos longos e bronzeados.

Haley teve a sensação de que uma bolha acabara de estourar na cabeça, provocando-lhe tontura. Não havia explicação. Provavelmente, era um resquício do efeito de ter sido drogada na noite anterior.

- Tim está no Corpo de Paz, depois de ter obtido o diploma em Sociologia; Phoebe ainda está na faculdade, estudando Tecnologia Ambiental.

- Parece que você vem de uma família humanitária.

- É verdade - Ela falou com orgulho. - Os meus pais são professores e, todo verão, eles participam de um programa de professores sem fronteiras. Quando eu era menina, eles iam para St. Michael. Eles estão casados há 30 anos e ainda se amam como no dia do casamento.

- Ótimo - disse ele em um tom melancólico. - Eu não imagino como seja isso.

Ele espalhou a alface, cujas folhas brilhavam com a água em que tinham sido lavadas, em outra toalha de papel. E, depois, os dedos dele estavam sobre o pão caseiro, cuja casca marrom crocante ele cortava cuidadosamente em fatias, revelando o miolo branco. Ela sentiu um arrepio delicioso descer pelas costas. Por que achava tão erótico vê-lo fazer sanduíches?

– Poderia pegar a maionese na geladeira? – perguntou Jeb.

Feliz por ter uma desculpa para se afastar dele, Haley correu até a geladeira e pegou a maionese. Aquilo era loucura. Não podia deixar que a proximidade dos dois a abalasse.

Ela puxou a porta da geladeira e viu um pacote de biscoitos de chocolate duplamente recheados na prateleira.

– Biscoitos de chocolate! – exclamou ela. – São os meus preferidos. E você também os guarda na geladeira! – Ela deveria amá-lo. Qualquer homem que guardasse os biscoitos preferidos dela na geladeira era um homem que deveria estar no coração.

– Onde mais se deveria guardá-los?

– Exatamente. – Ela sorriu para Jeb, por cima da porta da geladeira. – Ahmaya diz que eu sou louca por ocupar espaço com eles, mas eles são muito mais gostosos quando estão gelados.

– Deliciosos.

– Você costuma abri-los e comer o recheio antes dos biscoitos?

– Existe outra maneira de comê-los?

– Eu adoro o recheio cremoso.

– Por que você acha que eu compro os duplamente recheados? Duas vezes mais creme.

– Sabe, Whitcomb, você não me parece ser um cara tão ruim, afinal – disse ela.

Os olhos dele piscaram.

– Se eu soubesse que iríamos criar um laço por causa de biscoitos gelados, já teria lhe dado uma geladeira cheia deles.

Ela ignorou o comentário e entregou a maionese a ele.

– Aqui está.

Os dedos dos dois se roçaram, e ela sentiu o coração balançar. Movimento do mar. Barcos balançavam. Exatamente. Isso fazia parte do problema. Estar no mar estabelecia um determinado ritmo, um doce oscilar, um despertar no sistema de alerta do organismo. Pelo menos, era o que parecia acontecer no caso dela.

Jeb espalhou a maionese sobre o pão, empilhou o bacon, a alface e as fatias de tomate que ela cortara.

– Simples, mas elegante e delicioso – declarou ele, passando-lhe um prato com o sanduíche e pegando o outro para ele. Ela podia jurar que ele acrescentara baixinho: “Como você”.

– O que você disse? – perguntou ela com o coração acelerado.

– Subimos para ver a vista?

– Hein – Ela ficou confusa.

– Para comer – explicou ele. Ela se sentiu tola por achar que o comentário sobre ser simples, elegante e deliciosa se dirigira a ela.

Haley colocou a mão na têmpora.

– Nesse momento, estou me sentindo demais como um vampiro para apanhar sol.

– Desculpe. Eu tinha esquecido.

Eles sentaram à mesa, ficando frente a frente. Haley atacou o sanduíche. Estava tão delicioso, e ela

estava com tanta fome, que precisou se lembrar de que deveria comer mais devagar.

– Gosto de vê-la comer – disse Jeb. Ela ficou envergonhada e parou de mastigar. – Você não é uma daquelas garotas que belisca a comida. Você a come com gosto.

– Você está se referindo às cabeças de vento?

– Estou.

– Jackie também come com gosto?

– Na verdade, não. Jackie fica tão envolvida na pesquisa dela, que não tem tempo de apreciar o que come. Em geral, ela está lendo algum livro sobre oceanografia, estudando mapas de navegação ou escrevendo artigos, e seria capaz de comer uma sola de sapato colocada diante dela. Mas você... – Ele falou em um tom de admiração. – Você saboreia cada pedaço.

– Provavelmente isso é resultado de eu trabalhar como enfermeira e de precisar engolir as refeições quando e onde puder. Eu gosto de qualquer comida que me ofereçam.

– É um prazer cozinhar para você.

– É um prazer comer o que você cozinhou.

Ele sorriu e se inclinou na direção de Haley. Mesmo através do cheiro de dar água na boca, do bacon, do pão e do tomate, ela sentia o perfume dele, um aroma ensolarado que soletrava: J-E-B. Ela sentiu um impulso quase irresistível de enfiar o nariz no pescoço dele e cheirá-lo.

– Sobremesa? – perguntou ele.

– Se você está falando dos biscoitos, sim. – Ela sorriu. – A minha única fraqueza.

– A única? – provocou ele, andando até a geladeira.

– A única que sou capaz de admitir – falou ela em um tom mais sensual do que pretendia.

– Ora, Haley French. Você está flertando comigo? – Ele voltou à mesa e abriu o pacote de biscoitos.

Ela abaixou as pálpebras e deu um sorriso enigmático. Ora, aquilo era divertido. Não admira que Ahmaya flertasse descaradamente. Haley pegou um biscoito, abriu-o e raspou o recheio com os dentes. Pelo canto do olho, ela viu Jeb fazer a mesma coisa, imitando-a.

– Hum...

– É estranho... – Ele abriu o segundo biscoito, girando uma rodela para cada lado. – Trabalhamos juntos por quase um ano e não sabemos quase nada de pessoal, um sobre o outro.

– De que adianta sabermos mais a respeito um do outro? Você deixou St. Michael e ainda tem a história com Jackie...

Ele lhe lançou um olhar expressivo, e poderia ser imaginação dela, mas ele parecera ficar magoado.

– Eu não quero me meter na sua vida. Sei que costumo fazer isso. Só pensei que seria bom nos conhecermos melhor. Nunca se sabe quando se vai precisar de um amigo.

– Desculpe – disse ela. – Às vezes, eu sou espinhosa. Concordo que não é o melhor mecanismo de defesa do mundo.

– Você acha que precisa se defender de mim? – Ele parecia surpreso.

– Você tem um jeito de dominar todo lugar onde entra. Isso faz com que aqueles que não são igualmente seguros se amedrontem.

– Você? – Ele ficou boquiaberto. – Insegura? Você é a pessoa mais capaz e competente que eu já conheci.

– No trabalho, sim, eu sei o que estou fazendo. Mas em ocasiões sociais? Em que a conversa precisa ser leve e envolvente? Nem tanto.

– Você se sai melhor do que pensa.

Perturbada, ela desviou o olhar e resmungou.

– É muita bondade sua dizer isso, mas não é verdade.

– Então – perguntou ele. – Sobre o que vamos conversar?

Era a pergunta de 1 milhão de dólares, porque eles não tinham nada em comum.

– É você quem é sofisticado e cosmopolita. Escolha.

– Que tal falarmos a respeito de hobbies? O que você faz nas horas de folga?

– Eu trabalho praticamente o tempo todo ou sou voluntária.

– Você gosta de filmes?

Ela deu de ombros.

– Tanto quanto qualquer outra pessoa, eu acho.

– Esportes?

– Fazer ou assistir?

– Os dois.

– Não gosto muito de assistir a esportes pela televisão, mas uma partida de beisebol, numa noite amena de verão, é agradável. Prefiro participar a ver os outros se divertindo.

Jeb apoiou o rosto na palma da mão e ficou a observá-la como se ela fosse a pessoa mais interessante do mundo. Ele tinha um jeito de fazer com que ela se sentisse especial que era enervante.

– Que esportes você costuma praticar?

– Atualmente, quase nenhum, mas eu costumava correr a maratona.

– Impressionante. Preparada para correr longas distâncias... Como escolheu esse esporte?

– Eu comecei a correr para me recuperar... – Ela se calou. Não entraria naquele assunto. Era muito pessoal para discutir com ele. Ela balançou a cabeça. – Não importa como eu comecei. Correr clareava a minha cabeça.

– E por que você parou?

– Furacão Sylvia.

– Bandido – brincou ele. – Eu corro.

– Eu sei. Já o vi na praia.

– E nunca ficou tentada a me acompanhar?

Tentada? Ah, sim. E fora justamente por isso que não o acompanhara.

– Eu sempre tenho muita coisa a fazer.

– Venha cá. – Ele agitou dois dedos, chamando-a.

– O quê? – O que ele pretendia?

– Aproxime-se.

Ela recuou. Ele riu.

– Você sempre faz o oposto do que eu quero que você faça.

– E daí?

– Você é muito desconfiada.

– Um cara me drogou na noite passada. Não acha que eu tenho motivo?

– Sinto muito por isso, Haley. – Os olhos dele ficaram tristonhos. – Fico feliz por você ter se trancado na minha cabine. Se Armand tivesse tocado em um fio do seu cabelo... – Ele deixou a frase inacabada, mas a expressão no rosto dele dizia tudo. Ele faria com que Armand pagasse pelos atos dele. Infelizmente, Jeb não estivera lá para protegê-la quando...

Não. Ela *não* iria pensar no assunto.

– Estou falando sério. Aproxime-se.

Nervosa, Haley se inclinou na direção dele, contraindo os músculos. Ele estendeu a mão na direção do rosto dela, e ela ficou sobressaltada.

– Calma, isso. – Ele passou o dedo no lábio dela. – Você está com o lábio sujo de creme. Pronto: agora não está mais.

Ela sentiu o rosto queimar.

– Talvez, algum dia, você me diga – falou ele, limpando a mão em um guardanapo, dobrando-o e jogando-o no prato vazio.

– Dizer o quê?

– Por que você fica tão assustada quando está perto de mim.

– Provavelmente, não – Ela disse. – Depois de sábado, nunca mais irei vê-lo.

– Sabe... – disse ele, encarando-a. – Não posso deixar de pensar que será uma pena.

Somos dois.

O que estava acontecendo com ela? Precisava se controlar ou não iria sobreviver seis dias – *e cinco noites* – sozinha com ele naquele barco. Como se metera naquela confusão? Mais importante: como sairia dela sem se machucar?

Capítulo Seis

Preventer: cabo usado para evitar que a retranca se mova acidentalmente de um bordo para o outro.

JEB PASSOU uma noite insone na rede. Insistira para que Haley ficasse na cabine, depois que ela argumentara debilmente, mas, por mais que tentasse, ele não conseguia deixar de pensar que ela estava lá. Ela devia estar enrolada no meio da cama dele, usando uma das camisetas que ele lhe emprestara, porque ela não tinha o que usar para dormir.

Por fim, ele acabou dormindo, por volta das 2h, mas, ainda assim, Haley invadia seus sonhos. Ele continuava a ver os seios atrevidos e empinados, sonhava com as longas pernas envolvendo-o pela cintura, sentia o perfume do cabelo dela, que cheirava levemente a morango. Ele acordou banhado de suor. Sacudiu-se. Virou. Marinou.

Jeb sabia o que era isso. Haley era a última tentação dele, o teste final para ver se ele realmente permaneceria fiel a Jackie. Haley era a maneira com que o universo o fazia provar que era digno de Jackie. Por que outro motivo o destino a teria colocado no veleiro dele, no meio do profundo oceano azul?

Na verdade, pensando bem, isso era poético. O último desafio para provar que o menino dera lugar ao homem.

Esta era a segunda chance dele. Estava na hora de decidir. Ele era um homem maduro e vislumbrava o futuro. Estava animado. A ideia de compromisso não o assustava mais como antes.

Aliviado, ele voltou a dormir, apenas para sonhar novamente com Haley.

Desta vez, ele acordou com a mudança do vento.

Jeb não precisava de uma biruta para saber em que direção o vento soprava. Atravessara o oceano tantas vezes que podia perceber, antes que acontecesse, através daquela breve pausa silenciosa, quando o vento mudava.

A aurora aquecia as ondas frias. O vento soprava na direção da Flórida, com uma boa velocidade. Jeb sorriu. Hoje, iriam velejar.

Ele pegou os mapas e as cartas náuticas e correu para a cozinha, para fazer o café antes de levantar âncora. Quando chegou, encontrou Haley na frente do fogão, vestida de camiseta, tomando café e

fazendo ovos mexidos. Uma torrada pulou na torradeira.

– Você está acordada – disse ele.

– Surpresa! Já que você cozinhou ontem, pensei que eu deveria cozinhar hoje.

A barra da camiseta estava no meio das coxas de Haley. Jeb não queria reparar, mas, ora, vamos, como não iria notar? Ele era humano, e ela tinha pernas fantásticas.

– Excelente – disse ele. – Podemos dar uma arrancada na manhã. O vento está bom e às nossas costas. Hoje vamos velejar e teremos maior velocidade.

– Que excitante. – Ela passou manteiga na torrada.

Jeb se serviu de café e abriu as cartas náuticas, checando as coordenadas e verificando se precisava alterar o rumo para o veleiro deslizar. Haley colocou um prato de ovos com torrada diante dele e sentou-se à frente dele, do outro lado da mesa.

– Isso parece complicado – Ela disse.

– Velejar é uma atividade complexa.

– Mas fascinante.

– Nunca se consegue aprender tudo o que há para saber sobre o mar. Toda vez que estou na água, descubro algo novo.

– Estou fascinada com o seu fascínio.

– Você conhece algo a respeito de velejar?

– Nem um pouco.

Jeb sorriu e balançou a cabeça.

– Tenho muito a lhe ensinar, gafanhoto.

Haley colocou sal nos ovos.

– Hum... Encontrei um biquíni rosa no fundo da gaveta da sua cômoda. Eu não estava xeretando, juro. Estava procurando um par de meias. Os meus pés ficam frios à noite.

De algum jeito, ele achou aquilo charmoso.

– O biquíni é do meu tamanho, e, já que estamos na água, pensei se estaria tudo bem se eu o usasse.

Tudo bem? Que Haley usasse um biquíni? Era como perguntar se estaria tudo bem emoldurar a Mona Lisa.

– Claro.

– Quer dizer, eu não quero ofender a dona do biquíni. Ele pertence à Jackie?

– Jackie? De cor-de-rosa? Dificilmente. – Jeb não tinha ideia de quem fosse a dona do biquíni, mas não queria dizer a Haley que poderia ser de uma entre várias mulheres; portanto, ele lhe disse uma pequena mentira.

– Ele pertence a uma de minhas irmãs. – O sorriso que ele viu no rosto dela mostrou que mentir fora o mais acertado.

– Tem certeza de que ela não se importará que eu o use? Eu lavei o vestido que estava usando a bordo.

– Não há problema – Ele disse com voz rouca, sentindo um arrepio atingi-lo na virilha. Aquela conversa sobre roupas femininas o excitava, especialmente em relação a Haley. – Vá em frente. Troque-se e me encontre no convés. – Ele terminou de tomar o café. – Está na hora de velejarmos.

Porque preciso encontrar Jackie o mais rápido possível, antes que faça algo com Haley do qual irei me arrepender pelo resto da vida.

HALEY ESTAVA animada.

Ela estava no cockpit, ouvindo Jeb explicar as partes do veleiro, dando nomes a elas. Havia muito para aprender. Havia o mastro – o poste vertical, que suportava as velas. Ficava no centro do veleiro e dele saía um mastro horizontal, chamado retranca, que suportava a parte inferior da vela principal.

– Do que você gosta mais em velejar? – perguntou ela.

– A área de jogo está sempre mudando. Não existem dois dias iguais.

– A área de jogo?

– Nos outros esportes, a área de jogo é sempre a mesma: formato de diamante no baseball, quadra no basquete, o campo de futebol, mas no veleiro a área é determinada pelo vento e pela água, pelo capricho da mãe natureza, que nunca se pode controlar ou prever. – Ele olhou para ela. – Assim como você.

Haley ficou corada com o comentário.

– A retranca é o mastro horizontal que passa de um lado a outro quando a vela muda de bordo – disse Jeb, voltando à lição. – Portanto, tenha cuidado para não ficar na frente quando ele gira ou você acabará dentro d’água.

– Então agora eu sei o que “mudar de bordo” significa.

– Esta é a vela mestra. Também é chamada de principal. A vela nada mais é do que o pano que apanha o vento para ajudar a mover o barco mais rapidamente através da água.

Ela torceu as mãos.

– Eu deveria estar tomando notas?

– Você vai aprender enquanto faz. O Segunda Chance tem uma headsail ou vela grande. Os veleiros menores não costumam ter.

– O que é uma vela grande?

– É a vela atrás do mastro. Existem diferentes tipos de “headsails”. Um deles é o jib.

– Jib. Jeb. Fácil de lembrar.

– Esta outra vela é uma spinnaker ou balão, usada para velejar a favor do vento... Vamos usá-la hoje, já que estaremos velejando com o vento.

– Entendi.

– Cada parte da vela tem um nome.

– Caramba. A minha cabeça está sobrecarregada.

– Você conhece a terminologia médica. Comparada a ela, a linguagem náutica é muito fácil.

– Para você, é fácil falar. Você sabe de cor e salteado. Mas estou pronta. Quais são as partes da vela?

– A cabeça é o topo da vela. – Ele apontou o topo.

– Aposto que esse nome faz com que os adolescentes achem graça.

– E alguns adultos imaturos também. O punho de amura ou tack é o ângulo inferior da frente da vela.

– Cabeça, o topo, como deve ser. Punho de amura, ângulo da frente. Entendi.

– Punho de escota ou clew é o ângulo inferior da parte de trás. A esteira ou foot...

– Deixe ver... – interrompeu ela. – É a base da vela.

Ele sorriu.

– Eu sabia que você era esperta. A valuma ou leech é a superfície posterior da vela e a testa ou luff é a superfície da frente, junto ao mastro.

– Pensei que você tinha dito que a testa ou luff era uma espécie de freio.

– A palavra luff tem vários usos. Quando usada como substantivo se refere à superfície fronteira da vela. Quando usada como verbo, refere-se ao panejar da vela, quando ela não está esticada. Luff também pode ser usado como adjetivo, como para definir velas panejadas que não dão velocidade. E estas são as talas... – Ele mostrou as tiras reforçadas embutidas ao longo da valuma para ajudar a vela a manter a sua forma.

– Acho que entendi.

– Não se esqueça dos cabos.

– Cabos?

– Cordas com finalidades específicas.

– Isso está começando a parecer um filme sobre masoquismo – brincou ela.

Jeb deu um sorriso malicioso.

– O que você sabe sobre isso?

– Só porque eu trabalho o tempo inteiro não significa que não sei o que acontece no mundo.

– Hum. – Ele lhe deu uma olhada que a deixou ruborizada.

– As cordas – lembrou ela, mas de repente se encolheu, porque parecia que ela estava ansiosa para saber mais sobre cordas.

– As cordas – falou ele em um tom sedutor. – A Cunningham é aquela linha de controle perto do punho de amura da vela, é usada para controlar a tensão da testa.

A palavra *tensão* reverberou no ar, formando uma linha tênue entre os dois.

– Creio que deve ser para esticar ou soltar um pouco a vela. Aumentar ou diminuir a velocidade?

– Algo parecido. – Ele olhou para o meio do mastro. – Esta é a halyard ou adriça. – Ele puxou a corda grossa que corria paralela ao mastro. – É usada para içar a vela. É o que você vai fazer em um minuto.

– Eu?

– Você.

– Sozinha?

– Sozinha.

– E se eu estragar tudo?

– Começamos outra vez. Esta corda que está em cima da retranca – ele mostrou –, chama-se outhaul e é usada para controlar a tensão da valuma.

– É preciso ter dez mãos para ser um marinheiro.

– Não dói. – Ele continuou a dizer os nomes dos cabos restantes e suas utilidades; depois lhe mostrou os equipamentos que ajustavam as cordas, incluindo os blocos de polias e instrumentos para esticá-las e prendê-las. Quando ele acabou, ela estava completamente confusa.

– Bem, eu não estou preparada para um concurso de perguntas.

– Mas agora você sabe o suficiente para erguer a vela.

– Sei?

– Sabe.

– Fico feliz por um de nós acreditar nas minhas habilidades.

– A primeira coisa a fazer ao preparar a vela é inserir as talas, o que eu já fiz. Depois, você prende o punho da amura. Venha, vou lhe mostrar como se faz. – Ele fez um gesto, e ela se aproximou.

– Isso está começando a parecer uma lição sobre o esqueleto humano. O osso do quadril se conecta com o da coxa...

– Uma apropriada analogia – disse Jeb. – Agora, prendemos o canto com o gancho e aplainamos o luff.

– Cordas, ganchos, aplainar o luff, esse esporte é bizarro. – Ah, nossa, por que ela dissera aquilo? Estava literalmente balbuciando bobagens. Ele iria pensar que ela estava flertando com ele. Não estava. Estava?

Pare. Pare de dizer coisas que pareçam sugestivas.

Jeb simplesmente riu e continuou a dar instruções. Quando tudo estava montado e no lugar, eles voltaram a checar as velas.

– Certo – Ele disse. – Vou nos colocar a sotavento e, então, içaremos a vela mestra.

– Estou nervosa. E se eu fizer errado? Esse é um barco muito caro.

– Eu estou aqui para ajudá-la. Você é corajosa como o diabo, Haley French. Já a vi em ação. Comparado a dirigir um campo de desabrigados do furacão, navegar é canja.

Assim que ele posicionou o barco, colocou-a diante da catraca e passou os braços em volta da cintura dela, para mostrar como enrolar a corda que içava a vela em torno do cilindro, acionando a manivela.

– Só as voltas suficientes para prender a linha sem que ela se solte, mas, enquanto a vela sobe, você precisa dar mais uma volta ou duas – explicou ele.

Ela sentiu a respiração de Jeb na orelha. Fazia cócegas, e ela sentiu vontade de dar uma risada, mas engoliu-a com um som abafado.

– E agora? – perguntou ela, resistindo ao impulso de recuar e de se encostar nele só para sentir o peito musculoso contra as costas.

– Você precisa pular depressa.

– Do barco?

– Não, para puxar a adriça. Lembra o que ela faz?

– Levanta a vela.

Ele afagou o queixo dela.

– Bom trabalho.

– Diga-me o que fazer.

– Fique ao lado do mastro, bem debaixo da adriça.

– Já sei. Eu pulo e puxo a corda para baixo.

– Exatamente. Eu estarei no cockpit, reduzindo a frouxidão da linha e puxando o cabo que está enrolado no cabrestante.

– Acho que começo a perceber como isso funciona.

– Quando a vela esticar totalmente, a carga vai aumentar. Portanto, puxar a corda não vai mais adiantar. Nesse ponto, eu aciono o cabrestante, até que a vela tenha atingido o topo.

– Ah – disse ela. – Lá vem você outra vez, com palavras de duplo sentido.

Benditos biscoitos, French. Quer parar com esse flerte? O homem está ligado em outra mulher. Apenas feche a boca.

O mais desconcertante era o fato de que ela nunca se comportara daquele jeito. Nunca. O que Jeb tinha que a transformava em uma colegial idiota? Ela estava agindo como uma garota de 11 anos em um show de Justin Bieber.

– Pronta? – perguntou Jeb.

– Pronta – afirmou Haley.

Ela pulou para pegar a adriça, pegou-a e começou a puxar. Jeb fora para o cockpit. Enquanto os dois

trabalhavam juntos, a vela começou a se erguer.

A vela inflou de modo majestoso. Haley ficou aliviada. Aquilo era divertido. Ela conteve o impulso de dar uma risada. Mas, a meio caminho do mastro, a adriça se soltou e, por mais que ela puxasse, não conseguia movê-la.

– Ei, Jeb – gritou ela. – Acho que fiz besteira.

– O luff emperrou. Isso é comum. É bom para você aprender. Pare de puxar a adriça. Vou lhe mostrar como desemperrar o luff. – Ele fez um sinal para que ela se aproximasse do lugar onde ele estava.

Assim que ela chegou perto dele, sentiu todos os poros se arrepiarem e animarem. *Francamente, Haley? Isso está ficando ridículo.*

Eles voltaram a descer a vela, e Haley meio que controlou o corpo. Eles puxaram, deram trancos, acionaram a manivela e soltaram, até que a vela atingiu o topo do mastro e inflou com o vento. Assim que estava totalmente inflada, Jeb lhe mostrou como prender a adriça, e eles passaram à vela de genoa.

Assim que as velas estavam erguidas, ela e Jeb juntaram as cordas espalhadas no convés. Quando acabaram, ela suava e estava sem fôlego por causa do exercício inusitado.

Jeb assumiu o lugar ao leme, e Haley ficou livre para se sentar e colher os frutos do trabalho de ambos, e, ah, meu Deus, era estimulante. Ela nunca esperara que velejar desse uma sensação tão grande de liberdade.

O vento lhe soprava às costas, jogando os cabelos sobre o rosto; os pés descalços se apoiavam no piso liso e polido de fibra de vidro, o ruído das velas ondulando e dos cabos contra o mastro, e, na mão, a cerveja gelada que Jeb lhe entregara.

Era tão tranquilo. A água era tão azul, e o sol era tão brilhante que iluminava tudo o que tocava. Ela tomou um gole de cerveja que lhe deixou um leve gosto amargo na boca. Os olhos dela fitavam o horizonte. Algumas nuvens brancas brincavam no céu, e, a distância, ela viu algo, e seu coração se encheu de alegria.

– Golfinhos! – gritou ela. – Jeb, é um bando de golfinhos, nadando ao nosso lado.

– Eles são curiosos e costumam seguir os barcos.

– Mas estamos indo muito rápido, e eles conseguem nos acompanhar! É como se apostássemos uma corrida. – Ela sentiu o coração bater mais forte quando se debruçou sobre a beirada do barco e os golfinhos os ultrapassaram. – Eles são cheios de manchas.

– Golfinhos-pintados-do-atlântico.

Ela olhou para Jeb, por sobre o ombro.

– Não é um nome complicado.

– Jackie os chamaria de *Stenella frontalis*.

Ali estava. O lembrete do motivo pelo qual Jeb fazia aquela jornada. O momento perdeu um pouco da alegria. *Santo Deus, Haley. Esqueça.*

Ela se voltou para os golfinhos. O líder do grupo estava praticamente ao lado dela. Tinha quase 2,5m e o corpo coberto de manchas brancas. Um golfinho com poás. Haley deu uma risada.

– Eles não nascem manchados. Ficam assim à medida que crescem. É o contrário do que acontece com os cervos. Quando muito velhos, esses golfinhos ficam cobertos de manchas.

Ela apoiou a cabeça no braço, ficou olhando o mar azul e os golfinhos cinzentos malhados e sentiu uma sensação de felicidade. Fechou os olhos por um instante, saboreando a sensação, para que pudesse lembrá-la quando tivesse necessidade de algo que a animasse.

Quando Haley voltou a abrir os olhos, os golfinhos cheios de vitalidade haviam rodeado o barco. Como nadadores sincronizados, eles saltavam e mergulhavam, davam reviravoltas e cambalhotas. Que atletas graciosos. Que criaturas gregárias.

O humor alegre e brincalhão dos golfinhos fazia com que ela se lembrasse de alguém que conhecia.

Haley deu uma olhada para Jeb.

O vento embaraçara os cabelos dele. As mãos seguravam a cana do leme. O sorriso dele era branco e largo, os olhos se enrugavam nos cantos. Nossa, ele era lindo.

Ela sentiu o coração fazer uma pirueta que rivalizava com as acrobacias dos golfinhos.

Haley voltou a olhar os golfinhos, dividida entre a beleza do mar e o homem bonito que controlava o leme.

O líder dos golfinhos fez contato visual com ela e emitiu um som agradável, que ela ouviu por entre o ruído do vento, e abriu a boca em um sorriso tão atraente como o de Jeb, como se estivesse dizendo: “Venha brincar.”

A criatura parecia muito confiante, como se estivesse pensando algo de especial. Haley se sentiu admirada, grata e humilde. Grata pelo destino tê-la colocado naquele barco e ter lhe proporcionado aquela maravilhosa experiência. Valera a ansiedade de ter se tornado uma clandestina por acidente, depois de ter sido drogada por Rick Armand.

Ela nunca se sentira tão ligada ao mar, à terra, às marés e ao céu. Fazia parte da natureza; não apenas reagia contra ela ou nela transitava. Haley sentia que o ritmo do mar estava dentro dela. Sentia-se parte integrante de tudo, como nunca se sentira antes, e aquele momento lhe parecia muito comovente.

Jeb riu.

– É engraçado vê-la tão entusiasmada por causa de algo tão simples como golfinhos.

– Pode ser simples para você – disse ela. – Mas, para mim, é um milagre.

– Eu sei que você já viu golfinhos antes, ao largo de St. Michael.

– Sim, mas nunca tão de perto. Nunca olhei um golfinho nos olhos e me senti...

– Conectada. – Ele terminou a frase.

Ah, ele compreendia.

O que ela perdera... Como não percebera que aquelas criaturas selvagens eram incrivelmente especiais? Como poderiam afetá-la com tamanha força? Haley, imediatamente, sentiu pena das pessoas que ficavam em terra, de todos que nunca tinham passado por aquela experiência altamente libertadora.

Um dos golfinhos se aproximou do barco. Ficou tão próximo que ela esticou o braço e tocou as costas lisas e molhadas do bicho. O golfinho mergulhou, e, quando reapareceu, havia uma pequena surpresa nadando junto ao corpo dele. Ela era mãe!

– Ah, veja, é um filhote! – Haley levantou depressa, em êxtase.

– Haley! Cuidado! – gritou Jeb.

Ela se virou para ver por que ele gritara.

Tudo pareceu acontecer em câmera lenta.

A retranca girou e foi na direção dela, mas a cabeça, desacostumada a velejar, não conseguiu registrar o perigo com a rapidez necessária. Quando ela contraiu os músculos para se esquivar era tarde. A retranca a atingiu na altura do estômago e a derrubou.

Uh!

Haley soltou todo o ar dos pulmões e ficou bufando no chão como um peixe, olhando o céu azul. Os

ouvidos apitavam e o estômago latejava.

Então, um rosto escondeu o céu, e a única coisa que ela conseguia ver era Jeb, com as sobrancelhas franzidas em uma expressão preocupada.

– Haley, você está bem?

Ela tentou dizer que sim, mas, como ainda não conseguia respirar, foi inútil.

Ele a envolveu nos braços acolhedores e reconfortantes, e puxou-a para fora do alcance da retranca.

– Tudo bem – murmurou ele. – Você vai ficar bem.

Ela era enfermeira e sabia. Fora apenas um espasmo do diafragma, nada mais, mas se sentir incapaz de inalar o ar era uma sensação muito apavorante. Ela sentiu o pânico despertar, preparando-se para atacar.

Jeb se agachou ao lado de Haley e massageou as costas dela.

– Calma, calma.

O cheiro de algodão limpo da camisa dele se misturava ao de sol e de mar nas narinas de Haley. Ele estava à direita dela, e tudo o que ela precisava fazer era virar a cabeça para encostar o rosto no peito dele.

Haley ficou tão perturbada com o impulso, que não conseguia pensar. Não conseguia falar. Ainda não conseguira respirar além de duas lufadas de ar insuficientes e superficiais.

– Haley. – Ele sentou sobre os joelhos e aproximou a boca da orelha de Haley, apoiando a mão nas costas dela. A sensação não poderia ser mais agradável.

Sem saber conscientemente por que, ela voltou o rosto para ele. A boca de Jeb ficou bem próxima dos lábios dela.

Os dois quase se tocaram.

– Jeb – murmurou ela, e isso bastou.

Os lábios dele estavam sobre os dela, deliciosos como caramelos salgados. Ela sabia que, assim como acontecera com os golfinhos, aquela era uma experiência que nunca iria esquecer: o barulho das velas ondulando ao vento do Atlântico, a claridade quente e radiante do sol de verão espalhando milhões de luzes minúsculas nas cristas da água azul, o cheiro da espuma salgada do oceano e aquele belo homem de músculos fortes e cabelos castanhos, beijando uma mulher prática, que se esquecera de como se divertir.

Haley guardou aquela lembrança no cofre onde ficava o álbum de fotografias mental dela e jurou tirá-lo de lá sempre que precisasse se lembrar de como a vida podia ser doce.

Jeb tinha uma boca expressiva, experiente, que beijara e saboreara coisas sofisticadas: as costas de uma mulher, a base do pescoço, os lóbulos das orelhas. Haley queria que ele fizesse o mesmo com ela, mas, embora a esperança batesse as asas no ombro dela, como um pássaro, ela sabia que o pássaro jamais iria voar.

Não com aquele homem. O coração dele pertencia a outra.

Ela deveria interromper o beijo. Sabia que sim. O cérebro dela gritava: *Faça alguma coisa! Qualquer coisa! Pare de beijá-lo!*

Mas ela não fez nada disso.

Pelo contrário: passou os braços pelo pescoço de Jeb e puxou-o para cima dela.

Quem era ela? O que estava fazendo? Era como se estivesse servindo de canal para o espírito de alguma sereia que dera uma reviravolta em um belo pescador e o prendia na rede. A imagem era estranhamente excitante.

O sabor de Jeb entrou na cabeça de Haley e ali se alojou. Champanhe borbulhante e fondue de morango, lagosta na manteiga e caviar. Não que ela já tivesse comido caviar, mas Jeb tinha o gosto do que ela achava que o caviar iria ter.

Você se meteu em confusão, disse a cabeça de Haley.

Cale a boca, retrucou o corpo.

Os lábios de Jeb minavam a energia de Haley, drenavam o arbítrio dela, como a onda que recuava depois de estourar na beira da praia, deixando para trás montinhos de resíduos, expondo coisas que seria melhor deixar escondidas, como algas e conchas quebradas e refugos produzidos pelo homem. Deixando-a vulnerável, exposta e incapaz de resistir ao toque de Jeb.

O beijo era mais excitante que qualquer outra sensação. Ela se sentia madura, ansiosa e pronta para ser colhida. Racionalmente, não era o que desejava, mas estava ávida por isso. Ávida por ele.

Ela inclinou a cabeça para trás e agarrou o pescoço de Jeb com um dos braços. Ele intensificou o beijo e deslizou a língua para dentro da boca de Haley, causando um abençoado dano ao autocontrole dela. As línguas de ambos estavam misturadas quando ela resolveu entrar no jogo e correspondeu da melhor maneira que conseguia.

Um som rouco saiu da garganta de Jeb, reverberando dentro dele e dentro dela, e Haley se iluminou. Ela o deliciava!

Antes que o bom senso habitual pudesse despertar, antes que ela plantasse as mãos no peito dele e o empurrasse, antes que a sensação de vergonha a dominasse por ter se deixado anestesiar pela boca perfeita e pela língua ágil de Jeb, ela aproveitou cada sinal da atenção que ele lhe dava, deleitando-se com a beleza do que jamais experimentaria outra vez.

Era maravilhoso.

E, como todo momento maravilhoso, acabou.

Jeb se afastou, murmurou uma desculpa, sussurrou um palavrão e deixou um bloco gelado e oco no coração de Haley.

Capítulo Sete

Lifeline: corda ou cabo de proteção que se estende por toda a extensão da borda do barco, presa com montantes, para evitar quedas no mar.

DURANTE O resto do dia, Haley o evitou.

Jeb não podia culpá-la. Ele se comportara de maneira abominável. Tentara tanto ser correto, resistir à tentação do lindo corpo vestido naquele minúsculo biquíni rosa. Talvez Jackie estivesse certa o tempo todo. Talvez ele fosse incapaz de se comprometer.

Isso o entristecia.

Ele realmente queria mudar, mas a redenção estaria além do alcance dele? Os prazeres da carne sempre iriam persegui-lo? Nunca controlaria o próprio corpo? Como provaria a Jackie que mudara quando sequer conseguia provar a si mesmo?

Desanimado, Jeb ficou ao leme, o dia inteiro. Haley desaparecera dentro do barco, depois que ele a beijara, balbuciando algo a respeito de o sol lhe ter causado dor de cabeça. Ele sabia que o sol não era o motivo do desconforto dela, mas, sim, a maneira indesculpável com que ele se comportara.

Ele velejou até a noite cair em torno deles como um manto e até sentir o cheiro de cebolas, cominho e alho que subia do convés inferior. O estômago de Jeb roncou, e ele percebeu que, depois dos ovos mexidos com torrada que Haley preparara para ele naquela manhã, não comeria mais nada.

Ele acabara de abaixar a âncora e recolher as velas quando ela apareceu no convés, com o luar refletindo no rosto ingênuo.

– O jantar está pronto – disse ela.

– Você não precisava fazer o jantar.

– Eu precisava fazer alguma coisa. – Ela vestira a camiseta dele por cima do biquíni. Graças a Deus. Estava descalça e coçava a perna esquerda com a ponta dos dedos do pé direito. Era um simples gesto e não deveria ser sexy, mas, maldição, era. – Eu não sou uma pessoa inativa.

– Posso comer aqui em cima se você preferir.

Um sorriso leve passou pelos lábios dela.

– Está se castigando?

– Eu mereço ficar aqui.

– Dê uma chance a si mesmo. Você é apenas humano.

Jeb ficou surpreso.

– Você não está furiosa comigo?

Haley deu de ombros.

– Olhe, aconteceu em um momento de fraqueza. Eu fui tão culpada quanto você, mas podemos relevar. Você está apaixonado por Jackie, e eu estou apenas me divertindo. Eu não tinha intenção de me meter no seu caminho. Passaremos mais alguns dias juntos no mar, portanto, não vamos considerar isso como algo mais sério do que foi.

A atitude dela era um alívio. Ela não o acusava por tê-la beijado. Claro, ele não poderia se eximir com tanta facilidade, mas a compreensão de Haley tirava um pouco da tensão do ar.

– Eu fiz tacos. Se você quiser, vamos. – Ela voltou a entrar no barco.

Jeb foi atrás dela.

Houve um momento de constrangimento, como sempre acontecia quando os dois sentavam para comer juntos. Ali, o ambiente era pequeno e fechado, e não havia outras distrações. Os dois só tinham um ao outro como companhia.

– O seu rosto está meio vermelho – disse ele. – As queimaduras do vento e do sol costumam arder. Há uma pomada de aloe vera no armário de remédios.

– Obrigada. Vou passar um pouco antes de ir para a cama. – Os dedos longos e finos de Haley pegaram um taco, e ela inclinou a cabeça para comê-lo.

Mais uma pausa constrangedora.

Pense em algo neutro para dizer.

– Então – disse ele. – Quanto tempo você planeja ficar em St. Michael?

Ela engoliu o pedaço de taco e limpou a boca – aquela boca doce e rosada – com o guardanapo.

– Não tenho certeza.

– Para onde você vai depois?

– Estou pensando em trabalhar como enfermeira itinerante. A minha estada em St. Michael despertou um espírito de aventura que eu não sabia ter.

– Engraçado. – Ele ergueu as sobrancelhas.

– O quê?

– Justo quando eu estou ansioso para me assentar, você está pretendendo vagar pelo mundo.

– Acho que é irônico. O cauteloso se torna aventureiro, e o aventureiro procura se enraizar.

– Devo dizer que você é ótima marinheira.

– Você diz isso na minha cara, depois que eu fui derrubada pela retranca? E isso depois de você ter me avisado.

– Você não ficou enjoada. A maioria das pessoas fica mareada.

– Eu nunca fiquei enjoada. Tenho um estômago de ferro. – Halley bateu na barriga.

Sem conseguir evitar, Jeb olhou para o corpo dela. Haley tinha uma cintura muito fina e quadris curvilíneos. Ele podia ver o contorno do biquíni rosa por baixo da camiseta branca.

Era oficial: ela o *estava* levando à loucura. Ele decidiu dar atenção aos tacos.

Sexy, linda e, além disso, boa cozinheira?

– Por que algum homem ainda não a fisgou?

– O que disse?

Ah, ele dissera aquilo em voz alta?

– Não há nenhum anel no seu dedo, e você nunca disse algo a respeito de um namorado. Você tem namorado?

– Não.

– Por que não?

– O motivo pelo qual eu vim para St. Michael é ajudar as pessoas. Como poderia fazer isso, se estivesse namorando, em vez de fazer meu trabalho?

– Todos precisam de um descanso de vez em quando.

– Estou começando a perceber – disse ela. – Hoje, com os golfinhos, foi a maior diversão que eu tive em muito tempo.

Pensar nos golfinhos levou-os a pensar no que acontecera depois, e os dois ficaram em silêncio.

– Além disso – disse ela –, eu não queria começar nada que não pudesse acabar.

– Então, há alguém em St. Michael em quem você está interessada? – perguntou ele, sentindo uma onda irracional de ciúmes.

Ela o encarou.

– Foi uma fantasia passageira.

– Você sempre termina tudo que começa?

– E você, não?

– Nem tudo precisa ser terminado. Algumas coisas estão destinadas a ser temporárias.

– Como uma refeição.

– Ou como um improviso.

– O que é um improviso?

– Vou fazer um com o seu nome.

– Fazer o quê?

– Um improviso.

– Certo, faça.

– Mas, antes: você tem algum apelido?

Ela torceu o nariz.

– Eu não sou do tipo que tem apelidos.

– Alguém já deve tê-la chamado por um apelido. Mãe, avó, irmãos, amigos...

– Às vezes, os meus amigos me chamam de Hale. Minha avó me chamava de girafa porque eu cresci mais depressa do que os meus primos. O meu pai, de vez em quando, me chama de fardo de feno.

– Haley. H, como em hospitaleira e humana. Só um Y, não dois. Eficiente. Hayley Mills, cometa Halley. Haley. Assim chamada pelo sr. e a sra. French. Feno. Fardo de feno. Girafa. Cresceu muito e muito rápido. Vívida. Confiável. Haley. Cinco letras. Duas vogais encaixadas entre três consoantes. Perfeitamente espaçadas. Firme, mas com um surpreendente Y no final – recitou Jeb sucessivamente. – Haley. Beleza da praia. Pele dourada. Sorriso levemente triste. Olhar inteligente. Covinha no queixo. Pernas de puro sangue. Amante dos golfinhos. Ativista. Batalhadora. Escrupulosa. Nobre. Faz os tacos mais gostosos do mundo.

Haley revirou os olhos.

– Diga uma coisa: esse tal improviso com o nome é uma cantada, não é? Você usa isso com as suas namoradas?

Sinceramente, não. Ele nunca fizera isso. Na verdade, não tinha ideia de onde viera. O improviso

simplesmente saíra da boca dele, mas ele estava com medo de admitir. E, de repente, ele percebeu que, inconscientemente, estivera pensando no nome dela e no que ele lhe lembrava, durante dias, talvez semanas.

– Pode parar de tentar me cativar. Eu sei que isso faz parte da sua natureza, mas não vai adiantar. Portanto, relaxe.

Ela estava com a razão, não fazia sentido, mas, lá no fundo da cabeça de Jeb, uma voz continuava repetindo: *Haley. Saudável como trigo. Tenda de hospital. Dormiu nos meus lençóis. Trabalhadora incansável. Sapatos com sola de borracha. Não foge às responsabilidades. Cabelos com cheiro de morango, que nunca deveriam ser presos em um coque. Pestanas parecidas com pincéis. Agora, apavorada e com vontade de fugir. Coração de ouro. Ela me coloca no meu lugar, como ninguém. Transforma o sr. Escorregadio em sr. Inseguro. Haley. Companheira involuntária de um passeio. Lábios divinos. O que você quer que eu não possa dar?*

– Não há como cativá-la, então?

– Não.

Mais um silêncio estranho.

– Com o vento às nossas costas, hoje desenvolvemos uma ótima velocidade – Ele disse, apressando-se a romper o silêncio. – Nesse ritmo, estaremos em Key West na sexta-feira.

Ela pareceu ficar aliviada.

– Ótimo, e poderemos voltar às nossas vidas.

– Sim. – Mas isso não parecia ótimo para Jeb.

Nem um pouco.

JEB IMPROVISAR COM O NOME DELA A IMPRESSIONARA.

Haley não queria admitir, mas era óbvio. Quando Jeb dissera todas aquelas coisas positivas a respeito dela, ganhara um lugar no coração dela. Era banal, e ela sabia que ele costumava dizer o mesmo para qualquer mulher que se aproximasse, mas fora simpático. Patético, porém simpático.

O jantar acabou. As louças foram lavadas pelos dois ao mesmo tempo, o que foi maravilhoso e também constrangedor, porque os dois se acotovelavam. Jeb foi para a rede, no convés superior, e ela escovava os dentes, usando uma das escovas novas que ele mantinha em estoque. Claro. Ele era o perfeito anfitrião. Acostumado a receber mulheres que passavam a noite no iate dele.

Haley se olhou no espelho enquanto escovava os dentes, com a boca cheia de espuma.

Você está se apaixonando por ele.

Ela sacudiu a cabeça, cuspiu a pasta e enxaguou a boca. Não. Não estava se apaixonando por ele. Simplesmente gostava dele.

A-hã... Conte outra mentira.

Tudo bem. E daí, se estava se apaixonando por ele? Não daria em nada por vários motivos: o principal deles era o fato de que ele estava navegando até Key West para impedir o iminente casamento da ex-namorada.

Ela sentiu o coração despencar até o estômago.

Como desejaria poder sair daquele barco e voltar para St. Michael! Voltar à vida equilibrada e normal, ocupada com pacientes a quem deveria atender, longe das ondas enganosas, dos golfinhos encantadores e do sorriso supersexy de Jeb Whitcomb.

Ela sentiu uma profunda tristeza. Nunca se sentiu tão isolada. Estava sozinha com Jeb. Não podia sequer telefonar e pedir conselhos para os amigos e familiares. Como iria sobreviver aos próximos dias? Desejando-o, ansiando por Jeb, mas sem poder tê-lo, porque ele queria outra mulher.

O coração de Haley se apertava de angústia. O que havia de errado com ela? Por que se sentia tão magoada quando não tinha o direito de se sentir daquele jeito? Não tinha direito de sentir nada.

Haley tocou os lábios.

Ele podia não querê-la, mas *a* beijara.

Só porque você estava à mão. Não ache que foi por outro motivo. Ela sabia muito bem, mas havia um enorme sinal de esperança luzindo lá no fundo. Tudo é possível, certo?

Não aquilo. A relação dela com Jeb era impossível por motivos que iam além do fato de que ele desejava Jackie Birchard. Ele era muito rico, e ela, da classe média. Ele gostava de se divertir, e ela, de trabalhar. Ele era bonito, e as mulheres caíam aos pés dele, enquanto ela, no máximo, tinha uma boa aparência. Ela não poderia competir com modelos, atrizes e socialites que imploravam pela atenção de Jeb, nem que quisesse.

Haley só precisava aguentar mais alguns dias. Era tudo o que tinha de fazer.

É, como se fosse ser fácil. A não ser que ela quisesse ficar na cabine pelo resto da viagem, não tinha como se manter longe dele.

A melancolia se instalou no peito de Haley como se fosse uma alga venenosa. Ela ficaria ali, lamentando e sentindo pena de si mesma, ou iria tomar alguma providência?

Mas a pulsação dela acelerava só de pensar em fazer alguma coisa. *Não pense. Apenas aja.* Pensar só a fizera recuar por tanto tempo.

Descalça, ela pulou por sobre a cama, pegou a maçaneta e abriu a porta da cabine, atravessou o corredor do convés inferior e foi até a escada. Quando colocou a mão no corrimão gelado, parou imediatamente.

Os pés congelaram no primeiro degrau.

O que estava fazendo?

O que achava que iria acontecer quando chegasse lá em cima? Que os dois fariam amor intensa e apaixonadamente na rede? E, se fizessem? O que aconteceria depois? Ele velejaria na direção do pôr do sol com Jackie e a deixaria profundamente magoada, sentindo pena de si mesma por ter seguido um impulso que não a levaria a lugar algum.

Por que teria de levar a algum lugar? Ela não poderia apenas se divertir? O que havia de errado nisso? O que Jeb dissera durante o jantar? *Nem tudo precisa ser terminado. Algumas coisas estão destinadas a ser temporárias.*

Não. Ela não seria a lâmina com a qual Jeb costumava se cortar. Ele estava tentando provar que não era mais um playboy inconstante. Estava tentando se firmar. Ela não podia ser a tentação que iria derrubá-lo.

Devagar, ela se afastou da escada.

Vá para a cama. Deixe para amanhã. Amanhã você pensa no assunto.

Sim, Scarlett O'Hara, amanhã é outro dia.

Mas, por enquanto, a noite parecia se esticar e não ter fim, e a aurora parecia estar a centenas de anos-luz.

MEIA-NOITE. E Jeb estava acordado.

De novo.

Em geral, ele não tinha problemas para dormir. Principalmente quando estava no mar. O ruído suave das ondas costumava acalmá-lo. Mas, naquela noite, as coisas estavam piores do que na noite passada, porque ele beijara Haley.

Já que não conseguia dormir, talvez fosse melhor se levantar e velejar. Velejar durante a noite o levaria para mais perto de Key West. Mais perto de tirar Haley do barco e colocá-la a caminho do destino dela. Mas o vento providencial que os levara a ultrapassar o plano de navegação também provocara um bando de nuvens pesadas. Naquela noite, a lua estava escondida, aparecendo apenas breve e ocasionalmente, e o ar cheirava a chuva. Ele queria mesmo se arriscar a navegar e a ser apanhado por uma tempestade?

Seria melhor não desafiar a sorte. Com o progresso que haviam feito naquele dia, ainda que enfrentassem atrasos inesperados, ele chegaria a Key West antes do casamento de Jackie, no sábado, às 16h.

Para distrair a cabeça, Jeb começou a calcular as coordenadas. Adorava exercitar a mente com matemática. Longitude, latitude, mudanças de altitude. Diabos, de repente ele estava cantarolando Jimmy Buffett.

Era melhor do que pensar em Haley.

Mas, ali estava ela outra vez, sem sair da cabeça dele.

Argh!

Ele arrancou a manta com que se cobria e levantou bruscamente, fazendo com que a rede ficasse balançando feito louca. Andou pelo convés, ouvindo os ruídos do barco – o gemer das correntes e das cordas, o suspiro da água batendo no casco, o martelar do próprio pulso nos ouvidos.

Jeb se encaminhou ao convés inferior e desceu a escada. Parou. Xingou a si mesmo. Subiu a escada.

Esperou um minuto. Ele vira luz por debaixo da porta da cabine? Haley estaria acordada? Ele se voltou e desceu de novo.

Sim. Havia luz.

Ela estaria acordada? Ou dormira com a luz acesa? Estaria com medo do escuro?

O impulso de protegê-la foi mais forte. Impelido por uma força à qual não conseguia resistir, Jeb se aproximou. Chegou à cabine. Levantou a mão para bater na porta, com a respiração acelerada e ofegante.

Ele abaixou a mão, colou a orelha à porta e imaginou tê-la ouvido respirar do outro lado.

Haley.

Ele colocou a mão na maçaneta. O corpo todo latejava e se retesava, cada nervo vibrava com uma energia que fazia com que marteladas lhe soassem na cabeça.

Haley.

E se ela estivesse com a cabeça encostada do outro lado da porta? E se estivesse com o coração batendo loucamente, como o dele?

E se não estivesse?

Jeb encostou os lábios na porta e sussurrou silenciosamente o nome dela.

Haley.

O que diabos ele estava fazendo? Jeb trincou os dentes, deu meia-volta, colocou-se na ponta dos pés – para ser mais silencioso e não correr o risco de que ela o ouvisse e abrisse a porta – e correu de volta à

bendita rede.

Ele balançou a rede feito louco, colocou a mão na cabeça, inalou o ar com força, lembrou-se de ter beijado Haley e ficou excitado. Idiota. O que diabos havia com ele? Ele não era *daquele* jeito. Não mais. Deixara de viver o momento e sacrificar o futuro. Havia vantagens em se controlar, em se negar, em suplantar a autoindulgência em nome de algo maior e melhor, blá, blá, blá...

Guarde as suas fantasias para si mesmo, Whitcomb. Contenha-se.

Um ano é muito tempo para passar sem sentir o corpo de uma mulher sob o próprio.

Lembre-se de por que você resolveu se manter celibatário.

Haley.

Que diabos? Não, Haley, não. Apague isso. Você confundiu os nomes. Jackie.

Jackie, Jackie, Jackie. Era ela que ele desejava.

A-hã, Jackie é aquela que está prestes a se casar com outro homem. Ela não está ansiando por você.

Sim, era por isso que ele tinha urgência de chegar a Key West e corrigir os erros passados.

Redenção. Este era o objetivo de Jeb.

Bem, ele não iria conseguir isso se fosse à procura de Haley.

Isso mesmo. Sim. Ele sabia disso. Estava preso. *Não ouse sair da rede até o amanhecer. Não importa o que aconteça. Entendeu?*

Ao longe, brilhou um raio amarelado. Um trovão ressoou. Até o tempo o advertia.

Entendido. Ele saudou o céu. Estava todo suado.

Poucos minutos depois, algumas gotas atingiram o convés e caíram levemente no rosto dele. Jeb puxou a manta e cobriu a cabeça.

O vento soprou mais forte, balançando a rede. Jeb se arrepiou de frio e tentou se aninhar na rede. Se pelo menos a manta fosse mais grossa e de lã...

Um raio caiu, agora em um tom vivo de azul, em formato de garfo e com a mobilidade da língua iluminada de uma cobra. O ressoar do trovão foi forte como uma batida de carro.

Jeb se assustou.

A chuva ficou mais pesada e o encharcou rapidamente.

Aquele não era o lugar mais seguro durante uma tempestade, mas ele consultara a previsão do tempo. A tempestade deveria durar pouco e ser levada pelo vento.

Porém, o vento parecia ter parado e deixado as nuvens negras exatamente acima da cabeça dele, ensopando-o. Jeb se virou de bruços – uma manobra nada fácil em uma rede – e se encolheu sob a manta molhada.

Não estava dando certo.

Ele jogou a manta de lado, cambaleou até o cockpit, pegou uma lona impermeável e voltou. Abriu o encerado sobre a rede e se enfiou debaixo dele.

Melhor. Pelo menos, ficaria seco.

A chuva pingava no encerado e fazia um ruído enlouquecedor.

Jeb resmungou. Ridículo. Vá para o convés inferior. Tentado, ele contemplou a ideia. Gostoso, quente e seco. A salvo de ser atingido por raios.

Sem essa, marujo.

Se ele descesse, com Haley tão perto, sabia que bateria à porta dela. E a maneira como ela o olhara durante o jantar e reagira quando ele a beijara lhe dizia que, se ele batesse, ela abriria a maldita porta e o convidaria para entrar de braços abertos.

Haley. Com os cabelos cheirando a morango e os lábios doces. Haley passando os braços pelo pescoço dele, puxando-o contra o peito. Haley...

Não!

Ele soltou o ar sonoramente e tossiu. A garganta parecia arranhada. Através do encerado, ele viu a claridade do raio seguinte e sentiu a vibração da trovoadá sacudir o barco. *Sério, cara. Você pode ser atingido por um raio.* Sem brincadeira.

Certo, tudo bem. Ele saiu da rede, foi até o cockpit e se enrolou nos encerados como se fosse uma bola. Não era muito, mas a superfície o protegia contra a força da tempestade.

Passaria. Tinha de passar. As tormentas sempre passavam.

A chuva escorria pelo encerado e molhava o rosto de Jeb, escorrendo pelo nariz dele como lágrimas copiosas. Se ele fosse para o convés inferior, poderia se esticar no chão. Não precisava da cabine. Haley jamais saberia que ele estava lá dentro.

Mas *ele* saberia.

Ora, vamos, você não é tão fraco. Pode ficar no mesmo convés que ela, sem se sentir compelido a seduzi-la.

Este era o problema: toda vez que estava perto dela, não conseguia pensar direito. Não era mais ele mesmo. Só desejava tocá-la.

Não: aquela era uma mentira descarada. Ele queria fazer muito mais do que tocá-la. E fora isso que o deixara enrolado.

As coisas mudariam quando ele visse Jackie de novo. Fazia muito tempo que ele não a via. Assim que fitasse os olhos de Jackie, esqueceria Haley por completo e não se arrependeria de ter mantido as mãos longe dela.

Só precisava chegar ao fim daquela noite.

Mais raios. Mais trovões. Mais chuva.

Jeb fungava e tremia. Os pulmões pareciam pesar dentro do peito. Estaria mais seco se tivesse mergulhado de cabeça no oceano. Ele deu uma olhada para a escada que levava ao convés inferior. A dez passos de distância. Doze, no máximo.

Não. Ele apertou o encerado em volta do corpo. Não iria descer. A chuva iria passar.

Com o tempo. Tinha de passar. Não chovia durante quarenta dias e quarenta noites desde os tempos da arca de Noé.

Quinze minutos depois, não havia trégua. Ele não sabia dizer se era o nariz dele que estava escorrendo ou se era a chuva, mas se sentia mal como o diabo. *Não* iria descer. Estava determinado a provar que podia se controlar.

Enquanto isso, os dedos engelavam como ameixa seca, e a cabeça latejava, mas ele aguentaria. Não era covarde. Não ele. Um verdadeiro marujo era capaz de enfrentar os elementos, certo?

Os dentes de Jeb batiam, e ele tremia tão violentamente que não conseguia parar. Os olhos ardiavam, os ossos doíam, e a pele parecia encharcada e esticada. Ele nunca fora acusado de ser teimoso, mas, naquela noite, se aferrara à decisão.

Uma hora depois, Jeb não conseguiu mais suportar. De qualquer maneira, estava exausto demais para tentar fazer qualquer coisa com Haley. Ele resistira o máximo que pôde. Com um gemido gutural, Jeb tentou se colocar de pé, mas cambaleou, a cabeça girou e os joelhos cederam. O piso se aproximou para recebê-lo.

Parabéns, Capitão, você está oficialmente ferrado.

Capítulo Oito

Folgar: afrouxar a vela ou um cabo.

NA QUARTA-FEIRA de manhã, Haley estava resolvida e esquecer o dia anterior. Começar do zero. Ela lavara o vestido que usara na festa e voltou a colocá-lo. Mesmo com a camiseta por cima do biquíni rosa, aquela vestimenta era muito provocativa e ela não iria mais se arriscar. Que pena que não tivesse uma jaqueta e calças de esqui.

Ela preparou duas xícaras de café e as levou para a ponte. O sol já levantara, e, em alguns lugares, havia poças d'água no convés. Chovera na noite passada? Ela pensara ter ouvido um trovão, mas não levantara para investigar.

Haley chegou ao degrau superior e avistou o cockpit.

Jeb estava caído de bruços, com o rosto parcialmente coberto por camadas de encerado molhado.

Ela soltou uma exclamação e abriu os dedos. As canecas grossas de terracota caíram no chão. Uma bateu e rolou, com a asa quebrada. A outra se partiu em dois. O café quente atingiu as pernas nuas, mas ela nem notou. O coração subiu à garganta. Ela correu até ele.

– Jeb!

Ele não respondeu.

Ela arrancou o encerado de cima dele, caiu de joelhos ao lado de Jeb, com o coração apertado e sentindo falta de ar. Sacudiu-o com delicadeza, porém com firmeza, pelos ombros.

– Jeb!

Ele soltou um gemido abafado.

Santo Deus! Ele estava fervendo!

– Jeb. – Ela bateu de leve no rosto dele. – Abra os olhos.

Lentamente, ele abriu um dos olhos.

– Beleza – balbuciou ele.

– O que é beleza?

Ele esticou o dedo para tocar os lábios dela, mas a mão caiu de volta ao lado do corpo.

– Você é uma beleza – sussurrou ele.

– Você está com febre. Você dormiu na chuva? – Ela franziu os olhos, colocou dois dedos no pescoço de Jeb, sobre a carótida, e mediu o pulso. Estava muito acelerado. – Por que você dormiu aqui fora, na chuva?

– Shh. – Ele fechou os olhos com força. – Dor de cabeça.

– Venha. – Ela passou o braço sob o dele. – Vamos para a cama.

Ele deu um sorriso sonhador.

– Hum... Você, eu, cama. Pensei que nunca iria me convidar.

Ela conseguiu fazer com que ele sentasse.

– Eu, não. Só você. Sozinho, com uma aspirina e um pano úmido sobre a testa.

Ele abanou a cabeça.

– Não posso. Preciso navegar.

– Hoje não haverá navegação, capitão Whitcomb.

– Preciso chegar a Key West.

– Você disse que estávamos adiantados.

– Preciso impedir que Jackie se case com aquele cara.

O coração de Haley se encolheu. Ela ergueu o queixo. Realmente, precisava deixar de sentir ciúmes da tal Jackie. E daí, se ele iria velejar com febre para chegar até ela? Não era da conta de Haley.

– Vamos, Romeu.

– Eu posso velejar.

– Você não consegue nem se levantar.

– Consigo, sim.

– Então, prove. Levante-se.

Ele fez um esforço, levantou e mostrou as mãos.

– Tchan!

– Você está balançando.

– É o movimento do oceano, baby.

– Já não conversamos a respeito dessa coisa de baby?

– Ops. – Ele bateu na boca. – Desculpe.

Ela não conseguiu conter um sorriso.

– Não se desculpe. Só não faça novamente.

Ele fez uma continência e quase caiu.

– Você está tonto de febre.

– Você pode ter razão – admitiu ele.

– Finalmente, você está ouvindo a sua enfermeira – disse ela.

– Minha enfermeira. – Ele acariciou o ombro de Haley.

– Eu não sou um cão obediente.

– Você não tem nada de cão obediente – concordou ele. Os olhos de Jeb estavam com olheiras.

Ela o segurou pelo cotovelo e o levou até a escada, rodeando o café derramado e as canecas quebradas.

– Ah, você derramou o café.

– Não se preocupe. Eu limpo mais tarde.

Estava sendo difícil. Jeb parecia não conseguir comandar as pernas. Em vez disso, andava como um prisioneiro acorrentado.

– Apoie-se em mim – repreendeu ela.

– Não quero.

– Por que não? Você não é tão pesado. Eu sou forte. Faça isso o tempo todo.

– Porque...

– Porque o quê? – Fazê-lo falar sentenças completas era como arrancar um dente. *Não se irrite. O homem está com uma febre de quase 39 graus.*

– Porque gosto muito de tocá-la.

Haley conteve a respiração.

– Pense em mim como enfermeira, não como mulher.

– Difícil, uma vez que você é tão bonita – murmurou ele, mas se apoiou nela.

Ela aguentou o peso, passando o braço em torno do peito musculoso de Jeb. O homem não tinha um grama de gordura no corpo, mas a camisa estava ensopada. E que corpo! Tenha dó, era incrível.

– Temos que livrá-lo dessas roupas molhadas.

– Aposto que você diz isso a todos os caras.

– Deixe de tentar ser sedutor por dois segundos, por favor. Você está doente.

– Ba... – Ele calou a tempo o baby que ia dizer. – Isso é como dizer ao sol que deixe de brilhar.

– Não adianta, eu sei. Chegamos à escada. Segure-se no corrimão e vamos descer um degrau de cada vez.

– Eu me sinto como um idiota.

– E deveria. Passar a noite na ponte, durante uma tempestade. – Ela estalou a língua e sacudiu a cabeça. – Não se preocupe. Eu não vou deixá-lo esquecer.

– É isso que eu adoro em você.

Adorar? O coração de Haley acelerou. *Sossegue, é uma figura de retórica.*

– Você nunca facilita para ninguém – disse ele.

– Isso parece terrível.

– Nem um pouco. Você faz com que as pessoas correspondam a um padrão mais elevado.

Santos biscoitos, ela estava ficando vermelha?

– Uau. – Jeb parou e se agarrou ao corrimão. Ela parou também.

– Tonto?

– Sim.

– Venha, sente-se aqui. – Ela o ajudou a sentar no degrau.

Os dois ficaram sentados lado a lado, com Jeb respirando com dificuldade e rapidamente. Ela também. O que estava acontecendo?

– Respire fundo – disse ela para ele e também para si mesma.

Ele respirou fundo algumas vezes e ela também. Ele sacudiu a cabeça e disse:

– Vamos tentar de novo.

Levou dez minutos, mas, passo a passo, eles chegaram à cabine. Haley o conduziu até uma cadeira e se abaixou ao lado dele, para ajudá-lo a tirar os sapatos. Como enfermeira, ela diariamente ajudava pacientes a se vestirem ou despirem, mas aquilo era diferente. Jeb não era paciente dela, e ela não era enfermeira dele. Ainda que estivesse doente, o homem a excitava de mil maneiras.

Hoje você é enfermeira dele. Seja profissional.

Fácil falar, difícil fazer. Ele tinha a pele firme e saudável. Músculos sublimes. Mesmo doente, ele era sexy.

Ela colocou os sapatos de lado e levantou.

– Levante os braços.

– O quê?

– Precisamos livrá-lo dessa camisa.

– Eu tiro sozinho.

Ah, que alívio.

– Está bem. – Ela cruzou os braços e esperou que ele se mexesse.

Ele empertigou o corpo na cadeira, muito pálido e, ao mesmo tempo, corado.

– Me dê um minuto. Preciso descansar.

– Deixe que eu o ajude.

Ele sacudiu a cabeça.

– Está bem.

– Você consegue levantar os braços?

Ele assentiu, mas falou:

– Não.

Ela pegou a barra da camisa molhada e começou a enrolá-la lentamente. Ele levantou um pouco os braços, enquanto ela subia a camisa pela barriga firme, tão deliciosa que implorava para ser lambida. Haley precisou morder o lábio para conter um gemido de aprovação.

Por fim, ela tirou a camisa pela cabeça de Jeb. Os cabelos dele estavam despenteados e encaracolados. Ele tinha uma aparência inocente e encantadora. *O quê? Você gosta de homens fragilizados?*

De jeito nenhum, mas a doença era uma grande niveladora. Atingia os ricos e os pobres do mesmo jeito.

Ele se soltou sobre o encosto da cadeira.

Ela olhou para o short dele. Hum, como iria tirá-lo? Podia deixá-lo com ele, mas também estava encharcado. Ficar molhado não causava doenças – esta era uma tarefa das bactérias e dos vírus –, mas poderia enfraquecer o sistema imunológico, principalmente porque ele passara a noite inteira na chuva, enquanto ela estivera calmamente enrolada em cima da cama dele. *Sentindo-se culpada, hein?*

– Você consegue tirar as calças sozinho?

– Claro – disse ele. Jeb levantou-se, ficou de pé por um tempo e caiu de cara sobre a cama.

Maravilha.

– Vire-se.

Ele gemeu.

Ela agarrou os passadores do cinto, puxou-os, e o fez rolar sobre a cama. Ele estava de olhos fechados e tinha um sorriso no rosto. Se não estivesse tão desorientado, ela poderia jurar que ele estava gostando daquela situação.

Ela tocou o fecho do short e, instantaneamente, sentiu Jeb enrijecer sob os dedos dela. Ele não se mexeu nem disse nada. Manteve os olhos fechados. O que ela iria fazer agora? Despi-lo ou deixá-lo com o short molhado?

– Jeb.

Ele não respondeu.

Ela o cutucou.

– Jeb.

Ele resmungou algo quase inaudível.

Tudo bem, ele estava fora de si. A ereção era apenas uma reação natural a uma mulher que puxava as calças dele. Ela não deveria ficar satisfeita nem ofendida. Resolvida a agir de maneira profissional, Haley abriu o zíper.

A ereção de Jeb aumentou.

Gotas de suor começaram a surgir na testa de Haley. Ela trincou os dentes e desviou os olhos para longe. Colocou-se ao pé da cama, agarrou as pernas do short e puxou-as até abaixo dos quadris de Jeb.

Ops! A cueca veio junto, e ele ficou totalmente nu. Haley não pretendia olhar. Não queria olhar. Na atividade como enfermeira, já vira muitos homens nus, mas nunca vira ninguém como ele. O ego de Jeb não era a única coisa que ele tinha de grande. Modelo de cuecas, que nada... Ele poderia ser um astro pornô.

Haley fechou os dedos e enfiou as unhas nas palmas das mãos até que elas doessem. Deixá-lo despido seria mais fácil do que tentar enfiá-lo de volta na cueca. Só de pensar, a pele ficava toda arrepiada. Principalmente, porque a ereção de Jeb se projetava para quem quisesse ver.

Mas ele também estava tremendo; os dentes dele batiam tão alto, que ela poderia dançar um flamenco ao compasso das batidas. A temperatura dele devia estar subindo. Ela o cobriu com um cobertor. Ele parecia um pobre homem em sofrimento.

Haley recolheu as roupas molhadas e pendurou-as para secar no cabide de toalhas do banheiro. Encontrou aspirinas no armário de medicamentos. Ela o estimulara o suficiente para fazê-lo tomar dois comprimidos e forçou-o a beber um copo cheio de água, antes de deixá-lo afundar sob as cobertas.

Mais tarde, ela correu até o convés para limpar o café derramado.

Quando terminou, ela levantou e olhou a infinita extensão do mar azul. Até onde os olhos alcançavam, não havia nada além de água e de gaivotas.

De repente, ela se deu conta do quanto estava isolada. No meio do oceano, com um navegante incapacitado. E se ele ficasse seriamente doente? Ela não tinha equipamento médico e nada sabia a respeito de barcos.

Santos biscoitos de chocolate, ela estava em sérios apuros.

UM ANJO tirara as roupas dele.

Não. Não um anjo.

Haley.

Certo, ela era uma espécie de anjo. Ele admitia. Anjo de misericórdia. *Como em “tenha misericórdia”, ela está me torturando!*

Ele sentira os dedos frios dela sobre a pele. E os cabelos! Tão lindo o jeito como lhe caíam sobre os ombros. Ela costumava usá-los presos em um coque, na maior parte do tempo. Aqueles cabelos nunca deveriam ser presos. Ele desejara tocar aqueles belos cachos cor de mel, mas os dedos dele estavam muito trêmulos.

Ela se inclinara sobre ele, recendendo a morango. Ele adorava morangos – tortas, geleias, morangos cobertos com chocolate, bolos de morango e drops.

Aquela era Haley: a salva-vidas de morango dele.

Hum...

Jeb lambeu os beiços. Ou, pelo menos, tentou. A boca estava seca, e os lábios se colavam. Hidratante

labial. Precisava de hidratante labial.

Ei? O que era aquilo? Um macio dedo feminino estava aplicando protetor labial nele. Que dedo leve. Ah, assim estava bem melhor. Tudo o que ele precisava fazer era pensar, e acontecia. Ótimo truque.

Melhor testá-lo.

Ele sorriu. Ele precisava de um anjo na cama, enroscado ao lado dele, com as nádegas macias encostadas na pélvis dele. Ele precisava passar as mãos nos quadris curvilíneos de Haley, traçar a cintura dela e encontrar o doce volume dos seios dela.

Ela passou a mão ao longo das costas dele, e ele estremeceu. Frio. Ele estava com muito frio. E calor. Calor e frio ao mesmo tempo. Havia camadas de cobertores em cima dele, e ainda sentia frio, mas, ao mesmo tempo, queria chutar as cobertas e sentir o ar fresco sobre a pele quente.

As cobertas levantaram. Ah, ali estava. Ar fresco.

E o anjo!

Enfiando-se debaixo das cobertas com ele, enroscando-se junto ao corpo dele. A pressão dos seios firmes sobre os ombros dele.

Seria real? Ela estava na cama, com ele?

Ou, em parte ele desconfiava, aquilo não passava de um sonho vividamente sexual?

Fosse o que fosse, vamos lá. Fantasia, realidade, qualquer uma delas, ele queria mais.

Ela pressionou os lábios contra a nuca dele.

Jeb resmungou em tom rouco. Estava a um passo de dar um soco no próprio peito e soltar um grito de triunfo como o de Tarzan ao vê-la na cama com ele. Ele se virou para ela, envolveu-a nos braços, beijou-a intensa e avidamente.

Ela riu.

Um raio quente o atingiu diretamente na virilha.

Sem fazer caso, ele agarrou as alças finas do vestido dela e arrancou-o do corpo.

O anjo perdeu o fôlego e emitiu um som doce e delicioso.

– Ah, homem das cavernas. Gostei.

– Espere só. – Ele arfou.

Ela se agitou nos braços dele, a renda do sutiã sem alça arranhava o peito dele. A minúscula calcinha, que fazia par com o sutiã, esticava-se sobre a pele branca. Ele agarrou o fecho do sutiã e conseguiu tirá-lo.

O sangue pulsava na garganta, e ele ficou excitado.

Atordoado pela febre, Jeb respirou profunda e calmamente, e pousou a mão sobre o coração dela. Ele a queria. Maldição, como a desejava.

Ele não deveria estar fazendo aquilo.

Não? Por que não?

Porque, porque...

A cabeça de Jeb estava confusa, e ele não conseguia pensar em um só motivo pelo qual não devesse estar fazendo aquilo. O desejo o consumia. Precisava possuí-la.

Imediatamente!

Pela maneira como o beijava, o anjo também o desejava com um ardor e uma paixão que o surpreendiam. Ela o enganara. Ele achava que ela fosse controlada ao extremo, mas, viva, ele estivera errado.

Ela jogou a cabeça para trás e expôs o pescoço macio e sedoso; os cabelos caíam sobre o braço dele.

Ela era, exatamente, como ele sonhara que fosse: o corpo era firme e macio, absolutamente feminino. Os seios nus se aninharam sobre o bíceps dele quando ele a envolveu com o braço.

A não ser que ele estivesse sonhando, parecia ser algo surreal.

Mas como ele poderia estar sonhando? Ela parecia bem concreta. Tinha um cheiro gostoso. Emitia sons reais.

Ele se afastou e olhou para ela. Nossa, ele adorava a maneira como ela olhava para ele, com os olhos enormes, compreensivos.

Ela abaixou um pouco as pestanas e fez uma expressão travessa. Um olhar de “venha cá”, e ele estava perdido.

Se ao menos ele pudesse capturar aquele momento especial, trancá-lo em um cofre e guardá-lo em uma cápsula do tempo... Jeb sorriu, depois gargalhou e abraçou-a com força. Ele sentia o corpo todo, desde a cabeça até os pés, tremer.

Ela se ergueu, apoiou-se no cotovelo e passou a mão pelos cabelos, enfiando os dedos nos longos cachos soltos. Um deles lhe caiu sobre o olho, aumentando a aura sexual. Uma névoa branca etérea parecia envolvê-la.

Jeb se perguntou se haveria algo de errado com os olhos dele. Ou ela simplesmente teria um halo muito brilhante? Impressionado, ele pestanejou.

Ela prendeu o cacho de cabelos atrás da orelha e bateu as pestanas. O olhar azul, iluminado como o Mediterrâneo, atraiu o dele.

– Estou aqui para abrandar a sua febre.

– Se sou eu que estou com febre, por que você está tão quente?

O olhar dela se nublou de desejo. Ela colocou a língua para fora, para lambe os lábios rosados, e Jeb se esqueceu de tudo que não fosse o desejo de mergulhar naquele corpo incrível.

– Você vai ficar olhando para mim a noite inteira?

– Não, senhora. – Ele se ajoelhou na cama e engatinhou na direção dela.

Ela levantou o pé descalço e o empurrou pelo peito, detendo-o. A visão dos doces dedos cor-de-rosa só fez aumentar o desejo de Jeb.

– Vou consumi-lo inteiramente, capitão. De uma forma que nenhuma mulher o consumiu. Está preparado para se render por completo? – Ela deu uma risada tórrida que ricocheteou nos ouvidos de Jeb.

– *Você está preparada para tudo o que eu vou lhe dar?* – Ele franziu os olhos.

Ela encolheu os dedos no peito dele.

– Esta é uma ocasião única. Vamos fazer com que seja uma noite inesquecível.

– Ah, bastará me provar para não ser capaz de ir embora depois de apenas uma noite – brincou ele, encarando-a.

– Onde estão meus sapatos? – brincou ela também.

Ela deixou cair o pé, sentou e pegou-o pelos ombros. Jeb resmungou.

– Hum... – Ela estendeu a mão e envolveu a incrível ereção de Jeb com os dedos. – O que temos aqui?

Ele estava com o rosto na altura dos seios dela. Eram lindos. Perfeitos. Volumosos, redondos, verdadeiros, mas não muito grandes. O ideal. Do tamanho de uma laranja. Ele adorava laranja. Ele não resistiu a tocá-los.

Jeb abaixou a boca e envolveu um dos mamilos, lambendo-o e mordiscando-o.

Ela exalou o ar com um sussurro quente e, de repente, tornou-se sinuosa e agitada como um golfinho, puxando-o para cima dela. Beijando-lhe o rosto, o queixo e a ponta do nariz com avidez.

O desejo de Jeb se igualava ao dela. Ele colou a boca nos lábios dela, e os dois se misturaram em uma confusão de pernas e de braços.

Ele *tinha de tê-la. Tinha de possuí-la agora.*

Não havia discussão.

Ele sentia o latejar da ereção. O sangue galopava nas veias, aumentando-a com intensidade. Jeb sentia a cabeça girar. Não estava pensando com clareza. Não conseguia pensar. Um impulso primitivo dominava tudo.

Ele estava no comando dos lábios de Haley, mas ela estava pronta, esperando por ele. Ela enfiou a língua doce na boca de Jeb, movimentando-a freneticamente para além dos dentes dele. Aquele momento rivalizava com o melhor dia de navegação de Jeb. De fato, o movimento ondulado do sangue ao correr nas veias de Jeb lhe lembrava o movimento das ondas do mar.

Ela passou os dedos pelas costas nuas de Jeb. Cada toque aumentava um pouco mais o desejo que ele sentia. Como podia a temperatura de um homem aumentar tanto sem fritar o cérebro e ferver o sangue dele?

Ah, espere. Ele *estava* se consumindo em chamas. Em um foguete para Marte. Empacotado e firmemente amarrado.

Ela enfiou os dedos no cabelo dele e arqueou os quadris, deixando-o louco ao roçar os mamilos no peito dele e permitir a visão dos pelos cor de mel, mais abaixo... Ele precisava prová-los!

Aqui vou eu, baby. Não. Espere. Ela não gostava de ser chamada de baby, e ele não queria chamá-la assim. Precisava arranjar um apelido para ela. Um termo carinhoso que nunca tivesse usado com outra mulher, mas que se encaixasse perfeitamente.

Anjo.

Boa garota, sempre fazendo o que era correto.

Anjo de misericórdia.

Ele tinha de sentir o sabor dela. Cheirar e tocar cada centímetro daquele doce corpo. Deixar que o halo dela o iluminasse interiormente.

Ela entreabriu os lábios, de modo suave e impaciente, imitando cada gesto que ele fazia. Cravou os dedos nas costas dele, pressionando o peito dele contra os seios.

Eles estavam face a face. Jeb prendeu-a contra o colchão e abaixou a mão até o meio das coxas de Haley, procurando o ponto mais quente e descobrindo que ela estava pronta para recebê-lo. Com delicadeza, ele passou o dedo sobre a carne macia.

– Anjo.

– Ah, e você é um demônio... – Ela suspirou.

– Pode acreditar – sussurrou ele ao encontrar o que procurava e mergulhar o dedo no corpo dela.

Ela estremeceu sob a mão de Jeb.

Ele estremeceu e usou mais um dedo. Quando ele roçou o ponto mais delicado com o polegar, ela gemeu e arqueou os quadris.

Ela era a mulher mais sensível que ele já conhecera.

– Está certo, garanhão. Você está causando um terremoto. – Ela mordiscou o lóbulo da orelha de Jeb. – Mas eu não quero fazer isso sozinha. Quero que você esteja comigo.

– Eu quero que isso se prolongue.

– Tudo o que é bom precisa ter um fim – disse ela sabiamente. – Vamos fazer com que seja maravilhoso.

Ela era esperta demais para o bem dele.

– Venha – sussurrou ela e fez um gesto enlouquecedor com a mão, tocando-o em um ponto que ele não sabia ter, e pronto! Ele perdeu a cabeça.

Jeb não conseguiu mais se segurar. Entrou no corpo dela e, no momento em que sentiu que ela o acolhia no calor do corpo, sussurrou:

– Anjo.

Ela o agarrou pelos cabelos e balançou o corpo contra o dele, repetindo como um mantra:

– Jeb.

E, então, ela parou de respirar.

Estaria chegando ao clímax?

Não, não, não. Era depressa demais. Jeb diminuiu o ritmo e se afastou.

– Ainda não, anjo.

– Não seja do contra. – Ela fez um beicinho.

Ele beijou a testa, as pestanas, o nariz, o rosto e o queixo de Haley enquanto ela resmungava com impaciência, debaixo dele.

– Você quer que eu a leve ao êxtase?

– Quero, agora!

– Como quiser, anjo. – Ele jogou os pés para fora da cama, puxou-a para a beirada do colchão e abriu as pernas dela.

Jeb olhou para o corpo nu de Haley através de uma nuvem de encantamento. Ela estava com os lábios rosados e brilhantes, os cabelos em desalinho e os seios intumescidos. Maldição: ela era a mulher mais sexy que ele já conhecera.

Haley aproximou o corpo do dele.

– Então, capitão, é melhor me possuir agora, antes que esse barco aporte.

– Eu não posso lhe negar nada. – Ele mergulhou dentro dela.

Haley ergueu os quadris e o puxou.

Os dois suspiraram ao mesmo tempo.

O calor, o balanço do barco e o cheiro de sexo dos dois os levaram à beira do abismo. Alguns movimentos, e os dois se perderam no mar. Jeb atingiu o orgasmo no mesmo instante em que Haley gritava de prazer.

Exausto, ele se agarrou a ela e carregou-a com ele enquanto rolava de costas sobre a cama. Ela ficou em cima dele, encarando-o.

Mágica.

Ele sempre gostara de sexo, mas nunca sentira algo de semelhante. Um verdadeiro abraçadabra.

Os cabelos dela, sobre o rosto dele, cheiravam a morango. Ele aspirou o perfume e fechou os olhos. A melhor coisa. Ela era a melhor coisa que já acontecera com ele.

O calor diminuía, mas a chama no coração de Jeb ainda queimava e brilhava.

Ele tentou beijá-la, mas ela desaparecera. A mão dele tocou o lençol frio e vazio. *Brincando de esconder, menina sedutora. Aqui vou eu.*

O duplo sentido o fez sorrir. Ele abriu os olhos.

Haley estava parada na porta, totalmente vestida, carregando uma bandeja e com uma expressão

preocupada que lhe franzia a testa.

Não franza a testa, anjo.

– Você está bem? Você estava dando gemidos terríveis. – Ela colocou a bandeja sobre a mesa e se aproximou da cama.

– O que está fazendo vestida? – perguntou ele, tentando dar um sorriso sedutor, mas desconfiando de que iria parecer o sorriso torto de um bêbado. O sorriso se apagou.

Ela deu de ombros.

– Como se eu fosse ficar nua com você.

– E estava. Há dois minutos. Como se vestiu tão depressa?

– Do que é que você está falando? – Ela se aproximou, mas, de repente, parou. – Espere um minuto!

Ah, droga!

Ela apertou os lábios, e os olhos brilharam.

– Você estava sonhando com sexo?

– Não, não – Ele negou.

– Sim, sim. – Ela estalou os dedos, claramente deliciada com o constrangimento de Jeb. – Por isso, tantos gemidos. Se eu soubesse, não o teria interrompido.

Ele sentiu o coração se apertar. Toda a beleza de terem feito amor não passara de um sonho fabuloso. Ele forçou uma gargalhada de indiferença. Não estava constrangido. Por causa de sexo? Não, senhor. Não ele. Sexo era normal. Natural. *Você pensou realmente que estava fazendo sexo com ela.* Parecia tremendamente real. Como um sonho podia ser tão vivo?

– Você *estava* tendo um sonho erótico. Comigo. Conosco.

Ele ficou vermelho e abaixou a cabeça. Idiota. Pensar que um sonho sexual fosse real. Como pudera ser tão tolo?

– Tudo bem. – Ela riu baixinho. – Estou profundamente envaidecida por fazer parte das suas fantasias sexuais, mas tudo foi provocado pela febre. Não há nada de que se envergonhar. Acontece. É simples biologia.

– Só uma febre. – Ele sentia o corpo pesado e o coração se encolher dentro do peito. – Nada mais do que uma febre.

Ela se inclinou e colocou a mão na testa dele. Ele não podia fazer mais nada, a não ser se encolher sob o toque dela.

– A sua febre cedeu. Não se preocupe. Tenho certeza de que seus sonhos indecorosos se foram com ela.

Sim. Jeb engoliu em seco. Isso era exatamente o que ele temia.

Capítulo Nove

Birutas de vela: fitas ou cordas da testa da vela, que ajudam a controlá-la de acordo com o vento.

– **EU** FIZ sopa fresquinha – disse Haley com orgulho e ar de eficiência. Como uma enfermeira. Era a melhor maneira de lidar com a situação. Não era a primeira vez que ela via um paciente ter um sonho sexual causado pela febre, mas, pelo que sabia, era a primeira vez que ela estava incluída no sonho.

– Você fez sopa para mim? – Jeb arregalou os olhos, admirado, e sacudiu a cabeça. – Isso leva horas.

– Não fique tão admirado. Eu não tenho muita coisa a fazer. – Ela se aproximou e ajeitou o cobertor.

Curvou os dedos sobre o piso de madeira. *Fique firme.*

Ela tentou não ver o peito nu de Jeb – ah, como se fosse possível – e enfiou as cobertas sob os braços dele. O homem podia ser modelo de roupas para a praia, não havia dúvida.

Ele se remexeu.

Ei, garota, eu estou tão constrangido quanto você.

Ela ergueu o corpo e sorriu. *Faça uma cara alegre.* Se funcionara para ele, por que não tentar?

– Você está me mimando.

– Você deveria estar acostumado com isso – Ela pegou a bandeja, levou até a cama e colocou-a no colo dele. Pegou o guardanapo, desdobrou-o e esticou-o em cima do peito de Jeb. Pronto. Escondera o perigo.

– Por parte de pessoas que eu pago para me paparicar. A maioria não faz isso espontaneamente, por bondade de um coração generoso.

– E quanto à sua mãe? Com certeza, ela o mimou.

– Ela pagou empregados para me mimar. Isso conta? – ironizou ele.

– Ah, dobrem os sinos pelo pobre menino rico.

Um brilho triste passou pelos olhos dele, mas logo foi escondido por um grande sorriso. Ele podia ter tido uma infância rica, mas ela desconfiava de que ele se perdera na confusão de vários casamentos, divórcios e famílias misturadas. Seria por isso que, para ele, era tão fácil se deixar levar pela maré? Ela admirava essa característica: ele não deixava que os obstáculos do caminho o impedissem de aproveitar a vida. Se ela pudesse ser um pouco como ele...

– Em geral, sou eu quem mima – disse ele.

– É você quem tem dinheiro – assinalou ela.

– Por que tenho a sensação de que você vê isso com maus olhos?

Ela deu de ombros e sentou na beirada da cama. O que era estranho, porque enfermeiras são treinadas para não sentar na cama do paciente. Ia contra tudo o que ela aprendera, mas ali estava ela, sentada na cama de Jeb. Afinal, ele não era paciente dela. Racionalizar não desculpava aquele comportamento. Ela não entendia por que não levantava.

– O dinheiro não é ruim. O que me incomoda é gastá-lo de maneira frívola.

– Como comprar um equipamento importante, em vez de desperdiçá-lo num solário – Ele disse.

Ele estava tocando naquele assunto?

– Bem, já que você mencionou, sim. Solários são bons, mas não necessários. Equipamentos médicos são imprescindíveis.

– Os pacientes gostam de solários. Melhoram o estado de espírito deles, e um paciente feliz é um paciente mais saudável.

– Eles moram em uma ilha. Você só precisa abrir a janela. Não é preciso uma construção específica que desperdice dinheiro.

– Você conseguiu o seu equipamento.

– Só depois de ter brigado com você. Todos os outros estavam ansiosos para agradá-lo.

– Porque eu era o cara com o dinheiro.

– Você não se cansa disso?

– Do quê?

– Das pessoas gostarem de você só por causa do seu dinheiro.

Ele fingiu fazer um beicinho amuado.

– O motivo é esse? Pensei que fosse pelo meu charme e pela minha aparência encantadora.

– Você está querendo elogios?

– Foi naquela reunião que, pela primeira vez, percebi como você era especial.

Ela inclinou a cabeça e olhou-o de soslaio.

– Porque eu o irritei?

– Você foi a única pessoa que me irritou – lembrou ele. – Eu fiquei satisfeito. Você se empolga com facilidade. – Ele olhou para ela, pensativo. – Existe uma chama dentro de você, Haley French.

Ela cruzou os braços para evitar que ele notasse a maneira como o corpo dela reagia ao olhar dele.

– Tome a sua sopa antes que esfrie.

– Você nunca tira folga, enfermeira?

– É algo entranhado em mim. Que posso dizer? Vai me fazer alimentá-lo?

Ele deu de ombros.

– Gostei da ideia.

– Claro. – Ela bufou.

– O que você tem contra homens ricos?

– Não é propriamente o dinheiro. É a maneira como o dinheiro faz com que eles se sintam donos do mundo. Como se pudessem ter tudo o que querem.

– Qual era o nome dele?

– De quem?

– Do cara rico que despedaçou seu coração.

Haley arregalou os olhos. Como ele adivinhara? O fel lhe subiu à garganta quando ela se lembrou de Trey Goss. Ela acreditava ter se esquecido de quase tudo. Não gostava de remoer algo que não poderia mudar.

- Quem disse que um cara rico despedaçou o meu coração?
- Por que mais você teria tanta implicância com homens ricos?
- Coma.

Ele fez uma continência, pegou a colher e separou alguns pedaços de frango, cenoura, aipo, cebola e macarrão no caldo quente. Comeu algumas colheradas.

- Hum, está realmente gostoso.

Por que ela ainda estava sentada ali? Não havia resposta. Não havia desculpa, a não ser que queria certificar-se de que ele estava comendo. Ele precisava se alimentar. Esse era o único motivo.

- Fico feliz por você ter gostado.
- Você não vai comer nada?
- Eu tomei um pouco de sopa antes de trazê-la para você.

Ele comeu tudo com gosto. Ótimo. Era um bom sinal. Estava a caminho da recuperação. Provavelmente não passava de algo que duraria 24 horas. Se ele continuasse a melhorar, ela o deixaria navegar no dia seguinte.

- Que horas são? - perguntou ele.
- Quatro da tarde.

Ele ficou aliviado.

- Não é tão ruim. Estamos um dia à frente do plano, portanto, mesmo perdendo um dia, chegaremos a Key West no sábado de manhã, contanto que o tempo colabore.

- São 16h da *quarta-feira* - disse ela. - Você está dormindo desde ontem de manhã.

- O quê! - Ele empurrou a bandeja na direção dela. - Aqui, pegue isso. - Haley levantou e pegou a bandeja. - Precisaremos navegar a noite inteira.

- Você não vai a lugar algum esta noite.
- Quem vai me impedir?
- Eu vou.
- E como pretende fazer isso?
- Escondendo suas roupas.

- Então, eu vou navegar despido. - Jeb jogou as pernas para fora da cama e, felizmente, manteve as cobertas sobre o colo, mas ela não conseguiu evitar o peito nu.

Ah, droga. Se ele levantasse, ela voltaria a ver o corpo inteiro dele. Sem se preparar. Lamentavelmente, não estava preparada para aquilo, para ele.

- Você está muito fraco...

Ele inalou o ar sonoramente, segurou a cabeça e gemeu:

- Ai...

Ela colocou a bandeja sobre a mesa e virou-se para empurrá-lo de volta sobre o travesseiro, certificando-se de manter os cobertores no lugar.

- Deite-se.

- Eu estou bem. Só sentei depressa demais.

- Você está se recuperando, mas não está em condições de velejar. O seu corpo está tentando lhe dizer isso.

– Já pensou em ser sargento? Você seria ótima para isso.

– Estou zelando pelos seus interesses.

– Sabe... – disse ele. – Se outra pessoa me dissesse isso, eu não iria acreditar, mas você...

– Eu, o quê?

– Você coloca os interesses dos outros acima dos seus. Você realmente se preocupa.

– Você parece surpreso.

– Fico surpreso porque não existem muitas pessoas como você no mundo.

Ela arrumou as cobertas. O coração dela dava voltas estranhas. Ele parecia saber exatamente o que

dizer para agradá-la. Realmente, ele gostava de um melodrama. Sabia como amansá-la.

– Existem mais do que você pensa.

– Você é generosa demais.

– E você – disse ela em tom severo –, precisa aprender a assumir as consequências das suas escolhas.

– O que isso quer dizer?

– Você escolheu passar a noite na chuva e ficou doente. Não pode ficar bom só porque quer.

– Está me culpando por ter ficado doente?

– Não. Estou dizendo que você precisa aceitar as consequências dos seus atos.

– Isso é duro.

– Essa é a verdade. Você tem tendência a ter pensamentos mágicos, Jeb.

Ele olhou para ela como se ela o tivesse atravessado com um arpão.

– Uau!

– Eu não estou dizendo isso para magoar os seus sentimentos.

– Você não me magoou. Só que... – Ele se calou.

– O quê?

– Você parece ver através de mim. Eu sou tão transparente assim?

– Para qualquer pessoa que realmente olhe para você.

– Você me vê como eu sou, não é?

– Creio que sim.

– E, ainda assim, gosta de mim?

– E quem não iria gostar de você?

– Essa é exatamente a questão. – Ele fez uma pausa. – Eu sempre acreditei que poderia fazer o que

resolvere fazer. Você provavelmente diria que foi porque eu cresci num meio privilegiado – e talvez ela

estivesse certa –, mas eu sempre pareci ter a habilidade de conseguir o que queria com um sorriso.

O homem tinha um sorriso devastador.

– Mas nunca pareceu dar resultado com você – acrescentou ele.

– Eu não diria que nunca.

Ele deu um sorriso amplo e encantador. E ela caiu: sorriu também. Ei, sorrir não machucava

ninguém.

– Você tem razão – disse ele.

– Você concorda comigo?

– Quando eu tinha 6 ou 7 anos, enfiei na cabeça que poderia viver na água como um golfinho. O

meu pai tinha uma casa de praia, em Tampa Bay – isso aconteceu entre as esposas número dois e

número três –, e eu passava os verões com ele. O meu pai tinha um pedalinho onde brincávamos. Um

dia, depois de eu ter me metido em alguma encrenca, decidi que viveria com minha verdadeira família:

os golfinhos. Então, pedalei até o meio da baía.

– Sozinho? – Ela ficou assustada. Conseguia imaginá-lo como menino, totalmente ignorante dos perigos a que se submetia. Ele deveria ter deixado a mãe louca de preocupação.

– Sim. Se eu iria viver com os golfinhos, não queria levar ninguém comigo. Isso teria acabado com o meu objetivo. Eu resolvi mergulhar, quando pensei que seria melhor ancorar o pedalinho, para o caso de não encontrar os golfinhos imediatamente.

– Essa história está me deixando nervosa. – Ela mordeu o lábio.

– Obviamente, eu sobrevivi; portanto, fique sossegada, pessimista. Eu pedalei de volta para casa, peguei um bloco de concreto e amarrei-o com uma corda, coloquei-o no pedalinho e retornei ao mar.

– E você só tinha 6 ou 7 anos? – Ela retorceu as mãos. – Onde estavam os seus pais?

Jeb deu de ombros

– Eles eram muito desligados.

Haley sacudiu a cabeça. Nenhum filho dela teria tamanha liberdade naquela idade.

– Eu soltei a âncora. Estava convencido de que iria encontrar um bando de golfinhos e nadar com eles para longe. Acreditava piamente nisso.

Ele deveria ter sido um menino aventureiro e imaginativo. Haley estava presa à narrativa dele. Ele tinha um jeito de alongar a história que a mantinha atenta. Teria sido um ótimo vendedor.

– Tomei fôlego e mergulhei de cabeça. Tudo à minha volta estava escuro e frio.

Claro. Jeb jamais teria mergulhado apenas os pés antes de mergulhar em algo.

– E fiquei realmente chocado ao perceber que não conseguia ficar debaixo d'água. Eu tentei, mas a água me empurrava de volta à tona, e eu precisava respirar. Tentei respirar dentro d'água, mas, claro, só engoli água. Então me ocorreu que o motivo pelo qual eu não conseguia respirar e encontrar a minha família de golfinhos era porque eu ancorara o pedalinho e, que, se eu não tivesse para onde voltar, seria capaz de nadar debaixo d'água. Eu arruinara a minha chance, providenciando uma rede de salvação, não tendo fé na mágica.

– Você voltou a tentar sem ancorar o barco?

Ele abanou a cabeça.

– Não. O meu pai me encontrou, e eu ouvi um belo sermão. Não muito tempo depois, ele vendeu a casa de praia, mas, sinceramente, eu me convenci de que fora a minha falta de fé que estragara minha chance para sempre.

– E, ainda assim, você chamou o seu barco de Segunda Chance.

Ele deu um sorriso.

– Chamei. Apesar de tudo.

– Você precisa descansar. – Ela pegou a bandeja e se encaminhou para a porta.

– Você não vai me deixar aqui sozinho, não é?

– A ideia é essa.

– Eu estou entediado.

Para falar a verdade, Haley também. Ela passara o dia anterior lendo livros pela internet, no celular, enquanto o observava de vez em quando. Estava mais do que ansiosa para conversar.

– Tenho alguns jogos debaixo do banco da mesa da sala de jantar – disse ele. – Escolha o seu preferido.

Ela ficou tentada.

– Se você prometer se comportar.

– Defina o que é *se comportar* – Ele sorriu com malícia.

– Não levantar antes que eu diga que você pode.

– Não tenho certeza de poder cumprir essa promessa.

A expressão sexy no rosto dele dizia que ele estava pensando em outro sentido da palavra levantar.

Ela estava corada. Largou a bandeja em cima de uma cômoda, abriu uma gaveta e pegou uma cueca, um short e uma camiseta, e jogou para ele.

– Vista isso, e eu vou pensar se irei jogar com você.

– Não pense muito, anjo. O seu problema é esse... Você pensa demais.

– E o seu é que você não pensa o suficiente.

– Isso nos torna o par perfeito – Ele brincou. – Duas metades de um todo.

Ela voltou a pegar a bandeja.

– Imagino o que a sua amiga Jackie diria a respeito disso. – Ela se voltou para a porta, sentindo o sangue pulsar rapidamente nas veias.

JEB VESTIU as roupas que Haley lhe jogara e esperou que ela voltasse.

E esperou.

E esperou.

E esperou.

Uma hora mais tarde, quando ele já concluía que ela iria deixá-lo esperando, ouviu uma batida seca na porta. Ela não esperou que ele respondesse. Entrou com os braços carregados de jogos.

– Eu nunca ouvi falar nesses jogos. Você não tem Monopólio, Palavras Cruzadas ou Gamão?

– Não.

Ela colocou os jogos sobre a cama.

– Escolha um.

– Ah – Ele disse, pegando o jogo do topo da pilha. – Este aqui.

– Eu nunca... – disse ela, lendo o nome do jogo. – O extravagante Jogo da Verdade. Hum... Parece interessante. Concordo.

– Na verdade, é um jogo com bebidas. É preciso ter uma garrafa.

– Eu não vou deixar que você beba. Você está se recuperando de uma febre.

– Pense nisso como medicinal. Uísque e água – com muita água – para eu não ficar desidratado.

Além disso, eu nunca perco nesse jogo. Você é quem vai beber.

– Ah, não. Isso me parece um desafio. Considere-o aceito. Eu sou muito competitiva.

– Já reparei. A bebida está sob o balcão do bar.

Ela saiu e, poucos minutos depois, voltou, trazendo uma garrafa de brandy de pêssego e dois copos.

Serviu um pouco em cada copo.

– Beba quando perder.

– Eu não vou perder.

– Veremos – falou ela, dando-lhe um olhar significativo tão encantador que ele quase riu. – Como se joga essa coisa?

– É muito simples. Você joga o dado, vai para a casa indicada no tabuleiro e, se a afirmação feita nele for verdade, você anda para o próximo. Se for mentira, você bebe e joga os dados novamente para a próxima jogada.

– O que impede que alguém minta?

– Eu não minto. Você mente?

– Não. A pergunta é hipotética.

– Se você for apanhada numa mentira, como castigo deverá beber o dobro.

– Ah, então esse jogo faz de você um mentiroso bêbado.

– Apenas se você não disser a verdade.

– Estou pronta a lhe dar uma surra – falou ela, sacudindo o dado, enquanto ele abria o tabuleiro no meio dos dois, em cima da cama. O dado mostrou três, e ela fez a peça andar três casas. Inclinou-se para ler o que estava escrito.

– Ei, essas perguntas são todas de natureza adulta – disse ela.

– Esse é o jogo. – Ele deu uma piscada para ela. – É demais para você? Podemos jogar “Velha Solteirona”.

– Está me chamando de puritana?

– Você está ficando vermelha.

– Ótimo. – Ela passou a mão na cabeça, comprimiu os lábios, formando uma linha, e leu a frase que estava no quadrado. – Nunca... me deram palmadas durante as preliminares.

Jeb riu. Apostaria um milhão de dólares que Haley nunca tinha feito algo tão fora do convencional. Não que uma boa palmada fosse algo excêntrico.

– Verdadeiro ou falso, anjo? Se for verdade, você vai para a próxima casa. Se for mentira, você tem de beber.

Hesitante, ela bebeu um gole de brandy.

– Olhe só para você – debochou Jeb. – Haley gosta de palmadas. Não admira que você queira me bater.

– Eu não disse que gostei. – Ela ergueu a cabeça, mas o rosto dela estava consideravelmente vermelho. – Jogue, é a sua vez.

Jeb jogou o dado, e ele caiu no seis.

– Nunca... fiz *ménage à trois* – leu ele.

– Verdade ou mentira?

Ele andou uma casa. Haley estalou os dedos.

– Eu contesto. Eu sei que você está mentindo.

Os dois se fitaram.

– Posso ter sido promíscuo até o ano passado, mas nunca fui para a cama com mais de uma mulher de cada vez. – Ele sustentou o olhar dela por mais tempo do que deveria. Seria maldade provocá-la? – Quando estou com uma mulher, ela tem toda a minha atenção.

Haley visivelmente engoliu em seco e fugiu do olhar dele, como se fugisse de veneno.

– Tome um gole – disse Jeb.

– Por quê?

– Quando contesta alguém que não está mentindo, *you* deve beber uma dose.

– Você não explicou isso antes.

– Estou explicando agora.

Ela sacudiu e jogou o dado com as mãos trêmulas.

– Nunca... fui presa. – Com um olhar de desgosto, ela bebeu mais um gole de brandy. – Nesse passo, estarei bêbada antes de chegarmos à metade do jogo.

Ele nunca esperara isso.

– Um verdadeiro passarinho na gaiola, não é?

Ela empertigou os ombros em uma atitude de desafio.

– O que foi? Foi numa manifestação de protesto.

Ele leu a frase da casa onde caíra.

– Nunca... fiz sexo em um colchão de água. Não. Também nunca fiz isso.

– Mas fez sexo em uma cama na água – observou ela.

– Não é isso o que diz o quadrado.

– Eu também contesto essa.

– Haley, Haley, Haley. Que idade você acha que eu tenho? Eu não nasci nos anos 1970, no auge da loucura por colchões de água.

– Bem, nem eu, mas eu dormi em um colchão de água.

– Mas você fez sexo nele?

– Não, mas a pergunta não foi para mim.

– *Touché*. Beba um gole.

– Por quê?

– Eu não estava mentindo, e você me contestou.

Ela deu um suspiro e bebeu tão pouco que mal molhou os lábios.

– Tudo bem. Está feliz agora?

– Muito – concordou ele.

– Minha vez. – Ela jogou o dado novamente e andou duas casas. Estava ganhando dele em matéria de beber. – Nunca... mandei uma mensagem para um ex, estando bêbada. Ah, por fim, algo que eu não fiz.

Jeb jogou.

– Nunca... corri despido na rua. Tudo bem isso eu fiz. – Ele bebeu um gole de brandy.

– Você correu pelado?

– A-hã.

– Onde?

– Durante a formatura na faculdade.

– É sério? – exclamou ela.

– Não foi um dos meus melhores momentos, mas, sim. Foi um desafio.

– Se a pessoa o tivesse desafiado a pular do alto de um edifício, você teria pulado?

– Você está falando como minha mãe.

– Não acredito que tenha corrido nu. Que constrangedor.

– Ei, eu não fui apanhado. Não tenho ficha na polícia, senhorita engaiolada.

Haley leu a próxima frase.

– Nunca... dormi com alguém casado. – Ela fez uma cara estranha e olhou para ele de soslaio.

A sensação o atingiu no estômago, e Jeb percebeu que ela iria mentir.

– Não. Nunca fiz isso. – Ela empurrou a peça para a próxima casa.

Ele deveria deixar passar. Por mais que o instinto dele dissesse que ela estava mentindo, não era da conta dele. Era apenas um jogo tolo.

– Contesto – falou ele em um tom tão cortante que o surpreendeu.

Ela se assustou.

– Como assim?

– Contesto. Acho que você *dormiu* com um homem casado. – Que importância isso tinha para ele?

Por que, de repente, ficara tão furioso?

Ela ficou muito pálida.

– Eu não quero mais jogar este jogo – disse ela, pulando da cama.

Jeb não iria deixar que ela escapasse dessa. Pegou-a pelo cotovelo.

– Haley? – Ela tentou soltar o braço, mas ele não a largou. – Fale comigo.

As lágrimas brilharam nos olhos dela e quase o derrubaram. Ele a soltou imediatamente. O que acontecera?

Ela abaixou a cabeça, afastou-se e lhe deu as costas.

– Esqueça. Eu não deveria tê-la pressionado. Não é da minha conta. – Ele fechou o tabuleiro e guardou as peças na caixa. Por que estragara uma noite perfeita?

– Eu menti porque me envergonho muito de mim – balbuciou ela. – Eu não sabia que ele era casado quando começamos o romance.

– Era o tal cara rico? O tal que a deixou com preconceitos contra pessoas que têm dinheiro?

Ela concordou em silêncio.

Jeb sentiu o impulso de procurar o homem e cobri-lo de pancadas por ter magoado Haley.

– É por isso que você me irrita profundamente quando me chama de baby. Ele me chamava de baby.

Como se eu fosse uma criança, um bebê. Claro, eu realmente era ingênua como um bebê. Eu aceitava as pessoas pelo que elas demonstravam. Pensava que, se alguém me tratava bem, isso significava que era uma boa pessoa.

– As aparências enganam. – Sério? Ele estava repetindo velhos ditados para ela? Jeb trincou os dentes. Não sabia o que dizer.

– É a coisa de que mais me arrependo na vida. Eu decepcionei a mim mesma. – Ela chorava baixinho, os ombros tremiam.

– Shh – murmurou ele e se aproximou dela.

Ainda de costas para ele, ela se deixou cair sentada sobre o colchão.

– Não seja tão bom comigo. Eu não mereço.

– Você rompeu com ele quando soube que ele era casado, certo?

Ela ficou tensa, e ele sentiu um buraco na boca do estômago. Ela não rompera o relacionamento ao saber que ele era casado. Uau. Então, o seu ídolo tinha pés de barro, afinal. Era como descobrir que a taça da copa era feita de alumínio, e não de prata. Durante quanto tempo ele a colocara em um pedestal?

– Eu tentei romper com ele – murmurou ela –, mas, naquela noite... – Ela cobriu a boca e sacudiu a cabeça.

– Haley. – Ele afagou as costas dela. – Você não precisa me contar tudo. Você não me deve explicações.

Ela apoiou a cabeça no ombro de Jeb e chorou desesperadamente.

Ele passou o braço pela cintura dela e puxou-a. Ah, droga... Ah, inferno. *Não chore, anjo. Não chore.*

O que ele provocara?

– Você o amava muito, não amava?

Ela abanou a cabeça.

– Não, não. Não era isso.

Jeb tocou o queixo de Haley e puxou o rosto dela, de leve, até forçá-la a encará-lo. Ficava arrasado ao vê-la tão atormentada.

– Tudo bem. Seja lá o que aconteceu, agora já passou. Você está aqui, comigo, a salvo. Ele beijou a testa dela, mas isso só fez com que ela chorasse mais.

– Ele... – Ela engoliu as lágrimas. – Ele disse que só acabaria quando *ele* dissesse que acabara. E, então... Ele me empurrou sobre a cama. Eu disse não, mas ele era maior e mais forte, e, no fim, eu acabei parando de lutar. Só queria acabar com aquilo.

– Está me dizendo que ele a estuprou?

Ela assentiu com a cabeça.

– Você não contou à polícia?

– Conte. Mas o promotor disse que não havia provas para levar o caso a julgamento. No fim, seria a minha palavra contra a de um empresário muito rico e proeminente, e eu tive um caso com ele. Eu percebi que não acreditavam na minha história. – Ela escondeu o rosto com as mãos.

A adrenalina se espalhou pelo corpo de Jeb. O impulso de socar o sujeito se tornara mais forte e mortal. Ele tinha vontade de estrangular o canalha com as próprias mãos. De simplesmente matá-lo por ter magoado Haley. Jeb não tinha ideia de que pudesse sentir vontade de matar. Costumava ser uma pessoa cordata. Não se enfurecia. Mas aquilo... Fora uma atitude imperdoável. Enforcar o homem seria pouco para ele.

As lágrimas de Haley ensopavam a camisa de Jeb. Ele passou a mão nos cabelos dela, abraçou-a e beijou-lhe a testa de novo, carinhosa e suavemente. Nada de sexual. Apenas um gesto de consolo. A última coisa de que ela precisava era que um cara excitado a apalpassse. Jeb esticou o braço e pegou um lenço de papel na estante, acima da cabeceira da cama, para Haley.

Ela secou as lágrimas.

– Eu não sei por que estou chorando por causa disso. Foi há muito tempo. Eu era caloura na faculdade. Jovem e idiota, como costumam dizer.

– Não. Idiota, não. Não se rotule assim.

– Francamente, eu achei que merecia ser punida. Deveria ter desconfiado de que ele era casado.

– Haley! – Como ela poderia pensar daquele jeito?

– Eu me senti culpada e envergonhada por ter feito um péssimo julgamento.

– Você *não* merecia isso!

– Se eu tivesse sido mais esperta...

– Shh. – Ele a embalou nos braços.

– Eu procurei um terapeuta – disse ela. – Pensei ter superado tudo, mas, pelo visto, ainda tenho problemas.

– Ah, droga, anjo. Sinto muito.

– A culpa não é sua. Você não fez nada, mas, de certa maneira, você me lembrava ele. Pelo menos, de início, antes de eu conhecê-lo realmente.

Jeb trincou os dentes.

– Odeio fazê-la se lembrar dele. Não admira que você não gostasse de mim.

– Não é você. – Ela sacudiu a cabeça. – Sou eu. Eu sou extremamente desconfiada...

– É compreensível.

– E eu estava com muito medo de me envolver com esse tipo de homem outra vez.

– Eu não sou como ele. Eu nunca, jamais, magoaria você, Haley. – Ele a fez levantar o rosto e olhar

para ele.

– Eu sei, eu sei. Mas existe Jackie. Eu sei que você não é casado com ela, mas deseja ser.

Sim. Jackie. Jeb soltou um suspiro. Não iria pensar no assunto agora. Não, agora ele só desejava confortar Haley. Ele afagou as costas dela.

– Se você quiser continuar conversando, sou todo ouvidos; mas, se não quiser dizer mais nada, eu compreendo.

Haley soltou um suspiro.

– Sinceramente, estou feliz por ter lhe contado. Já me sinto melhor. Você é um ótimo ouvinte, Jeb.

– Há algo mais que eu possa fazer?

– Escutar foi o suficiente. Obrigada por isso.

– Eu gostaria de poder fazer mais.

– O passado é passado, e eu devo esquecê-lo – Ela falou em um tom determinado. – Vamos nos concentrar em outra coisa.

– Sobre o que gostaria de falar? – perguntou ele.

– Velejar – respondeu ela com firmeza. – O mosquito da navegação me mordeu, e eu estou fascinada.

Aquele era um assunto que ele podia dominar.

– Há algo específico que você queira discutir?

– Você poderia me mostrar como usar as cartas de navegação para planejar uma viagem?

– Eu adoraria. Precisamos mesmo calcular a navegação estimada.

– O que é calcular navegação estimada?

– É como se calcula onde estamos e para onde vamos a partir daqui.

– Faz sentido. – Ela sorriu. O desespero que havia nos olhos dela desaparecera por completo. – Vamos fazer isso.

Aquele sorriso corajoso e animado tocou o coração de Jeb. Ele a admirava muito. Admirava a maneira como ela lidava com as adversidades e não se deixava abater. Ela era incrível.

Você está com problemas, Whitcomb. Ela vai enrolá-lo no dedinho como se fosse uma biruta de vela.

Capítulo Dez

Navegação estimada: determinar o curso, baseado na distância de uma posição anterior conhecida.

NA QUINTA-FEIRA de manhã, eles levantaram as velas ao amanhecer. Jeb calculara a navegação estimada e, percebendo que o vento ainda os atingia pela popa, concluía que, se tudo desse certo, ainda considerando o atraso, chegariam a Key West no sábado de manhã. Ainda lhes dava tempo de sobra para passar pela alfândega, antes do casamento de Jackie, às 16h.

Da parte dela, Haley tentava não pensar em como fora bom contar o segredo a Jeb. Ele fora bondoso, compreensivo, acolhedor e fizera com que ela se sentisse... Bem, não iria analisar esse detalhe.

O dia transcorreu de modo agradável. Jeb se recuperara tão rapidamente que era como se nunca tivesse sido derrubado pela febre, e Haley aceitou a oferta que ele fizera, de lhe ensinar mais a respeito das técnicas de navegação e funcionamento dos instrumentos. Ele a ensinou a comandar o leme; e ela aprendeu como aumentar a velocidade manejando o barco. A lição que recebeu de Jeb foi que “ir em frente era ir mais depressa”. Ela aprendeu que o barco tinha a tendência de se voltar para a direção de onde vinha o vento, causando desequilíbrio, e a respeito de todas as forças que o puxavam e empurravam.

O que mais a surpreendeu foi que o piloto precisava fazer pequenos movimentos com a cana do leme para manter o barco na direção. Quando o vento mudava de velocidade ou o veleiro adernava – ela aprendera que *adernar* era o termo usado quando o veleiro se inclinava para um dos lados – alterava o leme, forçando o piloto a empurrar levemente a cana do leme para manter o curso, mas, ao final do dia, ela já o estava controlando.

Os dois conversaram sobre assuntos genéricos, evitando assuntos perigosos como sexo. Falaram a respeito de livros de que tinham gostado e ficaram encantados ao descobrir que tinham o mesmo gosto em matéria de literatura. Ambos gostavam de ler histórias de detetives, suspenses arrepiantes e biografias. Falaram a respeito de St. Michael e sobre o que mais gostavam na ilha. Abordaram outros assuntos: animais de estimação na infância, passeios durante as férias, como fazer um sorvete caseiro perfeito.

O dia passou agradavelmente temperado pelo ar do oceano e pelo vento refrescante que os

impulsionava na direção da Flórida. Ficaram acordados até tarde, prolongando o jantar – a macarronada que Jeb fizera e uma bela garrafa de Chianti –, e depois se dirigiram a camas separadas. Nenhum dos dois teve coragem suficiente para fazer alguma coisa em relação à atração sexual que existia entre eles.

Na sexta-feira de manhã, Haley descobriu que a impressão que tinha de Jeb mudara totalmente. Antes de conhecê-lo realmente, ela achava que ele fosse superficial e arrogante. Agora, ela percebera que ele simplesmente não gostava de lidar com o lado mais sombrio da vida e que tinha o dom de transformar trabalho em diversão. Quem poderia culpá-lo por isso? Era uma habilidade que ela precisava muito aprender.

Ele tinha o dom de fazer com que tarefas comuns se tornassem agradáveis. Não admira que todos quisessem andar em volta dele. Ele a distraía, encantara e inspirara. A inabalável autoconfiança de Jeb, de alguma forma, preenchia os vazios que havia dentro dela.

– Estou com inveja da sua autodisciplina – Ele disse enquanto içavam as velas ao amanhecer.

– E eu estou com inveja da sua habilidade de fazer com que tudo se torne uma brincadeira. – Ela puxou uma mecha de cabelos que o vento soprara sobre o rosto. Desde que entrara no barco, não prendera os cabelos em um coque ou em um rabo de cavalo nem uma vez. Deixar os cabelos soltos fazia com que ela se sentisse mais livre, mais leve. – Pensei que você me achasse extremamente rígida.

– Estou falando sério – disse ele. – Quanto a isso, você me faz sentir incompetente.

– Jeb, eu não queria fazer com que você se sentisse desse jeito.

– Você também faz com que eu sinta ter uma missão mais alta, e eu não quero decepcioná-la.

Ela bateu de leve no peito dele.

– Apenas ponha em prática todo o seu potencial.

– Isso é tudo o que eu preciso fazer para ganhar o seu respeito?

– Você já ganhou o meu respeito.

Os olhos dele brilharam de satisfação.

– E quando foi isso?

– Começou no dia em que você salvou aquela gaivota, mas se completou no dia em que você me disse que queria mudar para conseguir Jackie de volta. Eu respeito pessoas que se esforçam para melhorar.

– Você é uma mulher justa e honesta, Haley French.

Os dois ficaram se olhando, com o vento passando em torno deles. Era um momento perfeito: os dois compartilhavam sorrisos, um barco e respeito mútuo.

– Sabe, eu realmente me diverti muito esta semana – disse ela. – Apesar do início inusitado.

– Eu também.

– Estou quase lamentando que amanhã tudo se acabe.

– Quase? – Ele perguntou.

– Bem, você me conhece. É o máximo que eu me permito viver uma fantasia. Mais cedo ou mais tarde, eu preciso arregaçar as mangas e voltar ao trabalho. Muito tempo no paraíso me deixa nervosa.

Ele exibiu um sorriso de dentes perfeitos e deu aquela piscadela maliciosa para Haley, ao mesmo tempo em que o vento inflava a vela grande, e eles começavam a navegar.

Não havia nem uma hora que estavam navegando quando avistaram terra pela primeira vez, desde que tinham deixado St. Michael.

– O que é aquilo? – perguntou ela.

– Pelican Island. É uma ilha fantasma.

– O que é uma ilha fantasma?

– É como se fosse uma cidade fantasma. Há muito tempo a ilha era habitada, mas um furacão, no início dos anos 1990, varreu tudo e só deixou o farol.

– Eu adoro faróis.

– Eu sempre quis desembarcar na ilha. O farol é um famoso ponto de encontro de navegantes que vêm das Bahamas e da Flórida. Pena que não temos tempo para parar e conhecê-la.

– Pena – repetiu Haley.

– Mas vamos passar bem perto dela. Você terá uma visão mais próxima do farol.

Ela passou o leme para Jeb e foi para a proa do barco, enquanto o Segunda Chance singrava na direção da ilha. Os últimos dias tinham sido uma revelação. Quando ela se vira na condição de clandestina acidental no barco de Jeb, não esperara sair daquela experiência sentindo-se... *renovada*.

O tempo que passara no mar fora restaurador, um descanso mental do qual ela nem sabia precisar. Estar em mar aberto, cercada pela natureza, fizera com que ela se lembrasse do esquecido espírito indomado. Ela adorava sentir os raios do sol sobre o rosto e as ondas se agitando a seus pés. Sentia-se atenta à vida, totalmente aberta a novas experiências, de um jeito que nunca estivera. E tudo isso se devia a Jeb.

Ela deu uma olhada para ele, por sobre o ombro. Ele parecia tão imperiosamente masculino, com as mãos controlando a direção do barco com habilidade, que ela precisou fechar os olhos e umedecer os lábios ao sentir que, na parte mais funda, mais escondida, mais íntima e mais pura, os músculos se contraíam em uma ânsia doce e aguda.

Ele guardava a chave de um universo de sensações e de delícias. O homem sabia como se divertir. Era um sensualista. Um gourmand. Não havia dúvida. Ela sentiu as emoções aflorarem. Sentimentos que mantivera represados desde que cometera um erro na juventude e se apaixonara pelo homem errado.

Estaria cometendo o mesmo erro?

Sim. Não porque Jeb não fosse um bom homem, mas porque o coração dele pertencia a outra pessoa. Haley não podia se apaixonar por ele, não devia, mas, por mais força de vontade que tivesse, não conseguia controlar a reação do próprio corpo. A maior reprimenda não conseguiria impedir o sorriso que ela dava toda vez que ele a fitava.

Deliberadamente, ela voltou a atenção para o mar. E, dentro de uma hora, estavam ao largo de Pelican Island.

O farol se erguia em um cais de pedras. Ela pensou na imagem solitária de um faroleiro. Podia vê-lo guardando a luz que evitava que os barcos batessem na ilha. Os faróis eram objeto de lendas românticas e folclóricas... Sereias, ninfas e marujos infelizes jogados com violência, mortos, sobre as rochas.

A ilha tinha formato de meia-lua, e uma pequena entrada na rocha abrigava a água em tom mais claro de azul. Ela viu uma forma se movimentar na enseada.

Seria um golfinho?

Haley franziu os olhos. Não, era algo muito grande para isso e também muito lento. Ele emergiu na água, maior do que uma vaca, cinzento e desajeitado. Elefante. Parecia um elefante aquático, sem a tromba.

Um peixe-boi!

Era um dos famosos manatis da Flórida.

Ela se arrepiou de excitação e correu até Jeb.

– O que a deixou sorridente?

Ela estendeu a mão.

– Binóculos.

– O que foi?

– Acho que há um manati perto do farol.

– Tem certeza de que não é um fantasma? – brincou ele, procurando na caixa onde guardava os instrumentos e pegando um estojo preto à prova d'água.

– Fantasmas não existem – Ela disse com ironia, correndo de volta à proa. Ela abriu o estojo, pegou o binóculo, levou-o aos olhos e focalizou as lentes. Levou um minuto para localizar o animal.

Sim! Era um manati grande e dócil.

O manati nadou um pouco com movimentos desajeitados, adiantou-se alguns metros e desapareceu de vista ao mergulhar. Voltou à tona para respirar, alguns minutos depois, exatamente onde estivera antes. Nadou de novo e desapareceu. Reapareceu mais uma vez, nadou e mergulhou, repetindo o processo várias vezes.

Havia algo de errado.

Haley franziu a testa. Tentou melhorar a visão, ajustando o foco, e olhou mais uma vez. Aquilo era um fio preto fino, enroscado em volta do manati? Ou ela estaria vendo coisas?

– Jeb! – Ela acenou para ele.

Ele prendeu a cana do leme e correu até ela. Haley sentiu o pulso acelerar e também um nó na garganta.

– O que foi?

– Dê uma olhada e me diga se eu estou imaginando coisas. – Ela passou o binóculo para Jeb. – Acho que o manati está enrolado em alguma coisa e está preso.

Jeb levou o binóculo aos olhos e observou o animal por longo tempo. O vento sacudia o tecido do short dele, colando-o em volta das pernas bronzeadas. Ele era como o verão. Quente, luminoso e descontraído. A boca de Haley salivava.

– Acho que você tem razão.

– O que é aquilo? Você pode dizer?

– Não dessa distância.

– O que vamos fazer?

Jeb abaixou o binóculo.

– Não vamos fazer nada. Não há nada que possamos fazer. Os manatis são enormes.

– Mas eu ouvi dizer que eles são muito dóceis.

– Haley, não é viável. Logisticamente, será um pesadelo tentar fundear o veleiro nesses bancos de pedras.

– Não podemos ancorar aqui e nadar até a praia?

– Isso parece mais fácil do que é. A corrente é muito rápida e, a não ser que você seja uma exímia nadadora...

– Eu sou.

– Não sabemos se conseguiremos salvá-lo. Não temos equipamento para salvar manatis.

– Precisamos tentar. Não podemos simplesmente ir embora e deixá-lo assim.

– Eu envio uma mensagem pelo rádio, comunicando a Guarda Costeira. Eles mandarão alguém.

– Isso pode levar horas. Até lá, o coitadinho pode ter morrido. Ele já está exausto.

– Haley – falou ele em tom carinhoso. – Você não pode salvar o mundo inteiro.

Ela fechou a boca, cruzou os braços e franziu os olhos.

– Você está me olhando com desprezo? – perguntou ele.

– Você merece.

– Por quê?

– Ah, eu já entendi.

– Entendeu o quê? – perguntou ele, intrigado.

– Você acha que levaria muito tempo para ajudar o manati.

– De fato, levaria, e sem garantia de ter sucesso. Além disso, estaríamos colocando as nossas vidas em perigo. É mais seguro para nós e para o manati deixar que a Guarda Costeira cuide disso.

– Você quer dizer que é mais fácil para você. Se pararmos, isso pode impedir que você chegue a tempo de evitar que Jackie se case.

– Sim, também há isso. Aliás, esse é o motivo principal pelo qual estamos aqui.

Ela não conseguia acreditar que ele estivesse sendo tão racional e que fosse o mesmo homem impulsivo que salvara a gaivota com o pé preso na embalagem de plástico.

– Você sabe que está se iludindo – murmurou ela.

– Em que sentido?

– Jackie.

– Você está tentando provocar uma briga?

Ela estava?

– Você acha que só porque vai chegar velejando e, como Benjamin Braddock, de *A Primeira Noite de um Homem*, pedir a ela que fuja da igreja com você, ela vai aceitar. – A cara dele dizia que ela o pegara.

– Tenho novidades: se ela quisesse se casar com você, nunca teria rompido o relacionamento de vocês.

– Ela podia não querer se casar com o homem que eu era, mas, quando souber o que eu fiz, poderá mudar de ideia – falou ele com teimosia.

– Isso é pensamento mágico, Jeb. Você não pode apenas aceitar o fato de que ela está apaixonada por outro homem?

Ele enrijeceu o queixo, e o olhar dele ficou muito sério. Haley nunca o vira parecer tão desanimado.

– Ela só acha que está apaixonada por ele.

Haley sentiu uma dor no peito e colocou a mão em cima do coração.

– Como sabe disso?

– Por que ela deveria ficar comigo.

– Como sabe *disso*?

– Porque ela prometeu que me daria um ano e não me deu um ano inteiro. Jackie não costuma voltar atrás quando dá a palavra dela.

– Aí é que está. Você não acha que esse cara deve ser muito especial para ela sequer lhe contar que iria se casar e lhe mandasse o convite via mensagem de texto? O que, para sua informação, provavelmente significa que ela realmente não esperava que você fosse. – Tudo bem, ela se sentiu como se estivesse estragando a festa, mas, qual é, isso precisava ser dito.

– Então, por que ela me avisou? Ela podia ter se casado e deixado que eu descobrisse depois. Acho que, no fundo, ela queria que eu aparecesse e a levasse para longe.

– Você tem noções muito românticas a respeito das mulheres – disse Haley. – Provavelmente, Jackie

Ele contou a respeito do casamento por você ser um amigo de infância com quem ela se importa. Ela quer que você vá para celebrar a felicidade dela, não para acabar com ela.

A raiva brilhou nos olhos de Jeb.

– Você nem a conhece.

Haley levantou as mãos.

– Tem razão, mas eu também sei que, apesar da sua atitude de “não me importo”, você não é do tipo que deixa um animal indefeso quando pode ajudar. Você foi para St. Michael e salvou a ilha quase que sozinho. Seus motivos podem não ter sido apenas altruístas, mas o que você fez foi admirável.

– Maldição – resmungou ele, afastando-se.

– Aonde você vai? – gritou ela.

– Lançar âncora. Vá vestir o biquíni rosa, anjo. Vamos resgatar um manati...

MEIA HORA mais tarde, com o Segunda Chance fundeado a 40m da praia, Jeb e Haley nadavam na direção da pequena enseada onde o manati se debatia. Preferiram nadar a usar o bote inflável do Segunda Chance, porque temiam que as rochas pontudas furassem o bote e, já que os dois eram ótimos nadadores, imaginaram que seria mais rápido e mais fácil simplesmente nadar.

De perto, era fácil perceber que o manati estava em sérias dificuldades. Eles se aproximaram com cuidado.

Os olhos cor de ameixa do manati estavam apavorados. Ele se debatia e emitia um som agudo e anasalado de agonia, que parecia o arranhar de uma lâmina contra um para-brisa seco. Quanto mais se aproximavam, mais o animal se debatia freneticamente, e mais longos e mais altos os gritos dele ficavam.

– Calma – murmurou Jeb baixinho. – Calma. Assim, garota.

– Como sabe que é uma fêmea? – perguntou Haley.

– Eu não sei.

– E eu achando que você sabia tudo que havia para saber sobre o mar.

– O mar é inescrutável – disse ele sabiamente.

Eles tiveram de nadar cachorrinho, evitando braçadas, para se aproximar do manati enrolado. Ela – Haley aceitara a hipótese de que fosse uma fêmea – olhava para eles. Os olhos do animal pareciam implorar: “Salvem-me”.

– Precisamos ajudá-la. Não podemos deixar esta criatura magnífica morrer aqui.

– Deixe-me ver se descubro o que está acontecendo. – Jeb mergulhou e nadou por debaixo do manati.

– Tudo bem – disse Haley ao manati. – Ele sabe o que está fazendo. – Eu acho...

O manati parecia cético.

– Eu confiaria a minha vida a ele. – Era verdade. Ela confiava em Jeb. Mais do que em qualquer outro homem, além do pai e do irmão dela.

Jeb emergiu, pingando água. Passou a mão no rosto e cuspiu a água salgada do oceano.

– Não é nada bom.

– O que foi?

– Ela está enrolada no que parece ser um cabo de amarração. Cada vez que tenta nadar, o cabo se aperta mais em torno dela. Quando ela relaxa, o cabo cede, ela acha que está solta e avança, apertando-

o de novo. Não dá para dizer há quanto tempo ela está aqui. Ela está totalmente exausta, não é, companheira? – A ternura brilhou nos olhos de Jeb, e ele acariciou o dorso do manati.

Haley se comoveu. Ela fora muito dura com ele, mas Jeb enfrentara a situação com dignidade. Ele realmente se preocupava com o manati.

– Se conseguíssemos mantê-la calma, poderíamos desenrolar o cabo?

– Talvez. Seria melhor se tivéssemos alicates para cortar o cabo e soltá-la, mas precisamos mantê-la calma. Ela facilmente poderia se machucar.

– Onde vamos arranjar alicates?

– Eu tenho alguns no veleiro.

– Eu fico aqui com ela e tento acalmá-la – disse Haley. – Você vai pegar os alicates.

– Tem certeza? Apesar de gentis, os manatis são criaturas selvagens. Ela está desesperada e machucada. Não se sabe o que poderá fazer.

– Eu vou ficar bem. Vá.

Ele pareceu relutar em deixá-la.

– Aqui não dá pé para você.

– Eu me viro, Jeb. Sei boiar e nadar cachorrinho.

– Tudo bem, mas você está completamente sozinha.

– Preocupe-se com você. É você quem vai nadar na ida e na volta, o tempo todo.

– Que bom que eu estou em excelente forma – Ele sorriu e flexionou os braços.

– Que bom. Agora, vá.

Ele começou a nadar na direção do Segunda Chance.

– Voltarei o mais rápido que puder.

Haley sentiu um nó na garganta. Que homem! Por que chegara a achá-lo superficial? Ele era magnífico. Lágrimas inesperadas subiram aos olhos dela. O que era *isso*? Ela pestanejou e se concentrou no manati.

Ela nadou para perto do animal e começou a sussurrar palavras de conforto, em um ritmo tranquilizador. Acariciou o dorso do manati e ficou surpresa ao perceber que a pele dele era como a de um elefante molhado.

A atenção de Haley pareceu acalmar o animal. O manati parou de se debater febrilmente e ficou apenas flutuando. Haley deitou de costas e boiou ao lado dele.

– Isso, menina. Acalme-se, e Jeb vai soltá-la rapidamente. Antes que você perceba, vai poder se juntar aos outros manatis. Será ótimo, não acha? Pense só nisso.

As habilidades de enfermeira a ajudaram a acalmar o bicho. Haley pensou em Jeb e no esforço que ele fazia ao ir até o barco e voltar. Estava orgulhosa dele. Como desejava tê-lo conhecido melhor antes! Ele teria enriquecido a vida dela de maneiras que ela nem conseguia imaginar. Os acordes de “Velvet Sea”, dos Phish, vieram-lhe à cabeça, e ela se pôs a cantarolar docemente para o manati, repetindo a letra, vivendo e desfrutando o momento.

Ela saboreou o momento, registrando-o no peito como uma fotografia preferida. No futuro, se alguém lhe pedisse para dizer quais tinham sido os instantes mais importantes da vida dela, Haley teria de dizer que aquela viagem de veleiro, que culminara com o resgate do manati, fora uma das experiências mais gratificantes que tivera.

Não havia muita coisa na vida que motivasse alguém: apaixonar-se, casar, ter um bebê... A maioria das pessoas fazia essas coisas, mas quantas conseguiam salvar outro ser vivo? Ela reconhecia ter muita

sorte.

– “Velvet Sea”, hein? – disse Jeb.

Haley se assustou. Estivera tão imersa em pensamentos e mantendo o manati sossegado, que não o ouvira chegar.

– Phish – disse ela. – Pensei que seria apropriado.

– É uma das minhas canções favoritas sobre o mar.

– Minha também. Não que eu tenha uma coleção de canções para navegar ou algo parecido.

– Eu tenho. – Ele deu um largo sorriso. O homem estava sempre sorrindo. – Talvez, em algum momento, eu a deixe ouvir a minha coleção.

Quando seria isso? Depois do dia seguinte, nunca mais o veria. Ela começou a sentir uma pontada no peito.

– Enquanto isso, temos um manati para salvar.

Jeb tirou os alicates do bolso do short.

– Estou a postos.

Estava. Haley sentiu que corava. Estava apavorada que ele pudesse ver o desejo nos olhos dela; portanto, olhou para outro lado.

– Continue cantando. Ela está muito mais relaxada do que quando chegamos aqui. Você tem uma bela voz.

Haley acariciou a cabeça do manati e cantarolou “Island in the Sun”, dos Weezers, enquanto Jeb mergulhava. Ele cortou alguns fios e emergiu para respirar. Inalou o ar profundamente – várias vezes – e voltou a mergulhar para continuar a cortar.

Ela se preocupava com ele. Embora ele estivesse em boa forma, nadara por muito tempo e parecia que os mergulhos repetidos e o trabalho eram exaustivos. Cada vez que ele subia à tona, o rosto dele estava corado e a respiração parecia pesada.

Por fim, depois de 15 minutos, Jeb cortara o suficiente para que o manati pudesse movimentar as nadadeiras como remos.

Segundos depois, quando ele emergiu, havia sangue escorrendo de um ferimento no antebraço.

Haley gemeu.

– Você se machucou!

– O cabo me cortou.

– Quando voltarmos ao barco, eu faço um curativo.

– Você passou a viagem inteira me servindo de enfermeira.

– Não a viagem inteira.

– Tem razão. – Ele riu. – Em parte dela, você foi enfermeira de um manati.

– Bem, o que posso dizer? Pássaros precisam voar. Peixes precisam nadar...

– Haley precisa ser enfermeira.

Jeb mergulhou uma última vez e cortou a última volta do cabo.

Eufórico com a liberdade, o manati deu um salto para frente. Haley se jogou para trás, mas a água entrou no nariz e nas orelhas, ardeu nos olhos dela. Ela voltou à tona cuspiendo, mas sentia-se renascer.

Jeb se aproximou. Juntos, eles viram o manati nadar para alto-mar.

– Conseguimos – disse ela, afastando os cabelos molhados dos olhos. – Nós a salvamos.

Jeb tocou o ombro de Haley.

– A sensação é maravilhosa. Estou feliz por você ter me chamado a atenção e me forçado a salvá-la.

– Viu por que eu gosto do meu trabalho? Eu me sinto assim quase todos os dias.

– É uma sensação adquirida com muita dedicação. – Ele levantou o braço e falou com ironia. – Mas vale as cicatrizes da batalha. Sim... – Ele a fitou. – Isso é algo que eu não tinha percebido até agora.

– É mesmo?

– Você me ensinou o valor do trabalho árduo e do sacrifício, Haley.

Ela levantou uma das sobancelhas, com uma expressão cética.

– Você está zombando de mim?

– De forma alguma. – Ele deu um sorriso doce. – Venha. Vamos até a praia.

Eles flutuaram até as rochas, exaustos demais para nadar. Quando a água se tornou mais rasa, eles andaram e se arrastaram lentamente até a praia. Os joelhos de Haley estavam moles, como massa cozida. A cabeça estava pesada, e a pele dava a sensação de estar apertada, mas, ao mesmo tempo, muito solta.

O sol da tarde brilhava intensamente. Ela estreitou os olhos, viu o Segunda Chance ancorado à distância e ansiou por uma aspirina e um par de óculos escuros. Com certeza, naquele momento, não se sentia preparada para nadar durante vinte minutos.

Aparentemente, Jeb também não. Ele se deixou cair deitado sobre uma enorme pedra lisa. Ficou ali, largado, com os braços cruzados em cima do abdome reto e firme, e com um leve tremor nos músculos das pernas.

– Foi um exercício extenuante.

Haley sentou ao lado dele, abraçou as pernas e apoiou o rosto nos joelhos.

Jeb fechara os olhos.

Ela não conseguia deixar de olhar para ele. O homem era incrível. A imaginação dela começou a trabalhar freneticamente. Como seria senti-lo dentro dela? Ela desviou o olhar e fitou o ponto em que o manati desaparecera. O que estava acontecendo com ela? Por que não conseguia controlar os pensamentos?

Agir como enfermeira. Isso sempre ajudava.

– Deixe-me ver esse corte – falou ela.

Jeb esticou o braço.

Era um corte longo e reto. Não precisaria de pontos, felizmente. De qualquer modo, ela não poderia fazer nada por ele ali. Quando voltassem ao barco, ela o limparia com um antisséptico.

– Diga logo, doutora. O caso é grave?

– Você vai sobreviver.

Ele abriu os olhos e levantou a mão para proteger os olhos contra o sol.

– Está pronta para nadar de volta?

– Ainda que eu estivesse, você não está. Suas pernas ainda não estão suficientemente firmes.

– Eu dou um jeito. – Ele levantou, mas cambaleou. – Ops.

– É provável que você esteja desidratado. Diga que bebeu um pouco d'água enquanto estava a bordo do barco.

Ele pareceu envergonhado.

– Eu não pensei nisso. Estava tentando voltar o mais depressa possível.

Haley suspirou.

– Com a ação do sol e o efeito do esforço, você está ficando desidratado.

– Eu não era o único naquela situação.

A alguns metros, havia um grupo de coqueiros carregados de cocos.

– A água de coco lhe fará bem. Você tem habilidade para quebrar cocos? – perguntou ela.

– Sou especialista.

– Quebrar cocos faz parte do seu baú de truques?

– Nunca se sabe quando você vai ficar preso numa ilha deserta e precisar de uma piña colada.

Haley riu.

– Eu pego os cocos. Você reserva as suas forças para quebrá-los. – Ela levantou, limpou a parte inferior do biquíni e andou com cuidado sobre as pedras até chegar à areia. Encontrou dois belos cocos ao pé de um coqueiro. Apanhou-os e se voltou, para dar de cara com Jeb atrás dela.

– Já que estamos aqui e precisamos de um bom descanso, por que não damos uma olhada no farol? – Ela indicou o farol com a cabeça.

– Estou disposto se você estiver. – Ele piscou.

Aquele estava tornando-se um dos melhores dias que ela já tivera nos últimos tempos.

Capítulo Onze

Ponto de condensação: temperatura em que o ar fica saturado de vapor e este começa a condensar.

DEPOIS QUE Jeb quebrou os cocos com habilidade, batendo-os contra as pedras, eles beberam a água do coco e comeram a polpa. Assim que recuperaram a energia, resolveram subir ao topo do farol.

Toda alegre, Haley subiu a escada em caracol, na frente dele. Minha nossa! Ela tinha o mais belo traseiro daquele lado da corrente do golfo.

Whitcomb, você precisa parar de se atormentar. Esta é a que você tem que deixar escapar, para que a que você realmente quer não escape. Você passou a vida inteira pulando de mulher para mulher. Está na hora de tomar uma atitude e se comprometer. Jackie é a mulher perfeita para você.

Então, por que a visão de Haley, naquele biquíni rosa, o deixava louco?

Ela era sexy, e ele era humano. Isso não significava que ele deveria fazer alguma coisa. Era isso que ele tinha dito a si mesmo durante todo o tempo da viagem.

No topo da escada havia um pavimento de madeira, e, em volta dele, as aberturas em arco, onde as lanternas costumavam ser penduradas para afastar os navegantes das águas pouco profundas. Jeb se sentiu invadir pela História ao pensar em quantas vidas aquele farol salvara.

Haley se aproximou da abertura e olhou o panorama abaixo. Jeb veio atrás dela, com o pulso subitamente acelerado e batendo forte ao sentir o perfume dela. Mesmo em meio ao cheiro de mar, de sal e de coco, ele sentia o cheiro de morangos. Verão. Ela tinha cheiro de verão. Nunca mais ele comeria morangos sem se lembrar dela.

Ele sentiu o coração se contrair de modo estranho e imaginou o que Jackie diria disso. Bem, ele e Jackie precisariam de tempo para se conhecer de novo. Evidentemente, um ano de separação mudara as coisas, mas não era nada que eles não pudessem voltar a acertar.

Sim, e, falando em Jackie, ele poderia ter estragado tudo ao concordar em salvar o manati. Já estavam na tarde de sexta-feira e o Segunda Chance ainda estava a 80km da costa de Key West. Ele ainda precisava atravessar a Corrente do Golfo. E havia uma chance de que não chegasse a tempo de impedir o casamento.

E se isso acontecesse? O que faria?

Não entre em pânico. Você vai conseguir. Só dê o fora daqui agora mesmo.

Jeb colocou a mão no ombro de Haley para dizer que precisavam ir embora. Ela se voltou, fitou-o e deu um sorriso tão especial, que ele sentiu algo se contorcer dentro do peito.

Jeb ouviu o canto das sereias, as ondas do oceano batendo nas pedras e as gaivotas gritando; tudo isso dentro da sua cabeça e do seu coração. Desde o primeiro minuto em que colocara os olhos sobre Haley, ele a desejara e resistira. Intensamente.

Mas ali, agora, olhando para ela, ele perdera o último resquício de controle. Ele inclinou a cabeça e se apossou daqueles lábios de morango rosados.

Ela soltou um suave gemido, abriu os lábios e se jogou no peito de Jeb. Droga, havia um limite para o que um homem conseguia aguentar. Ele a pegou pelo queixo e imobilizou o rosto dela enquanto explorava aquela boca maravilhosa.

Ela estremeceu junto a ele. Excitada, com medo, ou os dois?

Ele também estava excitado e temeroso.

Os dois se exploraram mútua e delicadamente. Quando ele acabou de beijá-la e se afastou com relutância, os olhos azuis esverdeados de Haley estavam cor de musgo, e ela olhava para ele com tamanha expressão de desejo e de confusão, que ele podia sentir o cheiro da indecisão dela. Ela enrijeceu o corpo nos braços dele. A veia azulada no pescoço de Haley pulsava rapidamente. Ela queria recuar.

Ele não poderia culpá-la. Fora muito precipitado. Não deveria tê-la beijado.

Ainda assim, não conseguiu resistir a beijá-la de novo.

O doce som de satisfação que saiu dos lábios dela pareceu atravessá-lo, e ele, de repente, percebeu que ela puxava a cabeça dele e o beijava tão avidamente que, ainda que ele corresse nu na Antártida, não conseguiria esfriar.

Depois de um beijo longo, intenso e que atingiu até a alma, ela se afastou com a respiração ofegante, os olhos arregalados e os lábios que ele deixara úmidos.

Os dois piscaram um para o outro.

– De novo! – exclamou ela.

Rindo, Jeb beijou-a pela terceira vez. Mordiscou de leve o lábio inferior de Haley e passou a língua no superior. Acariciou-lhe a cintura e pressionou-a contra o corpo. Ele beijou o queixo e o pescoço dela. E, aparentemente, tinha localizado nela uma zona erógena, porque Haley engasgou e se colou a ele.

– Haley, você tem sabor de céu.

Ela riu com nervosismo e sacudiu a cabeça. O cabelo cor de mel caiu de modo provocativo sobre os ombros. Jeb passou dois dedos no rosto dela, encarou-a e pensou em centenas de coisas que queria dizer. *Eu quero você. Preciso de você. Mas não posso lhe oferecer nada para sempre.*

E então, ele ouviu o barulho do trovão, sentiu que o vento ficava mais fresco sobre a pele quente dos dois. Lançou um olhar preocupado para o céu e viu as nuvens cinzentas se juntarem e ficarem mais pesadas.

Uma tempestade se aproximava.

Quer estivessem preparados ou não, seriam apanhados por ela.

JÁ ERAM 16h30 quando chegaram ao barco, e o vento soprava com uma velocidade de 30 nós, na direção do leste. Esperando escapar da iminente tormenta – ou, pelo menos, chegar tão perto de Key

West quanto conseguisse, antes de ser atingido pela tempestade – Jeb resolveu inflar as velas e usar o vento. Ele avançaria o máximo que conseguisse, mesmo depois de escurecer, até que as chuvas chegassem. Depois disso, eles lançariam âncora e esperariam. Ele rezava para que a tempestade fosse rápida.

Haley o ajudou a fazer a amarração. Ele estava admirado como ela aprendera tanto, tão depressa. Ele não exagerara quando dissera que ela tinha o dom da navegação.

As nuvens ficaram mais pesadas quando o sol se pôs, escurecendo o céu. O ar cheirava fortemente a chuva. Ele manteve os olhos no céu e continuou a forçar o Segunda Chance, ansioso para encontrar Jackie antes que os sentimentos por Haley se tornassem muito fortes para serem ignorados. Estava apavorado com a possibilidade de recair em velhos hábitos e de se deixar distrair depois de ter tomado uma decisão e escolhido um curso. Aquele era o seu ponto pessoal de navegação estimada. A linha de demarcação... Se ele voltasse atrás nesse ponto, temia que isso significasse que nunca mais conseguiria levar algo até o final.

– A nossa jornada está quase acabada – disse Haley.

– Tem sido uma grande aventura. Obrigado por fazê-la comigo.

– Jackie é uma mulher de sorte.

Ele ficou no leme, com Haley ao lado, de olhos baixos, recolhendo uma corda.

– Haley – disse ele. – Gostaria de tê-la conhecido numa fase diferente da minha vida.

– Eu sei.

– Jackie é... – Ele não conseguiu terminar. Poderia dizer a ela o quanto Jackie era maravilhosa, mas Haley não iria querer ouvir. Além disso, à maneira dela, Haley era tão maravilhosa quanto Jackie.

Aquele era o “x” do problema. Até agora, ele fora o tipo de homem que amava a mulher com quem estava. Recaíra em velhos hábitos e estava vendo Haley como se fosse a melhor opção. Era o *modus operandi* dele, e a única maneira de romper o ciclo seria não ceder aos desejos, mas ele a desejava desesperadamente. Desejava-a tanto que doía. Por que o destino fora tão caprichoso para levar Haley até o barco, justamente quando ele estava tentando provar algo a si mesmo?

Talvez fosse exatamente por isso. Talvez o destino a tivesse colocado ali para testar a determinação dele. Ou talvez, apenas talvez, o destino estivesse tentando lhe dizer que Haley era a mulher perfeita para ele, e não Jackie.

Aquela era uma ideia traiçoeira. Uma ideia que ele não queria analisar de perto. *Tudo vai dar certo. Não se preocupe. Seja feliz.* Assim que ele visse Jackie, e ela o visse, tudo estaria resolvido.

Parecia ótimo. Ele estivera jogando lama em cima dele mesmo desde que era menino. Mas tudo realmente ficaria bem? E se, no processo, Haley saísse magoada? Ele se atormentava ao pensar que poderia feri-la.

– Eu vou até a cozinha – disse ela. – Vou fazer o jantar antes de a tempestade chegar. Estou pensando em fazer algo simples. Sanduíches de queijo quente e sopa de tomate?

– Parece ótimo. – A última coisa em que ele estava pensando era comida. Pensava em tormentas, destino, escolhas e desejos que podem levar à ruína, à perda de um amor, e... E...

Ele não costumava ser daquele jeito. Não se questionava. Fazia escolhas, convivia com elas e ia em frente.

Então, pare de pensar.

Determinado, ele voltou a atenção para o céu. O vento passara a soprar mais forte, erguendo o barco nas ondas e afundando-o violentamente. As nuvens tinham se tornado negras. Ele se manteve firme até

as primeiras gotas pesadas de chuva caírem. Haley apareceu no topo da escada, chamando-o para dentro.

– Venha! – gritou ela.

Ela estava certa. A tempestade era mais forte do que a anterior. Ele não dormiria na ponte naquela noite. Gostasse ou não, teria de descer para o convés inferior e enfrentar a dificuldade, e rezava para superá-la sem cair nos braços de Haley.

AQUELA ERA a última chance de passar uma noite com Jeb.

Ele queria isso. Embora estivesse em conflito, ela podia ver isso nos olhos dele. Ousaria seduzi-lo, em sua consciência? Haley não era do tipo que roubava o homem de outra mulher, mas não conseguia deixar de sonhar em fazer amor com Jeb.

Pare. Pare com isso.

Eles jantaram e lavaram a louça, percebendo que a tempestade ficava mais forte. O veleiro balançava e rangia. Não havia nada para distraí-los. Nem TV, nem acesso a um computador. E ela não iria jogar com ele outra vez. A única coisa que restava era ir para a cama e dormir.

– Esta noite você fica com a sua cama – disse ela. – Eu já a usei por muito tempo.

– Você fica onde está.

– Eu durmo no assento deste banco.

– Não dá. É aí que eu vou dormir.

– Jeb. – Ela sacudiu a cabeça.

– Haley.

Ela queria sugerir que dividissem a cama, mas claro que não faria isso.

– Você quer tomar banho antes? – perguntou ela. – Ou eu vou?

Eles ainda não tinham lavado o sal e a sujeira depois de salvar o manati, de terem subido no farol, de terem comido cocos e nadado para ir e voltar da ilha.

– Eu vou antes – disse ele. – Desse jeito, eu não a incomodo mais.

Enquanto ele tomava banho, Haley perambulou pela cozinha, arrumando coisas que não precisavam ser arrumadas. Sentia o coração pesar dentro do peito e falta de ar. Ela, deliberadamente, inalou o ar lenta e profundamente para recuperar o fôlego, e, quando Jeb voltou à cozinha, enxugando os cabelos e cheirando a sabonete, estava mais controlada. Um pouco.

Até ele sorrir para ela.

– Deixei bastante água quente para você.

– Muita gentileza sua.

Ele estava vestindo as calças dos pijamas e nada mais. Deveria ser contra a lei, que ele entrasse ali com uma aparência tão disponível. Haley tocou os lábios, lembrando-se de como fora ser beijada por ele.

Ela tentou passar por ele para ir tomar banho, mas o barco balançou abruptamente, jogando-a em cima dele ao mesmo tempo em que as luzes apagavam.

– Você está bem? – perguntou Jeb.

– Ótima – sussurrou Haley. Ela deveria ir embora. Pretendia se afastar, mas o barco balançou de novo.

O vento assobiou e ficou mais forte.

Haley estremeceu.

– Você está com frio?

Não. Ela estava com tudo, menos com frio.

Jeb se aproximou e esfregou as mãos ao longo dos braços dela. Ela não resistiu, deixou, e foi o que bastou. Encostou-se ao corpo dele, amoldando-se a ele como cera.

Ele encostou o rosto no topo da cabeça de Haley. Ela podia ouvir as batidas descompassadas do coração de Jeb. Assustado. Ele estava tão assustado quanto ela.

Haley umedeceu os lábios.

Os braços de Jeb a envolveram com força.

O barco deu um solavanco, jogando-os contra os móveis.

– Precisamos nos sentar ou deitar – disse ele. – Para não nos machucarmos.

– Sim – disse ela com voz rouca.

– Venha. Vou levá-la para o quarto.

Ele a pegou pela mão e a guiou na escuridão. Tropeçou em alguma coisa e xingou.

– Eu não precisava mesmo desse osso. – Ele cruzou os dedos com os dela. – Espere. Deixe-me absorver o choque desta beliscada.

Beliscada. Hum. Ela gostaria de beliscá-lo dos pés à cabeça.

Haley Jean French! Morda sua língua.

Por que desejá-lo parecia tão errado? Por que não o encontrara antes que ele tivesse feito um voto de celibato na tentativa de recuperar Jackie? Por que não se conheceram antes de irem para St. Michael?

Porque antes disso, ela nunca teria pensado em ter um caso tórrido. Ela estivera tentando expiar o passado, andar na linha, evitar qualquer tentação. E acabara isolada no mar, com a maior tentação que existia.

O balanço e o jogo das ondas não facilitavam a caminhada dos dois até o quarto. O Segunda Chance jogava e adernava para um lado e, depois, para o outro. Haley precisou admitir que era apavorante estar no oceano, sem nada entre eles e os elementos, a não ser alguns pedaços de madeira, de fibra de vidro e de metal. Ela apertou a mão de Jeb.

– Você já enfrentou uma tormenta como essa quando estava velejando?

– Já – disse ele. – Não tenha medo. Vai passar, o sol vai nascer e tudo estará bem.

O otimismo de Jeb era reconfortante, e ela queria acreditar nisso. Ah, como ela queria acreditar. Mas, ainda que o sol surgisse no dia seguinte e eles atravessassem a noite sãos e salvos, ela sempre teria a sensação de que perdera algo especial.

– Por aqui, anjo – disse ele.

Anjo.

Ele começara a chamá-la daquele jeito na noite em que ela lhe contara a respeito de Trey Gross. Na noite em que ela desmoronara. Nunca dissera a ninguém o que havia acontecido com ela, naquela noite, com Trey. Ainda não sabia por que contara a Jeb.

Depois de quase cinco minutos de passos hesitantes, eles chegaram à cabine. O barco balançava como se fosse uma cadeira de balanço movida a gasolina, para frente e para trás, para frente e para trás. Os cabos, as cordas e os mastros rangiam e estalavam sob o peso da tormenta. Os raios brilhavam, e os trovões rugiam. Haley se encolheu de medo.

– Você tem medo de tempestade?

– Em geral, não, mas estar no meio do oceano durante uma faz com que eu me sinta extremamente

vulnerável.

– Mas também é excitante, não é?

Na verdade, era.

– É mais divertido do que uma montanha russa – disse ele.

– Mas não tão segura – respondeu ela.

– A segurança é supervalorizada. Impede que você aproveite o momento.

– Segure um fio desencapado e você acabará eletrocutado.

– *Touché.*

Não fora exatamente isso que ela fizera com Jeb? Tocara em um fio desencapado?

O brilho de um raio atravessou a escotilha e iluminou intensa e brevemente a cabine. No clarão, ela viu a imagem como que congelada de Jeb, olhando para ela com uma expressão de desejo, misturada com espanto e reverência.

– Aqui está o seu alojamento para esta noite, anjo – disse ele, colocando o braço em volta da cintura de Haley e guiando-a até a cama.

Ela ficou parada, segurando a mão dele. Os dois respiravam em sequência. A tormenta rugia e sacudia.

As ondas bateram no barco com maior força do que antes. O Segunda Chance adernou abruptamente para estibordo, jogando Haley na cama e Jeb em cima dela. Os quadris de Jeb pressionaram os de Haley, a ereção dele pressionou a coxa dela.

– Desculpe...

– Ei – sussurrou ela. – Acontece.

– Não deste jeito. Não como acontece com você.

Ela corou e ficou grata pela escuridão.

Ele tentou se levantar. Mas o barco sacudiu novamente, jogando-o de volta em cima dela.

– Aguarde – disse ele. – Eu vou embora no intervalo da próxima onda.

Parecia tudo bem, mas, quando ele tentou levantar-se de novo, a mesma coisa aconteceu.

– Parece que você vai ficar preso aqui até a tempestade se acalmar.

– Pelo menos, até o pior passar – disse Jeb.

– Eu deito perto da parede. – Ela se arrastou de lado. – Você fica deitado do outro lado.

– Ótimo plano.

– Vamos imaginar uma linha invisível que passe no meio da cama.

– Eu, no meu lado; você, no seu.

– Exatamente – disse ela.

– Nada de invasões.

– Nenhuma.

– Você não me toca; eu não a toco.

– Combinado.

– Não será um problema. Nem um pouco.

– Não. Será moleza. Podemos dividir a cama sem que nada aconteça – afirmou ela.

– Somos adultos.

– Com absoluto controle sobre nós mesmos – replicou ela.

– Exato.

O silêncio durou quase um minuto.

– Haley – Ele sussurrou no escuro.

Foi o suficiente. Bastou o sussurro rouco, e ela cruzou a linha de demarcação invisível que traçara desde o início da viagem. Ele esperava por ela de braços abertos. Os lábios se apossaram dos dela, e ele a beijou com uma avidez de tirar o fôlego.

Ela sentiu os músculos do seu íntimo se contraírem e relaxarem involuntariamente, em um ritmo forte, ansiando, implorando e desejando. Em um frenesi enlouquecido, os dois se despiram mutuamente, enquanto o barco balançava e batia nas ondas. Os trovões e os raios acompanhavam o tom de excitação e de sofreguidão.

A boca de Jeb parecia queimar os seios de Haley, a língua ágil a provocava, despertando sensações maravilhosas. Ele esticava o corpo sobre o dela, as costas de Haley estavam pressionadas sobre o colchão e a ereção de Jeb estava suspensa entre os dois.

Ela sentia a pulsação latejar tão alto nos ouvidos que não conseguia ouvir mais nada. Estava perdida no mar, sendo jogada pela tempestade, e estava adorando.

Apoiado nos antebraços, Jeb ergueu o corpo e pegou no rosto de Haley com ambas as mãos. O brilho de um raio iluminou o rosto dele, e ele a encarou com uma expressão surpresa e prendeu-a sobre a cama.

Ela sentiu um nó na garganta, provocado pela emoção. Não deveria estar fazendo aquilo. Não levaria a nada, mas, talvez, fosse justamente por isso que deveria fazer. Jogue fora o livro de regras e deixe a natureza seguir o seu curso. Ela era uma enfermeira. Compreendia as necessidades biológicas. Não precisava significar mais do que isso.

Claro. Aquele era o plano dela. Apenas se satisfazer fisicamente e bloquear o emocional e o racional. E daí que o coração dela se retorcia de ansiedade quando os cantos dos lábios de Jeb se levantavam em um sorriso de garoto? Era um sorriso especial, dirigido só a ela.

As mãos dele soltaram o rosto e exploraram o corpo dela. Sob os dedos de Jeb, os seios de Haley se avolumaram e os mamilos enrijeceram; a boca de Jeb brincou com os mamilos, absorvendo um e depois o outro. Ela gemeu e enfiou os dedos nos cabelos dele, encorajando-o a continuar a fazer as coisas deliciosas que estava fazendo. Perdendo o controle, ela puxou os cabelos dele.

Ele deu uma risada rouca.

– Vamos ver se eu consigo que você faça isso de novo – sussurrou ele junto ao umbigo de Haley. A voz dele pareceu reverberar ao longo das costas dela.

Sim.

Os dois acompanharam o compasso do mar, o balanço do barco e as batidas violentas das ondas, que provocavam sensações impressionantes nos corpos de ambos.

Ele beijou o rosto e o pescoço de Haley, e ela se dissolveu por completo, com o corpo se contraindo e relaxando em longas ondas. Ela inalava o ar rápida e superficialmente, saboreava o perfume masculino daquele homem que estava fazendo maravilhas com ela.

Por mais divertido que fosse deixar que ele determinasse o curso, Haley acreditava em parceria igualitária. Enquanto a língua de Jeb lhe causava sensações incríveis, ela abaixou o braço e tocou a ereção dele. Ele soltou um gemido de satisfação e deslizou a língua ao longo da barriga dela. Por fim, ele levantou a cabeça, com os cabelos que ela puxara, todos arrepiados, e lhe deu um sorriso fascinante.

Ela sorriu de volta, encantada.

Felizmente, ele se inclinou sobre ela com o peito estufado como uma vela inflada pelo vento.

– Espere um pouco, anjo. Vamos velejar.

– O quê? – perguntou ela, confusa, mas ele respondeu à pergunta não com palavras, mas agindo. Ele desceu os dedos da cintura dela, passou pela barriga, pelo quadril, rodeou a coxa até encontrar o ponto mais íntimo de Haley. Ela soltou um suspiro e todos os músculos do corpo se derreteram.

– Quero tanto fazer amor com você que posso até sentir o gosto.

A declaração a deixou arrepiada. Ela também o desejava. Ela o tocou de novo, fazendo com que ele soubesse que o acompanhava.

– Você é tão sexy, Haley – sussurrou ele. – Não acredito que você esteja aqui, comigo.

Ela também não acreditava.

Ele hesitou e olhou para ela.

– Tem certeza de que é isso que você quer?

– Tenho – balbuciou ela, incapaz de suportar a ideia de que o corpo dele não se juntasse ao dela. Só ele poderia apagar o fogo que ardia dentro dela. Só ele possuía a chave para libertá-la. – Mais do que tudo!

Ele esticou o braço e pegou um preservativo em um compartimento acima da cama. Sempre pronto a navegar. Que bela enfermeira era ela. Tão desesperada de desejo que esquecia a proteção. Felizmente, Jeb estava raciocinando. Ele abriu a embalagem com os dentes.

– Eu coloco – disse ela, pegando o preservativo e desenrolando-o ao longo da ereção dele. Quando ela terminou, a respiração dos dois estava ofegante e entrecortada.

– Apoie as pernas nos meus ombros – pediu ele.

Ela obedeceu. A posição fez com que os quadris dela se erguessem do colchão. Ele se posicionou entre as pernas dela. Os dois tremiam de excitação.

Haley arqueou as costas, abaixou os quadris e olhou para ele.

– Eu desejo você.

– Eu desejo você – repetiu ele.

Incapaz de resistir mais um segundo, ele abaixou a cabeça e beijou-a longa e avidamente.

Ele entrou no corpo dela com cuidado e ternura. A sensação era muito boa. Ela fechou os olhos e flutuou na bênção daquele momento.

As madeiras do barco estremeciam, como tudo mais. Enquanto a tempestade rugia violentamente lá fora, a paixão rugia ainda com maior intensidade dentro da cabine.

Jeb se movimentou lentamente, deixando que ela se adaptasse a ele, e ela aprovou com um sussurro, usando as pernas para puxá-lo contra o corpo.

– Você é tão macia. Maravilhosa.

Ela contraiu os músculos em torno dele, e ele gemeu. Ela o segurou pelos braços, preparando-se para a caminhada mais excitante da vida dela. Como vivera tanto tempo sem saber que o sexo poderia ser daquele jeito? Inocente. Ela se sentia como uma inocente que fazia sexo pela primeira vez.

– Com você, eu me sinto como uma virgem – sussurrou ela.

– Eu também – falou ele com tanta sinceridade, que ela quase acreditou.

Durante os últimos dias, ele a ensinara a aceitar a vida como era, em vez de lutar sempre contra a corrente.

Estar com ele era leve e fácil. Ela só precisava relaxar, divertir-se. Era muito bom estar com ele. Ele fazia com que tudo fosse um jogo. Abrira os olhos dela para inúmeras possibilidades. Com ele, a vida era uma aventura excitante, esperando para ser explorada. E, naquele exato momento, todos os tipos de pensamentos animadores lhe ocorriam.

– Com você, tudo é intenso, não é? – perguntou ele.

Era verdade. Ela encarava a vida como se fosse uma batalha a ser vencida.

– Tudo bem. É assim que vamos fazer. Aqui vamos nós, anjo – murmurou ele com voz tensa e rouca.

– A bordo.

Ela ergueu o corpo no mesmo instante em que ele abaixava o dele. Os dois se encontraram no meio do caminho, movimentando-se, esfregando-se, acariciando-se, até que ficaram úmidos de transpiração. Fricção.

Era uma confusão de braços e pernas, bocas, dentes e línguas. Depois de alguns minutos desesperados, ele mudou o ritmo, acalmando-o e se afastando um pouco.

Haley soltou um lamento de frustração.

– Vamos fazer com que isso dure – explicou ele.

Ah.

Ele contraiu as nádegas e se afastou.

Ela reclamou mais alto.

Ele deu uma risada de contentamento.

– Provocação – balbuciou ela.

– Uma boa provocação não faz mal a ninguém.

Ela virou e se apoiou nas mãos e nos joelhos, sacudiu as nádegas, e ele soltou um gemido.

– Ah, agora você perdeu a arrogância, hein? – provocou ela.

– Ainda tenho bastante. Estamos apenas começando.

– Promessas, promessas...

– Agora, quem está sendo arrogante? – Ele lhe deu uma palmada de leve no bumbum.

– Está me castigando?

– Jamais. Foi apenas para seu prazer.

Ela sentiu um espasmo e tremeu.

– Faça de novo – sussurrou Haley.

– Isto? – perguntou ele, apertando-lhe a nádega.

Ela sentiu o sangue acelerar nas veias e a adrenalina correr para o coração.

– Você gosta disso?

Ela concordou, calada. Não sabia até onde queria ir, mas, naquele momento, o pulso batia muito rapidamente, e o corpo vibrava de excitação.

Mais uma palmada rápida.

Eles estavam absolutamente sozinhos. Só ela e Jeb, o oceano e a tempestade, mas ela confiava nele totalmente. Isso era o que mais a surpreendia. Ela não costumava confiar com facilidade, mas, de alguma forma, no fundo, sabia que Jeb jamais iria machucá-la. Talvez por isso ela se sentisse tão livre para revelar a ele aquela fantasia secreta. Ela o queria mais do que já quisera alguma coisa em toda a vida.

– Por favor – sussurrou ela sem saber muito bem o que estava pedindo. – Por favor.

Ele segurou-a pelos quadris. Ela afundou o rosto no travesseiro, e ele a possuiu outra vez. Eufórica, ela sentia vontade de cantar.

– Haley... – disse ele o nome dela.

E o som que saía dos lábios dele provocava nela coisas maravilhosas e estranhas.

Prazeroso. O sexo entre os dois era prazeroso e espontâneo, e, naquele doce jogo, os dois atingiram o

clímax ao mesmo tempo, enquanto os gritos de êxtase eram abafados pela tempestade.

Capítulo Doze

Vazante: corrente marítima que corre para o mar.

– **A**GORA – DISSE Jeb – vamos fazer do meu jeito.

– Hum... – murmurou Haley, traçando a linha do lábio inferior de Jeb. – Como é?

– Devagar e suave, e quero que você deite para eu poder ver o seu rosto.

– Ora, Jeb Whitcomb, no fundo, você é tradicional. Quem diria?

Lá fora, a tempestade estava recuando, os raios brilhavam por entre nuvens a distância e os trovões ressoavam abafados; mas, ali dentro, Jeb estava em tumulto. Não conseguia tirar as mãos de cima de Haley. Só conseguia pensar em fazer amor com ela de novo, mas, dentro de algumas horas, se o tempo permitisse, estariam chegando à Flórida.

E depois?

Ele sentiu o coração se apertar e a pele formigar.

Haley enrolou os dedos nos pelos do peito de Jeb e puxou-os com força, deixando-o louco. Ele fechou os olhos, respirou profundamente e tentou manter o que lhe restava de controle.

Haley.

Ela beijou o peito, o abdome de Jeb, e chegou a um lugar que ele esperara que ela atingisse, mas que não quisera pedir. Um gemido misto de prazer e de desespero saiu dos lábios dele. Não havia mais volta. Ele já passara do ponto de retorno. Ela o reduzira a ruínas.

Os lábios doces de Haley o acariciaram, e ele precisou se segurar. Ela assumira o controle e não o soltava.

Droga, ele quisera fazer amor com ela, cara a cara, olhar para ela, mas, se ela continuasse com aquilo, ele acabaria antes que comessem.

Ele tentou afastá-la, mas ela resistiu, enlouquecendo-o com a língua. Ele a agarrou pelos cabelos e puxou-a com delicadeza.

– Anjo, eu quero estar dentro do seu corpo.

Ela deu uma risada maliciosa, fez uma pequena manobra que o levou às alturas. Sem aviso, ele teve um orgasmo.

Haley.

Jeb contraiu o queixo, enquanto estremecia de prazer, dizendo o nome dela. Quando acabou, ela caiu ao lado dele, sobre a cama.

– Quem provocou também merece. – Ela riu.

Jeb ouvia as batidas do próprio coração e sentia o gosto do escuro, das sombras misteriosas do quarto. Ele inalou o ar da noite, que cheirava a sexo e ao ozônio descarregado pelos raios.

Haley.

A mulher sensual que o desafiara a ser um homem melhor. A mulher que roubara o coração dele. Ele a abraçou mais forte e beijou-lhe os cabelos.

Os dois dormiram assim por algum tempo. Ele a acordou com beijos, algum tempo mais tarde, pegou um preservativo e finalmente fez amor com ela da maneira como queria fazer há meses.

Face a face. Olho no olho. Só os dois, na silenciosa calma depois da tempestade.

O QUE ela fizera?

Deitada ao lado de Jeb, que dormia com o lençol enrolado na cintura, Haley olhava para o teto, enquanto a madrugada se tingia de rosa, do lado de fora da escotilha. Ela olhou para ele. O homem era tão bonito que, por um segundo, ela esqueceu tudo, a não ser como era maravilhoso estar com ele.

Haley imaginou quantas mulheres tinham estado no mesmo lugar.

E isso fez o coração dela se apertar.

Ela conteve a respiração e voltou a olhar para o teto. Ora. Era isso que estava errado com aquele cenário: por melhor que a noite tivesse sido – a quem ela queria enganar, a noite tinha sido incrível – ele estava preso à tal de Jackie.

O problema era esse. Ela não iria fantasiar com o que acontecera entre eles. A tormenta os jogara na cama, e os dois simplesmente não tinham sido capazes de tirar as mãos um do outro. A proximidade e a atração sexual os tinham inebriado de luxúria, *não* de amor verdadeiro.

Então, por que doía tanto?

Ela não conseguiu evitar e olhou para ele de novo. A boca generosa estava relaxada, sorridente. O queixo quadrado estava escurecido pela barba incipiente, e um cacho de cabelos lhe caía sobre a testa. Mesmo dormindo, ele parecia se divertir. Realmente, seria melhor que cada um seguisse o seu caminho. Eles não combinavam. Sinceramente, o que tinham em comum?

Biscoitos de chocolate recheados. Duplos. Guardados na geladeira.

Biscoitos gelados não eram suficientes para sustentar uma relação.

Como se ele estivesse pensando em manter um relacionamento com você. Deixe de sonhar. Acabe com isso. Você não pode deixar que ele saiba que espera algo que ele não pode lhe dar. Só vai fazer com que os dois se sintam constrangidos.

Além disso, ela violara o próprio código de ética, fazendo amor com um homem cujo coração pertencia a outra mulher. Era o que ela merecia. Sabia muito bem e permitira que acontecesse.

A tristeza a corroía.

Não havia outra maneira de lidar com aquilo, a não ser fingir que a noite anterior não fora mais do que satisfazer um desejo. Ele ficaria aliviado por ela nada esperar. Assim que chegassem à Flórida, ele procuraria Jackie, e ela voltaria para casa, em St. Michael.

Era a única maneira de lidar com a situação: negar os sentimentos. Afinal, o que eram sentimentos,

além de emoções passageiras, sujeitas a mudanças? Era a solução mais sensata e iria protegê-la do sofrimento.

Ela resolveu que aquela seria a estratégia dela, virou-se na cama e enfiou a ponta do travesseiro na boca para evitar que Jeb ouvisse os soluços.

O VENTO estava brando e soprava do sul, fazendo com que a travessia da Corrente do Golfo até Key West fosse mais fácil do que o habitual. Com esta vantagem e a calma depois da tempestade, eles poderiam navegar livremente. Ele teria caminho aberto até Jackie.

O destino se manifestara. Ainda que passassem pela alfândega e ele levasse Haley até o aeroporto, para que ela pegasse um voo para St. Michael, Jeb teria tempo de sobra para impedir o casamento de Jackie.

Porém, agora ele não sabia se queria fazer isso.

Jackie parecia estar muito distante e fazer parte de outra vida.

O que era real, verdadeiro, era a mulher parada ao lado dele, na ponte.

Haley.

Ele deu uma olhada para ela.

Haley parecia sossegada. Há uma semana, se alguém dissesse a ele que ela estaria no veleiro dele, que eles fariam amor e que ela ficaria tão calma depois, ele teria rido. Era uma imagem com a qual ele jamais teria sonhado.

Naquela manhã, ela levantara, fizera o café da manhã e, quando ele saíra da cabine, recebera-o com um sorriso acolhedor. Mas quando ele tentara abraçá-la pela cintura e beijá-la, ela se esquivara. Empertigara os ombros, e o sorriso se apagara.

Oh-oh. Ela estava lhe dando o chamado tratamento de indiferença do dia seguinte. Ele sabia, porque já usara o mesmo com outras mulheres. E também sabia que, se estivessem em terra, ela teria ido embora no meio da noite.

Ela virara o jogo e o fazia ter uma prova do próprio comportamento desprezível.

Entretanto, ele se esforçara para mudar. Queria desesperadamente se redimir. Talvez Haley fosse o instrumento da redenção dele. Ainda que tivesse cedido à tentação da noite passada, estava sentindo na carne o que era ser usado para o sexo.

O antigo Jeb teria pulado de alegria, mas o novo Jeb se envergonhava ao pensar que já fizera com que outras pessoas se sentissem do jeito que ele estava se sentindo naquele momento.

Ter sido usado.

– A noite passada...

– Acabou – disse Haley com displicência, entregando a ele uma xícara de café. – Eu me diverti, mas não há motivo para discuti-la. As coisas saíram do controle, e nós ultrapassamos os limites, mas não há motivo para sentir culpa ou vergonha. Eu o libero de qualquer obrigação que você imagina ter em relação a mim.

– Eu... Eu... – Ele ficou sem fala.

– Se você pretende interromper um casamento, devemos partir – Ela se afastou, não lhe deixando escolha, a não ser segui-la.

Jeb não hasteou as velas. Ligou o motor para a entrada em Key West.

Haley sentou na proa do barco e olhou para o mar, com os cabelos brilhando à luz da manhã. Parecia

completamente indiferente ao que tinham partilhado na noite passada, e a atitude de desprezo dela fora um soco no estômago de Jeb.

Ela não se importa. Você deveria estar feliz. Você tem um objetivo, um plano. E ela não faz parte dele.

Jackie. Era ali que estava o futuro de Jeb.

Então, por que o coração dele se apertava e ele sentia um amargor na boca?

Por quê? Ele decepcionara Jackie, decepcionara Haley, mas, principalmente, decepcionara a si mesmo.

O problema era aquele. Ele quisera provar a Haley que era um homem honrado, ético. Os altos padrões de Haley haviam feito com que ele aumentasse as próprias expectativas, e ele falhara. Redondamente.

Jeb conduzia o barco, mas a mente dele não estava concentrada em navegar. Estava enrolada em torno de Haley, tensa como uma linha de pesca. Ela deveria ter sentido que ele olhava para ela, porque se virou, olhou para ele e sorriu.

O coração de Jeb se retorceu.

Havia dezenas de coisas que gostaria de dizer a ela, mas não sabia como começar. *Obrigada pelo presente da noite passada. Sinto muito se a magoei de algum modo. Vou sentir a sua falta.*

Ela olhou para o outro lado.

O que estaria pensando? Ele não conseguia imaginar. E era estranho. Em geral, com Haley, ele sabia exatamente onde estava.

Ele abriu a boca. Fechou-a. Colocou os óculos escuros.

Ela foi até o compartimento onde ele guardava suprimentos, pegou uma embalagem de protetor solar e derramou um pouco na palma da mão.

Eu não vou olhar para ela. Não vou.

Jeb inclinou a cabeça de lado e olhou para ela de soslaio.

Haley espalhou a loção sobre os braços bronzeados.

Ele ficou com água na boca. Lambeu os lábios. Engoliu em seco.

Ela espalhava a loção na pele com movimentos lentos, em círculos ritmados.

Ele ficou excitado. Isso não era bom.

Haley esticou uma das longas pernas e a esfregou com a loção.

O suor começou a umedecer a testa de Jeb. Ele exalou o ar e olhou para o outro lado. *Concentre-se em dirigir o maldito barco.* Ele contraiu o queixo e fez tudo para pensar em Jackie e fazer o Segunda Chance singrar na direção de Key West.

HALEY SORRIA, sorria e sorria, mas não passava de fingimento.

Por dentro, o coração doía, e o enjoo se instalara no estômago. Na noite passada, ela mandara a precaução às favas e deixara que o corpo comandasse o comportamento. Erro. Tremendo erro. Por que estava surpresa?

Ela pedira aquilo, mas não previra o quanto ir embora lhe doeria.

O vento jogou o cabelo dela contra o rosto, mas ela manteve os olhos fixos no mar. Ela ficaria bem. Sobreviveria. Era forte.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Haley. Ela a enxugou rapidamente. Chega de insensatez. Já chorara tudo o que poderia chorar por causa dele.

Ela abraçou os joelhos e sentiu o perfume da camiseta de Jeb, que vestira por cima do biquíni rosa. Não havia como escapar dele. Não no barco.

A terra estava logo adiante. Logo, a aventura estaria terminada.

Jeb atravessou a Corrente do Golfo como uma faca quente cortando manteiga gelada. Haley não conseguia deixar de olhá-lo de soslaio. O vento soprava os cabelos dele para longe do rosto; os dedos firmes apertavam o leme. Dedos que, há poucas horas, haviam incendiado o corpo dela de várias maneiras.

Ele olhou para ela, e ela desviou o olhar, fingindo indiferença. Abaixou e esfregou a madeira do convés com o dedão do pé. Ela sentia falta das velas, de como elas ondulavam sob o efeito da brisa. Sentia falta do som dos cabos batendo no mastro. Usar o motor, em vez de velejar ao vento graciosamente, parecia-lhe frustrante.

Ela ficaria bem. Não era o fim do mundo. Não importava que ela se sentisse como um pano de pratos pendurado e que os ossos parecessem ser de borracha. Ela colocaria um pé diante do outro e iria em frente. Esqueceria.

Chave. Jeb lhe dera a chave para um novo modo de ser. Ela podia relaxar e deixar as coisas fluírem. Não precisava sempre manter o controle, e isso era bom. Ela estava agradecida pelo presente que ele lhe dera e iria guardá-lo para sempre, ainda que houvesse um buraco no coração.

Capítulo Treze

Cambada radical: virar o barco contra o vento, quando se navega a favor do vento.

TREZ HORAS mais tarde, eles passaram pela alfândega, em Key West. Jeb alugou um conversível branco e tomou o caminho do aeroporto, onde reservou um lugar para Haley em um voo fretado.

– Bem – disse ele enquanto estavam na área de recepção da Island Conch Charters, em meio a outros passageiros que ali transitavam. – Acho que vamos dizer adeus.

– Foi uma experiência que eu nunca vou esquecer.

Os dois se fitaram. Ele a olhou com ternura e deu um sorriso entre doce e amargo.

Do lado de fora da janela, um raio caiu tão próximo que iluminou todo o céu e foi, imediatamente, seguido pelo ribombar do trovão. Assustador. Haley teve um sobressalto. A equipe que estava na rampa de embarque voltou correndo para dentro do aeroporto, fazendo sinais para a recepcionista, que pegou o microfone e anunciou que a pista ficaria fechada até que a tempestade de raios passasse.

– Parece que eu vou ter de esperar – disse ela, alisando as pregas da saia do vestido azul florido que usara a bordo do veleiro de Jeb há seis dias. Ela mudara muito, em um curto espaço de tempo.

Jeb conduziu-a até uma poltrona de couro, no saguão, e sentou-se ao lado dela. Ela desejou que ele fosse embora.

– Eu quero lhe agradecer, Haley – murmurou ele.

– Pelo quê?

– Por enriquecer a minha vida.

Se ela enriquecera a vida dele, por que ele estava correndo atrás de outra mulher?

– Foi você que enriqueceu minha vida.

Ele pegou a mão dela.

Ela queria resistir, puxar a mão. Deveria ter feito isso, mas, pelo contrário, encostou-se nele.

– Vou sentir a sua falta – disse ele.

– Eu também. – Ela quase não conseguiu fazer a palavra soar na garganta contraída.

– Gostaria de escrever para você.

– Não. – Ela sacudiu a cabeça.

– Como amigo.

– Não – Ela se afastou.

Jeb enfiou as mãos nos bolsos e curvou os ombros.

– Eu sei.

Se pelo menos pudessem ser amigos! Mas ele entregara o coração a outra mulher, ela não ficaria no meio dos dois. Ela já cruzara uma linha que não deveria ter ultrapassado. Recusava-se a agravar um erro de julgamento e encorajá-lo.

– Você deveria ir – falou ela com frieza.

– Haley...

– Estou falando sério. Vá. – Ela virou a cabeça e piscou rapidamente para desfazer as lágrimas que se formavam sob as pestanas.

– Você é muito especial para mim – disse ele. – Eu preferia cortar um braço a magoá-la. Nunca pretendi que isso acontecesse. Você precisa acreditar.

O problema era esse. De fato, ela acreditava nele, mas isso não mudava nada.

Ele tentou tocá-la de novo, mas, desta vez, ela teve forças para afastá-lo e ergueu a mão em sinal de advertência.

– Eu sei que você não quis me magoar.

– Mas magoei – sussurrou ele.

Ela não iria dar a ele aquele tipo de poder sobre os sentimentos dela.

– Eu estou bem, Jeb. Você não me magoou. Nem um pouco.

Ele pareceu magoado e, depois, aliviado, e então, desconfiado.

– Você está dizendo isso para me poupar.

– De coração – mentiu ela em tom irritado. – Eu não estou abalada.

Ele fez uma expressão contrita.

– Eu gosto de você, Haley. Gosto muito.

– Eu também gosto de você, mas isto não faz diferença, não é?

– O que você quer dizer?

– Ora, vamos, mesmo que você não estivesse a caminho de impedir a sua ex-namorada de se casar com outro, você e eu... – Ela sacudiu o dedo, indicando os dois, e sacudiu a cabeça. – Nós não combinamos. Mas, você e Jackie Birchard? Vocês fazem um par formado no céu da alta sociedade. Os dois são ricos, habituados à fama e frequentam os mesmos círculos. Os dois adoram navegar. Falam a mesma língua. Você e eu? Nós somos como caviar e cachorro-quente.

– Ei, você se adaptou ao mar como uma lontra.

Haley analisou os traços do rosto dele. Ele era o modelo do iatista rico, e ela carregava urinóis para viver. Não importava o quanto ela tentasse se convencer do contrário, nunca se encaixaria no mundo de Jeb.

– Foi divertido por algum tempo, mas não se pode criar filhos no mar, e é isso que eu quero ter um dia: um marido, filhos, uma vida normal. Vamos ser sinceros. Você é extraordinário demais para mim, Jeb Whitcomb.

– É você quem é extraordinária, Haley French. Eu não sou bom o suficiente para você.

– Apesar de sermos ótimos na cama, existe uma grande diferença entre incendiar os lençóis e nos darmos bem juntos, como casal.

Ele conteve a respiração, trincou os dentes e a pele bronzeada empalideceu.

- Sim... - balbuciou ele. - Talvez você esteja certa.
- Claro que estou.
- Eu queria...
- Não faz sentido querer que as coisas sejam diferentes. Elas são o que são. - Ela forçou um sorriso.
- Haley, eu...

Desanimada, ela falou com firmeza:

- É melhor você ir embora, ou chegará tarde demais para impedir o casamento.
- E se chegasse? - perguntou ele com calma.

Ela fingiu não ouvir. Levantou e se virou, porque, se não se virasse, temia cair de joelhos e implorar a ele que ficasse.

ERAM 15H45.

Com quinze minutos de antecedência, Jeb entrou no estacionamento do Píer 16, onde o casamento de Jackie seria celebrado a bordo do Anêmona do Mar. A cabeça de Jeb estava ocupada com doces lembranças de Haley.

Ele ficou sentado dentro do carro alugado e pegou o celular para ligar para ela. Soltou-o. Pegou-o outra vez e se lembrou de que sequer sabia o número do celular de Haley. Como podia estar louco por uma mulher e não saber o número do celular dela?

Hum, como você pode estar louco por ela se está aqui para dizer a Jackie que a ama?

Era isso, não era?

Ele desligou o celular e olhou o relógio digital: 15h47. Os convidados do casamento passavam por ele, a caminho do Anêmona do Mar. Uma música apropriada para casamentos soava no ar... Que surpresa: Os Carpenters. Parecia muito romântico e sentimental para Jackie.

Por que ele não saía do carro correndo e subia a prancha, exigindo que interrompessem o casamento? Declarando que falava agora em vez de se calar para sempre?

Ele tamborilou os dedos sobre o volante, sentiu um nó na garganta. Haley dissera que o estilo de vida no mar não era para ela, mas ele vira como ela se sentira ao olhar para os golfinhos: livre, cheia de vida, *feliz*. Ela dissera que um dia iria querer casar e ter filhos, e, pela primeira vez na vida, Jeb percebeu que era isso que ele também queria.

Um carro puxando um pequeno trailer estacionou atrás dele. Um homem alto, de cerca de 30 anos, usando um aparelho na perna, saiu do banco do passageiro e se dirigiu ao navio. Jeb reconheceu o meio-irmão mais velho de Jackie, Boone, mas não chamou o antigo veterano da guerra do Iraque. Boone parecia um homem que ia a caminho de uma missão, com o rosto contraído em uma expressão sombria.

Jeb sabia que ele e Jackie tinham muito em comum: pais divorciados, meios-irmãos e irmãs e o amor pelo mar. Eles seriam perfeitos juntos. Mas, quando ele fechava os olhos, Jackie não era a loura que ele via. Pelo contrário, era Haley que, com os cabelos cor de mel, enevoava a visão dele. Haley, que fizera o sangue de Jeb correr com fúria.

Boone falou com um atendente que encaminhava as pessoas, na beira da prancha, e se dirigiu a um dos prédios do píer. Eram 15h50. Jeb ficou sentado dentro do carro.

Jackie e Boone saíram juntos do edifício. Estavam tendo uma discussão acalorada. Jackie usava um elegante vestido branco e estava extremamente linda.

Jeb sentiu... Diabos. Ele não sentiu nada: apenas ficou feliz por ela.

Nem desejo. Nem atração sexual. Nem ânsia. Nem desespero.

Em vez disso, pensou em Haley.

Ele não sabia dizer por que ela o atraía tanto. Claro, ela era bonita, mas ele já estivera com mulheres mais belas – Jackie era uma delas. Talvez fosse porque Haley não gostava dele, e ele não suportava saber que alguém o rejeitava. No início, ele fizera de tudo para impressioná-la, e, quanto mais ele tentara, menos impressionada ela ficara. Só quando deixara de tentar, ele começara a desarmá-la.

Jeb se lembrou de como tinham se divertido. Velejando, localizando os golfinhos, jogando e bebendo, salvando o manati, explorando o farol.

Fazendo amor.

Uma batida na janela assustou Jeb.

Ali estava Jackie, com um enorme sorriso no rosto. Ela abriu a porta.

– Jeb!

Ele saiu do carro, e ela o envolveu em um abraço entusiástico.

– Estou tão feliz por você ter vindo. Você veio, e Boone veio com a namorada. Os dois homens de quem eu mais gosto no mundo, além de Scotty, claro. – Jackie corou com intensidade.

Nunca, em todos os anos que a conhecera, Jeb vira Jackie corar.

– Estávamos atrasando o casamento alguns minutos para que Boone e a namorada pudessem se juntar a nós. – Jackie abriu os braços como se quisesse abraçar o mundo inteiro. – Agora que você também está aqui, o dia do meu casamento está perfeito.

– Jackie, eu... – *É isso aí. Essa é a parte em que você diz a ela que a ama e que não quer que ela se case com o tal Scott.*

– Sim? – O sorriso dela era luminoso como o sol.

Jeb engoliu em seco, um tanto atônito.

– Estou feliz por você.

Era verdade. Ele estava feliz por ela.

Jackie passou o braço pelo dele e o puxou na direção do Anêmona do Mar. Atordoado, ele se deixou levar. Ele não estava apaixonado por Jackie. Nunca estivera. Não no sentido romântico. Ele a admirava e respeitava, e os dois eram amigos, mas ele nunca sentira por Jackie o que sentia por Haley.

– O que foi? – perguntou Jackie. – O que há de errado?

Ele contou tudo a ela.

– Você veio até aqui para estragar meu casamento?

– Sim, mas eu não quero mais fazer isso. Pelo seu rosto, posso perceber que você está loucamente apaixonada por Scott.

– Estou – disse ela com uma convicção que o impressionou. – Agora, fale-me a respeito de Haley.

Ele deu um enorme sorriso.

– Ela é a mulher mais incrível que eu já conheci.

– Você está apaixonado por ela.

– Estou – admitiu ele.

– Então, qual é o problema?

Jeb sacudiu a cabeça.

– Ela não me ama.

Jackie suspirou e balançou a cabeça.

– Homens. Vocês são impossíveis.

– Como assim?

– Você disse a ela que vinha até aqui para impedir o meu casamento, não disse?

Ele concordou sem nada dizer.

– Ela pensa que você está loucamente apaixonado por mim. Ela acha que você está fazendo um gesto muito romântico.

– Eu ia...

– Mas, ao longo do caminho, você se apaixonou por ela.

– Me apaixonei.

– Mas teve medo de que, se demonstrasse o que sentia por ela, isso queria dizer que eu estava certa sobre você, ao acusá-lo de ser um playboy emocionalmente instável.

– É... – Jeb abaixou a cabeça e colocou a mão na nuca.

– Bem, pense sobre isso sob o ponto de vista dela. Se ela está apaixonada por você, com certeza não vai admitir isso enquanto acreditar que você está apaixonado por outra mulher ou é um playboy emocionalmente instável.

Jackie tinha razão.

– Você acha... – Ele hesitou, com o coração acelerando. Seria verdade? Haley poderia estar apaixonada por ele? Jeb tinha medo de ter esperanças.

– Acho – disse Jackie.

– O que devo fazer?

– Diga a ela como se sente. – Ela o viu contrair o queixo. – Não deixe que o medo o impeça. Eu sei que, no passado, você tinha dificuldades para assumir compromisso...

– Não é questão de compromisso – disse ele. – Eu quero Haley mais do que qualquer outra coisa na vida. Estou tentando resolver se volto para o aeroporto antes que ela levante voo ou se fico para o casamento.

Jackie apontou para o carro.

– Vá.

– E se ela já tiver partido?

– Pegue o próximo avião e vá atrás dela.

Ele encarou a amiga. Jackie, verdadeiramente, era uma boa amiga.

– Você não se importa?

– Eu lhe dou uma pancada na cabeça se você não for. Eu precisei aprender da maneira mais difícil, Jeb. Quando você encontra alguém que o ama incondicionalmente, com todos os seus defeitos e qualidades, nunca o deixe ir embora.

Capítulo Catorze

Fetch: distância que a água percorre, levada pelo vento, para formar as ondas.

JEB PEGOU o carro alugado e correu até o aeroporto, ultrapassando o limite de velocidade permitido e rezando para não ser parado e multado. Conseguiria convencer Haley a perdoá-lo? Ele fora tão burro. Tão cego para o que estava tão evidente.

Ele a abandonara no aeroporto para correr atrás de outra mulher. Idiota. Ele a tratara com crueldade. Depois da maneira como a tinha tratado, não merecia uma segunda chance, não era digno de sequer pedir perdão.

Mas precisava tentar. Não podia deixar que ela lhe escapasse por entre os dedos.

E se o avião já tivesse decolado? Provavelmente já decolara, apesar do atraso causado pelo tempo.

Bem, se o avião já tivesse decolado, ele pegaria outro e iria para St. Michael, atrás dela. Esperava que o avião ainda não tivesse partido. Não podia esperar para abraçá-la de novo, ainda que tivessem se passado apenas poucas horas. Beijá-la mais uma vez. Dizer que a amava.

Porque ele a amava com uma intensidade que lhe tirava o fôlego.

Seria bem-feito se ela não o perdoasse. Ele sentiu uma pontada no peito e apertou a mão no volante. Não. Não suportava pensar nisso. Ela iria perdoá-lo. Ele *tinha de* convencê-la. Ganhar o amor de Haley era a missão mais importante da vida dele.

A *única* missão que realmente importava porque, sem ela, ele era apenas metade do homem que poderia ser.

Com o pulso acelerado, ele entrou no estacionamento do aeroporto. Pulou do carro e correu até o hangar da companhia aérea.

– O voo fretado para St. Michael – Ele gritou para a recepcionista. – Ainda não saiu?

– Está se preparando para partir.

Ele correu para a porta que dava para a rampa de embarque, onde estava escrito: Uso Exclusivo – Funcionários.

– Senhor! Senhor! – A recepcionista levantou-se rapidamente. – O senhor não pode entrar aí. O avião vai começar a taxiar. Senhor! Se o senhor entrar na rampa, eu vou chamar a segurança.

– PARE O avião!

Haley levantou a cabeça e olhou pela janela do jatinho.

Jeb apareceu, correndo, sacudindo os braços, fazendo sinais para o piloto.

– Pare o avião!

– Quem é esse palhaço? – O piloto perguntou ao copiloto, através da porta entreaberta da cabine, enquanto completavam a checagem dos instrumentos de voo.

Com o coração na boca, Haley se levantou depressa.

– Ele está comigo. Não levante voo.

– Desligue os motores. – disse o piloto ao copiloto.

Haley correu até a porta e agarrou a barra para abri-la.

– Como é que se abre esta coisa?

– Espere – disse o copiloto, aproximando-se para ajudá-la. – O que está acontecendo?

– Eu não sei – disse Haley, mas esperava, ah, esperava, que aquela fosse a segunda chance dela.

A porta abriu e, com isso, a escada desceu automaticamente.

Haley correu escada abaixo, enquanto Jeb subia. Os dois se encontraram no meio do caminho e se olharam.

Seria possível...? Ela não tinha ideia de por que ele a impedira de partir, mas não conseguia deixar de esperar que fosse para pedir desculpas.

– O que foi? – perguntou ela. – Jackie o rejeitou e você veio procurar a sua segunda opção?

– Não – disse ele. – Eu vim me desculpar por ser o maior idiota do mundo.

Ela sentiu o sangue lhe subir à cabeça e pulsar nos ouvidos de uma forma tão ensurdecadora, que quase a impedia de ouvi-lo. Haley perdeu o fôlego e se sentiu atordoada.

– Você, às vezes, é bem sem noção – admitiu ela.

– Não mais – disse ele.

– A respeito de Jackie?

– A respeito de você.

– De mim? – murmurou ela.

– É você que eu quero. É de você que eu preciso.

– Você espera que eu acredite?

– Haley. – Ele passou a mão na cabeça, com um ar angustiado. – Eu fico desesperado por saber que a magoei.

– Você só vai me magoar se o que estiver me dizendo não for sincero.

Jeb caiu de joelhos no degrau e juntou as mãos, em um gesto de súplica.

– Haley French, nunca na minha vida eu declarei amor por uma mulher.

Amor! Ela sentiu o coração dar um salto.

– Nem mesmo à sua mãe ou às suas irmãs?

– Você sabe o que eu quero dizer. Preste atenção.

– Nem mesmo à Jackie?

– Não.

– Nem quando chegou ao casamento?

– Não, porque eu percebi que, apesar de amar a Jackie...

Haley tomou fôlego, colocou a mão no coração e sentiu-o falhar.

– ... Eu não a *amo* no sentido de amar. Eu a amo como amiga, e *nada mais*. Foi nesse ponto que eu

me enrolei. Eu tinha sentimentos por Jackie, mas não compreendia que eles eram de amizade, e não de amor romântico.

Haley cruzou os braços.

– Levou muito tempo para você perceber isso.

– De fato, não – disse ele. – Só levou muito tempo para eu admitir. Eu comecei a me apaixonar por você naquela tarde em Divers' Beach. Só estava com medo de admitir, com medo de estar repetindo o antigo padrão, já conhecido, de passar de uma mulher para outra assim que as coisas começavam a ficar sérias.

– Como sabe que não está fazendo isso agora?

– Porque eu nunca conheci alguém como você. Nunca senti o que estou sentindo.

– Eu não estou convencida – falou ela, ignorando o coração alvoroçado. Como desejava acreditar nele!

– Eu chamei o meu barco de Segunda Chance.

– Por causa de outra mulher.

– Jackie pode ter me mostrado o caminho – disse ele. – Mas a jornada me levou até você.

– A-hã. – Ela estava tentando, desesperadamente, mostrar-se indiferente, quando tudo o que queria era jogar-se nos braços dele e beijá-lo, até que os lábios dos dois estivessem em carne viva.

– Haley, eu sei que estou lhe pedindo para esquecer muitas coisas...

– Como o fato de você ser um mulherengo.

– Fui. Isso, definitivamente, é passado.

– Como vou saber se você não vai mudar de ideia?

– Eu nunca disse a uma mulher que a amava. Não no sentido romântico. Apesar de todos os meus defeitos, eu nunca disse isso para levar alguém para a cama. O amor tem significado para mim.

– Nem para a Jackie?

– Nem para a Jackie. Só para você, Haley. Você é única. Eu amo você.

Haley umedeceu os lábios.

– Jeb.

O medo brilhou nos olhos dele, como se de repente lhe tivesse ocorrido algo incompreensível.

– Ah – disse ele, parecendo totalmente arrasado. – Você não *me* ama.

Ela não poderia continuar torturando-o daquele jeito.

– Seu bobo, claro que eu o amo.

– Como um homem pode saber disso? Ainda mais quando você se deu o trabalho de dizer que eu não sirvo para você?

– Eu estava tentando me proteger.

– Mas você me ama. – O rosto dele se iluminou com um enorme sorriso.

– Amo.

Ele a puxou para os braços e a beijou ali mesmo, na escada do avião. Um beijo longo, provocando-a com a língua.

– Muito bem – disse ela, interrompendo o beijo com um suspiro de relutância. – Precisamos deixar algo claro.

– Sou todo ouvidos.

Ela fitou os maravilhosos olhos cor do mar.

– Eu não sou uma pessoa fácil de conviver.

– A-hã. – Ele lhe mordeu o lóbulo da orelha.

O pulso de Haley acelerou.

– Eu tenho firmes convicções.

– Não se preocupe. Eu sei como fazê-la relaxar.

Claro que ele sabia. Ele lhe ensinara que era certo se divertir de vez em quando. Que a vida não precisava ser um quadro sombrio preenchido apenas por responsabilidades e expectativas.

– Tenho tendência a julgar primeiro e a dar segundas chances de má vontade.

– Eu sei. – Ele acariciou os ombros dela.

– Eu tive uma péssima experiência com um homem rico. Eu o classifiquei na mesma categoria, mas você me enganou.

– Você está admitindo que estava errada?

– Não fique tão orgulhoso. Você também tem defeitos.

– Quem? Eu? – Ele deu um beijo na ponta do nariz dela.

– Você é dado a grandes gestos, como aparecer correndo e tentar parar um avião.

– Réu confesso.

– Não é algo inteligente de se fazer.

– Funcionou, não foi? – Ele fez cócegas em Haley, e ela riu. – Mas você está certa a meu respeito. Eu era um homem arrogante, acostumado a fazer o que queria e a ser adorado.

– Eu não achava.

– Achava, e tinha razão, mas, graças a você...

– E à Jackie... Foi ela quem lhe deu o empurrão que você precisava para ir para St. Michael. Eu devo a ela um presente de agradecimento.

– Eu só estou agradecido por ter reconhecido o que sentia por você. Sinceramente, acho que aconteceu no dia em que você foi derrubada pela retranca.

– E você me fez respiração boca a boca.

Ele a encarou e a abraçou com firmeza.

– E quero continuar fazendo isso pelo resto das nossas vidas.

Que palavras românticas! Elas atingiram o coração de Haley como uma flecha.

– Para mim – disse ela –, foi naquela noite em que jogamos Eu Nunca... e eu lhe contei o meu segredo vergonhoso, e você não me julgou ou condenou. Pelo contrário, você me apoiou e me acalentou. Naquela noite, eu descobri que era mais do que sexo ou uma paixão passageira.

– Mas o sexo é ótimo, certo? – Ele franziu as sobrancelhas.

– Nem chega perto.

– Não? – Ele pareceu tão desconsolado, que ela quase soltou uma gargalhada.

– É o sexo mais incrível que eu já fiz.

– Para mim também. – Ele deu uma piscadela. – E isso diz alguma coisa.

Ela lhe deu um soco no braço, de brincadeira.

– O que acha de devolvermos o avião aos pilotos e voltarmos ao Segunda Chance? – perguntou Jeb.

– Sob uma condição – disse Haley.

– Qual é?

– Vamos mudar o nome do barco.

– Você não sabia? Dá azar mudar o nome de um barco.

– Você já mudou uma vez e teve muita sorte. Você não é supersticioso, é?

– Não quando estou com você. Que nome devemos dar?

– Que tal Felizes para Sempre?

– Foi exatamente o que eu pensei.

Ele a abraçou outra vez e a beijou longa, doce e intensamente, até que Haley soubesse, no fundo do coração, que, a partir dali, os dois velejariam tranquilamente.



flor da pele

OUSADIA
TAWNY WEBER

Seu arfar quente, desesperado ecoava pelo corredor longo e escuro. O terror aglutinava em um redemoinho sombrio de paixão enquanto a boca dele deslizava pelo côncavo sedoso da barriga dela. Os dedos dele lhe agarraram as nádegas, erguendo-a para seu prazer, totalmente sob seu controle. Ele a dominava completamente. Um calor úmido empoçava entre as pernas dela, fazendo-a se contorcer em uma súplica silenciosa. Os dedos dele aumentaram a pressão, mantendo-a como prisioneira, exigindo que ela aguardasse seu comando.

Delaney Conner bufou quando as palavras ficaram borradas na página. Deus, quem dera ser aquela mulher! Ela já havia lido aquela cena três vezes desde que adquirira o último livro de suspense erótico de Nick Angel, mas ainda permanecia fascinada por causa dela. Fascinada, diabos. Havia tido dois orgasmos graças àquele único capítulo. Três, se considerasse a lembrança evocada por ele durante o banho.

Ela trilhou um dedo sobre o rosto estampado na contracapa. Os olhos do autor, vívidos e penetrantes, prometiam uma habilidade de fazer jus ao calor entre as páginas. Ela se perguntava quanto do apelo sexual era devido às palavras em si, e quanto era por saber que elas haviam sido escritas pelo sujeito com o rosto mais sensual que ela já vira embelezando a contracapa de um livro.

– Professora Conner?

Engasgando, Delaney atirou o livro em sua bolsa de lona como se o mesmo estivesse em chamas. Com as bochechas queimando, estampou um olhar de questionamento ingênuo. Esperava que o rápido esvoaçar de cílios transmitisse inocência, e que também ajudasse a resfriar suas bochechas.

– Sr. Sims, olá – disse Delaney, o tom leve e firme, adequado para uma professora da Universidade Rosewood.

As mulheres como as heroínas dos livros de Nick Angel, quando eram flagradas fazendo sexo em locais públicos, davam um sorriso malicioso que fazia você invejar a audácia delas. Ela? Ela nem mesmo

conseguia ler os livros sensuais em público sem corar e ficar preocupada por alguém delatá-la por suas escolhas literárias imprudentes. Afinal de contas, a leitura deveria ser uma atividade educativa, nunca um entretenimento de mau gosto.

– Eu só queria dizer o quanto a palestra de hoje foi proveitosa. A evolução dos arquétipos dos personagens me fascina.

O desconforto se dissipou quando Delaney voltou para o modo professora. Os dois entraram em uma discussão sobre o assunto, Delaney ficando cada vez mais animada e empolgada conforme papeavam. Ela adorava quando um aluno absorvia seus conceitos, adorava ainda mais ver a centelha de empolgação no olhar dele. Delaney não era uma professora fácil em nenhum sentido. Ela exigia muito de seus estudantes, mantendo o programa de estudos dinâmico e desafiador. Mas se orgulhava por deter a menor taxa de reprovação em relação a qualquer outro professor do departamento de Literatura.

E o sucesso só ajudaria em sua tentativa de se tornar diretora assistente do departamento. Uma promoção e tanto, que a deixaria em posição de assumir a direção-geral do setor dentro dos próximos dez anos. Exatamente como havia planejado. E talvez, apenas talvez, aquilo lhe traria um bônus, que era atrair de fato a atenção de seu pai.

– Com licença – disse uma voz rouca.

Delaney e Sims deram passagem a uma linda morena. Maravilhosa, desde seus cabelo perfeitamente liso até os saltos altos pretos lustrosos; até mesmo seu terninho vermelho gritava poder. *Aquela* era a heroína perfeita de Nick Angel. Sensual, ousada e confiante.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

 **HARLEQUIN**[®]

Edição
4

 flor
da pele

OUSADIA

tawny weber

Um desafio que nenhum dos dois pode recusar.

Depois que a crítica literária Delaney Conner ganha uma repaginada no visual, ela começa a atrair muita atenção! Pena que venha do escritor bad boy – e super sexy – Nick Angel, cujo último livro Delaney devorou. Sua principal crítica ao romance? Falta de emoção nas cenas de sexo. Onde está a paixão? Os sentimentos? Mas quando os dois acabam na cama, ela se descobre sentindo mais do que podia imaginar... Nick a acha muito, muito atraente. Contudo, ele sabe, por experiência, que é apenas uma questão de pele. Então Nick desafia a sedutora crítica: ou ela prova sua teoria de que o amor torna o sexo inesquecível, ou admite a teoria dele, de que a melhor transa é puramente física. Não importa o vencedor, o tempo que passarão juntos tentando provar o quanto suas teorias estão corretas será deliciosamente apimentado!

 **HARLEQUIN**[®]
www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SMOOTH SAILING

Copyright © 2013 by Laurie Vanzura

Originalmente publicado em 2013 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa:

Ô de casa

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1057-4

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

[Capa](#)

[Teaser](#)

[Querida leitora](#)

[Rosto](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Próximos lançamentos](#)

[Créditos](#)



Malícia em
alto-mar

Suaave

Lori Wilde

Autora Best Seller do *NEW YORK TIMES*

 HARLEQUIN

 flor
da pele

EDIÇÃO 003